

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Heloisa Araújo de Araújo

**GEOGRAFIA E LITERATURA:
UM ELO ENTRE O PRESENTE
E O PASSADO NO PELOURINHO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**SALVADOR
2007**

Heloisa Araújo de Araújo

**GEOGRAFIA E LITERATURA:
UM ELO ENTRE O PRESENTE
E O PASSADO NO PELOURINHO**

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Federal da Bahia
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre em Geografia

Orientadora:
PROF^a DR^a MARIA AUXILIADORA DA SILVA

Co-Orientador:
PROF. ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA

Salvador
2007

A663 Araújo, Heloisa Araújo de,

Geografia e literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho / Heloisa Araújo de Araújo. _ Salvador, 2007. 152 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva.
Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, 2007.

1. Geografia humana 2. Geografia na literatura
3. Planejamento urbano – Pelourinho (Salvador, BA)
4. Espaço urbano – Pelourinho (Salvador, BA) I. Título.

CDU 911.3 (813.8) (043)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Orestes, e a minha mãe, Ida, pelo exemplo de vida, pelo amor e pela atenção que, mesmo longe, estiveram sempre muito presentes.

Ao meu grande amor, Araújo; aos meus filhos, Andressa e Andrey, pela energia, idéias, apoio, compreensão e amor com que acompanharam todas as etapas deste processo e, porque não dizer, constituindo-se a razão máxima da minha inspiração... pelas muitas palavras de incentivo, carinho e encorajamento.

A minha vó Lia, tias, tios e primos pelo apoio e carinho.

Aos meus irmãos Guto, Denise e Luciano e toda minha família por toda força transmitida durante o processo. Aos meus afilhados André Vinicius, pelo incentivo, e Juliana, também pela ajuda nas pesquisas de campo... A minha sobrinha, Nane, pela ajuda na digitação.

À professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva, por ter, primeiramente, acreditado em mim e assumido a orientação deste trabalho e, em especial, pela paciência e carinho nos caminhos que foram trilhados.

Ao professor Dr. Ângelo Serpa, pelo incentivo, pelo exemplo, mas também pela objetividade e rigidez com que me orientou, iluminando meu caminho.

Ao professor Dr. José Antonio Saja, pela participação na banca e contribuições para enriquecer esta dissertação.

Aos meus colegas e amigos do mestrado, professores e funcionários, pelo carinho ao longo desta conquista.

Às amigas Célia e Meire, por fazerem parte da minha família.

A Lui, pelo apoio constante e por cuidar, com tanto amor, dos meus filhos.

Aos entrevistados que me permitiram entrar em seus mundos, possibilitando leituras e olhares diversos do Pelourinho.

A toda minha família, pelo carinho e pelo apoio constantes.

A todos, não mencionados aqui, porém não esquecidos, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa, meu profundo agradecimento.



Vindo do Terreiro, ou da Baixa dos Sapateiros, ou do Taboão, o deslumbramento é o mesmo: está o visitante, face a face, com o mais belo conjunto arquitetônico brasileiro.

Eis a massa imensa e harmoniosa de edifícios dos séculos 18 e 19, marcada pelas torres das igrejas. É o Pelourinho, como um lago onde confluem as águas das mais variadas fontes da humanidade baiana.

(...) Durante todas as horas do dia, o tráfego incessante: operários e carregadores; verdureiros e funcionários públicos; marceneiros e soldados; engraxates, motoristas, marceneiros, prostitutas; comerciantes, padres, mães e pais-de-santo. E vêm de todos os lados e vão para os seus mais variados misteres. E sobem e descem a ladeira, e sobem e descem destes sobrados, onde se goza e se sofre, onde se ama e se odeia, onde circulam ventos e tempestades das paixões humanas. Águas serenas e águas revoltas, mansas correntes e agitados rios – homens, mulheres e crianças, vêm de todas as partes e vão dar a este lago para que integre a sua beleza, nem sempre serena, muitas vezes trágica, mas beleza que não se repete e não cansa.

(...)

Praça de muita grandeza, de muita beleza, de muito sofrimento, de muito amor. Que o visitante saiba que ela não tem somente a face exterior que revela, como um assombro. Há sua humanidade, trágica por vezes, nas suas ruas e no interior de seus sobrados.

(TAVARES, 1961, p. 123-124, 127-128, Bahia: imagens da terra e do povo).

Figura 1 - Sobrado no Pelourinho, Salvador, Bahia.

Sidney Falcão, Nanquim, aquarela e lápis de cor sobre papelão.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
SIGLAS	10
FIGURAS	11
GRÁFICOS	11
QUADROS	11
TABELAS	12
RESUMO	13
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – PELOURINHO: LUGAR DE HISTÓRIA	33
1.1 – Ocupação inicial e expansão	33
1.2 – Programa de requalificação do CHS: planejamento e as diversas fases de implantação	40
1.3 – Moradores do CHS: lutas, conquistas e sonhos.....	48
1.4 – O Estado, os movimentos populares e a garantia das famílias da 7ª Etapa do Processo da requalificação	55
CAPÍTULO 2 – GEOGRAFIA E LITERATURA NO PELOURINHO	63
2.1 – As cidades na literatura	63
2.2 – Jorge Amado: valor da memória vivida	71
2.3 – Construção do Pelourinho como cenário em <i>Suor</i>	78

2.4. – <i>Jubiabá</i> : a memória construindo identidade	86
2.5 – O Pelourinho sob o olhar da cultura e turismo	98
CAPÍTULO 3 - PELOURINHO: EM BUSCA DE UM NOVO OLHAR	104
3.1 – Lugar invisível	104
3.2 – Pelourinho como nova imagem para os turistas	107
3.3 – Pelourinho como nova imagem para os moradores	116
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	148
APÊNDICES	153

APRESENTAÇÃO

A análise da Geografia do Pelourinho, nas narrativas de Jorge Amado, na década de 1930, e nas histórias dos atuais moradores, está presente neste trabalho, composto de três capítulos, além desta apresentação, da introdução e da conclusão.

Na Introdução é apresentado o tema em estudo, com a justificativa, os objetivos geral e específicos, a reflexão teórica e o procedimento metodológico. Far-se-á a construção do mapa da área de estudo, inserida no Brasil, no Estado da Bahia, na cidade do Salvador, e a localização do Pelourinho dentro da poligonal que delimita o Centro Histórico de Salvador.

O primeiro capítulo apresenta o espaço do Pelourinho, sua expansão e como este se encontrava antes da realização do programa de requalificação. Em seguida, analisar-se-á as intervenções, ainda em andamento, no Pelourinho, seus atores intervenientes, e, principalmente, a 7ª etapa da requalificação e o papel dos seus moradores na busca de conquistas sociais.

O capítulo dois está fundamentado em meio de uma visão interdisciplinar, entre a geografia e a literatura, desvendando novas leituras e análise do lugar de estudo. Desse modo, incorporou-se a possibilidade de a literatura ser utilizada como referência para os estudos geográficos à medida que ela enriquece e completa a realidade e dualidade existente no espaço. Far-se-á a construção do mapa percorrido pelos personagens das obras *Suor* e *Jubiabá*, aqui analisadas, do escritor baiano Jorge Amado, visando a (re)conhecer se aqueles caminhos coincidem com as etapas da requalificação do Centro Histórico de Salvador e se os personagens apresentados são os mesmos encontrados hoje no Pelourinho.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa. Ao final do capítulo é feita uma análise com inferências, relacionadas com os dados primários e secundários utilizados, sobre a situação atual do Pelourinho durante a atual 7ª etapa da requalificação.

Finaliza-se o estudo, apresentando as conclusões obtidas, com indicações claras do alcance dos objetivos geral e específicos. Complementa-se o capítulo com a análise do mérito do trabalho, sob a ótica da Geografia, além de sugestões para novos estudos e trabalhos que aprofundem a discussão em torno dos temas apresentados. Após a parte textual, encontram-se dispostas as referências bibliográficas, os anexos e apêndices.

SIGLAS

Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador (AMACH)
Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)
Caixa Econômica Federal (CEF)
Centro de Estudos Sociais (CEAS)
Centro Histórico de Salvador (CHS)
Comissão de Acompanhamento as Obras (CAO)
Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER)
Cooperação para o Desenvolvimento da Morada Humana (CDM).
Departamento de Turismo e Diversões Públicas (DTDP)
Diretoria de Ações Culturais (DIRAC)
Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)
Diretoria Municipal de Turismo (DMT)
Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR)
Empresa de Turismo da Bahia S/A (BAHIATURSA)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (IPAC)
Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO)
Ouvidoria Geral do Estado (OGE)
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS)
Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU)
Programa de Arrendamento Residência (PAR)
Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR)
Programa de Subsídio Habitacional (PSH)
Programa Habitacional do Servidor Público (PHSP)
Secretaria de Combate à Pobreza (SECOMP)
Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR)
Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)
Superintendência de Turismo do Salvador (SUTURSA)
Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

FIGURAS

Figura 1 – Sobrado no Pelourinho, Salvador, Bahia	5
Figura 2 – Mapa de Localização: Brasil / Bahia / Salvador	17
Figura 3 – Mapa de Localização: CHS / Pelourinho	20
Figura 4 – Traçado urbanístico de Salvador segundo Cordeiro	34
Figura 5 – Localização do Pelourinho	36
Figura 6 – Praça da Sé, primeira versão depois de demolida a Igreja	38
Figura 7 – Mapa da Requalificação do Centro Histórico	45
Figura 8 – Vídeo sobre o Pelourinho: 2003	54
Figura 9 – Pelourinho hoje	57
Figura 10 – Imóveis da 7ª etapa vão virar moradias	60
Figura 11 – Mapa da 7ª Etapa da Requalificação do CHS	62
Figura 12 – Jorge Amado à direta com sua família	72
Figura 13 – Mapa 1ª Etapa de Requalificação do CHS	84
Figura 14 – Mapa temático de <i>Suor</i>	85
Figura 15 – Mapa da 4ª Etapa da Requalificação do CHS	90
Figura 16 – Mapa temático de <i>Jubiabá</i>	91
Figura 17 – Cena de <i>Jubiabá</i> , por Caribé	98
Figura 18 – Passeando e conhecendo o Pelô	109
Figura 19 – O carrinho do Pelô	109
Figura 20 – Poster do filme <i>Jubiabá</i>	112
Figura 21 – Igreja do Passo	113
Figura 22 – Painéis de Carybé representando orixás da Bahia	114
Figura 23 – Capoeira Angola Zagrebe	115
Figura 24 – Centro de Saúde do Pelourinho	124

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão por Sexo dos Turistas Entrevistados	107
Gráfico 2 – Faixa Etária dos Turistas Entrevistados	108
Gráfico 3 – Conhecimento dos Turistas Entrevistados sobre as Obras de Jorge Amado	110

QUADROS

Quadro 1 – As etapas da “Revitalização” do CHS	44
Quadro 2 – Patrimônio Histórico	59

TABELAS

Tabela 1 – Divisão por sexo dos turistas entrevistados	107
Tabela 2 – Faixa etária dos turistas entrevistados	108
Tabela 3 – Conhecimento dos turistas entrevistados sobre a obra de Jorge Amado	110

RESUMO

A investigação da cidade do Salvador, a partir da Geografia e da Literatura, permite o recorte de imagens produzidas em determinados tempos e contextos, realizando-se, assim, e neste trabalho, uma análise do espaço do Pelourinho, como lugar de memória, nas obras *Suor* e *Jubiabá* do escritor baiano Jorge Amado, na década de 1930 e, hoje, durante o processo de requalificação, na história de vida dos atuais moradores. Os estudos culturais vêm inaugurar um novo pensar e olhar sobre a cidade... Correlacionou-se o olhar crítico e poético da cidade, captado por Jorge Amado, através da apropriação do espaço percebido e sentido por ele, pois suas experiências semeiam memórias e representações sobre este espaço. Investigou-se o espaço vivido pelos moradores da 7ª Etapa da Requalificação, contrapondo o debate sobre o planejamento urbano, onde só nesta etapa puderam participar. Diante do objetivo proposto, optou-se por uma metodologia de caráter qualitativo, sob a forma documental, bibliográfica e de campo, pois parte-se do pressuposto que o lugar de memória é aquele experienciado: dando àqueles sentimentos e significados. Os caminhos percorridos pelos personagens da obra *Suor* coincidem com os da 1ª etapa da requalificação do CHS, e em *Jubiabá*, com os da 4ª etapa, unindo passado e presente no cotidiano do Pelourinho. Com o estudo destas obras, concluiu-se que não há uma única cidade: elas são múltiplas. Repensar as práticas de requalificação, nas quais os desejos e os sonhos dos moradores são conhecidos, elevaria o homem à condição de sujeito nesse processo. Trouxe-se uma dimensão multifacetada do Pelourinho e dos sujeitos que o freqüentavam. Apresentou-se uma reflexão sobre a importância do lugar e do modo como ele é percebido pelos moradores, turistas nacionais e estrangeiros e pelos órgãos públicos. Esta pesquisa, ao percorrer os caminhos da interdisciplinaridade, visa a contribuir com o desenvolvimento de outras tantas na linha da Geografia Humanística, bem como convidar os planejadores urbanos a “vivenciarem” os lugares nos quais farão as intervenções. Experienciou-se, aqui, também, um instigante e apaixonante novo desafio: a Geografia na Literatura.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Pelourinho.

ABSTRACT

The inquiry of the city of Salvador, from Geography and Literature, allows the clipping of images produced in determined times and contexts, becoming fulfilled in this study an analysis of the space of the Pillory, as memory place, in the books *Suor* and *Jubiabá* of the Baiano writer Jorge Amado, in the decade of 1930 and today, during the process of requalification in the history of life of the current inhabitants. The cultural studies come to inaugurate a new way to think and to look at on the city... The critical and poetical look of the city, caught for Jorge Amado was correlated through the appropriation of the space perceived and felt for it, therefore its experiences sow memories and representations on this space. It was investigated the space lived for the inhabitants of the Seventh Stage of Requalification opposing the debate on the urban planning, where in this stage the participation of the inhabitants only happened. Considering the objective, a qualitative character methodology was opted, under the documentary form, bibliographical and field, thinking of the estimated memory place is that one lived deeply and experienced, giving to them feelings and meanings. It was used half-structuralized personal interview, contends opened, closed and double questions. The intentional not probabilistic sampling was used (or for judgment, or vagueness doctrine). The ways covered for the personages of the book *Suor* coincide with the ones of first stage of the requalification of the CHS, and in *Jubiabá*, with the ones of fourth stage, joining past and present in the daily of the Pelourinho. With the study of these books the conclusion is that it does not have an only city: they are multiple. To rethink the practical ones of requalification, in which the desires and the dreams of the inhabitants are known, would raise the man to the condition of citizen in this process. A multifaceted dimension was brought of the Pillory and the citizens that frequented it. A reflection was presented on the importance of the place and the way as it is perceived by the inhabitants, national and foreign tourists and for the public agencies. This research, when covering the ways of the inter discipline, aims at to contribute with the development of others as much in the line of Humanistic Geography, as well as inviting the urban planners "to live deeply" the places in which will make the interventions. And that these are human beings, focusing itself the diverse inhabitants who inhabit it and that in it also they dream. With Geography and Literature, the reality was understood better and the condition human being... trod new, pulsates ways in that experienced space. To

look at is to feel what it is seen... and in the Pillory in the City of Salvador, Bahia, much was seen, learned very, felt... was lived. The man, with its dynamic body, complete and complex, beyond living creature, is integrant part of this space. He lived deeply himself, here, also, an instigate and lovely challenge: Geography in Literature.

Key - Words: Geography; Literature; Pillory.

INTRODUÇÃO

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grandes janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serraduras, entalhes, esfoladuras.

(ÍTALO CALVINO, *As cidades invisíveis*)

O Pelourinho, localizado na cidade do Salvador, Bahia, guarda em cada rua, ladeira e beco... segredos, encantos, desencantos, magias... Inspiração e fascínio de vários poetas, pesquisadores, pintores, escritores, entre eles, o escritor baiano Jorge Amado em vários de seus romances... Neles, suas narrativas descrevem as relações sócio-espaciais, tanto no plano do pensamento objetivo/racional, como no plano da subjetividade.

Espaços se descrevem, se circunscrevem, se transformam e podem ser poéticos, dependendo da forma como são interpretados ou representados, quando carregados de recordações e significados, estes adquiridos através da experiência. Para Bachelard (1993, p.19), “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente à mensuração da geometria. É um espaço vivido. E vivido não em sua posteridade, mas com todas as parcialidades da imaginação”.

Salvador, importante cidade brasileira, primeira capital do Brasil, tem uma trajetória de muita história. De um lado, uma cidade que encanta o mundo com sua beleza, mistério e riqueza arquitetônica; de outro, a cidade que segrega pela grande desigualdade social, que esconde um mundo de miséria.

O Pelourinho abrangia, antigamente, a área compreendida entre o Terreiro de Jesus e a Praça dos 15 Mistérios. Segundo Rocha (1994, p. 23), “dentro destes limites estão localizados alguns dos mais importantes monumentos da arquitetura religiosa e civil do Brasil, solares, conventos e igrejas dos séculos XVII e XVIII”.

A importância do Pelourinho ficou caracterizada por Silva e Pinheiro (1997, p. 1) quando afirmam:

El Pelourinho... tras conocer tiempos de esplendor y miseria, de indiferencia y abandono y, por último, de restauración de su grandeza histórica, la urdimbre del Pelourinho circunscribe un largo período que se inicia y confunde con el origen de la ciudad de Salvador, la más antigua aglomeración urbana brasileña, que durante 214 años fue la sede del gobierno colonial de Portugal (1549-1763) y durante tres siglos fue la ciudad más importante de la América portuguesa.

Na figura 2, o mapa da localização do Salvador:

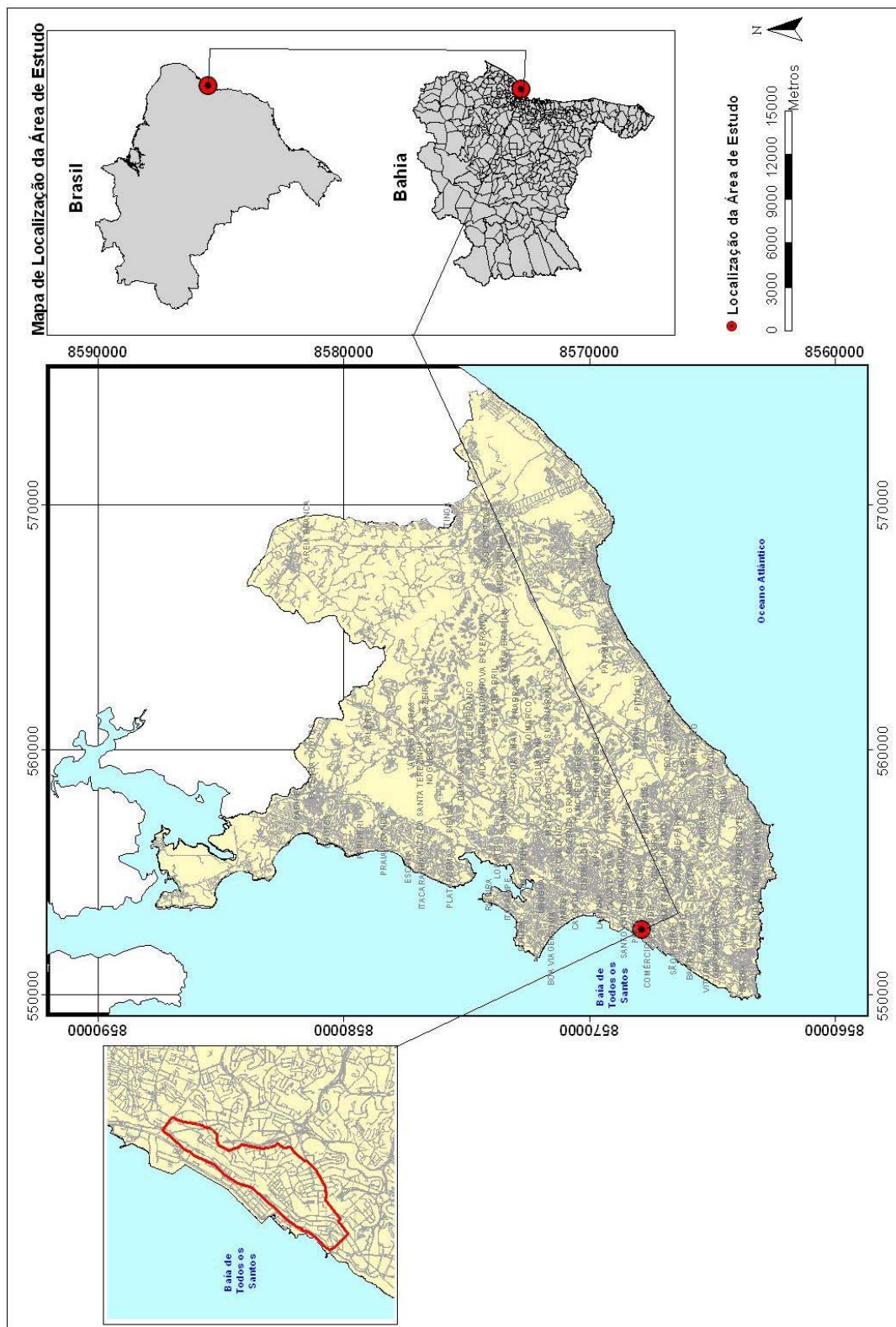


Figura 2 – Mapa de Localização: Brasil / Bahia / Salvador.

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo

Considerado a principal área de expansão urbana da cidade, no século XVII e até meados do século XIX, viveu momentos de requintes, época de prosperidade econômica, onde os senhores de engenho, desembargadores e altos funcionários da administração pública construíram seus suntuosos casarões. É quando também as ordens religiosas erguem suas mais grandiosas e luxuosas igrejas.

Na segunda metade do século XIX, desencadearam-se mudanças significativas nas formas de sua ocupação e uso do solo. As classes privilegiadas que ali residiam começaram a migrar para outros pontos da cidade, como para o Campo Grande, Vitória e Barra, em busca de espaços mais abertos e arborizados, objetivando construir suas mansões.

Local de sonhos, lutas e mistérios, o Pelourinho inspirou Jorge Amado e o cenário de vários de seus romances, a partir da década de 1930, onde o autor utiliza o espaço geográfico como espaço de vivência e relata, através dos seus personagens, as péssimas condições de vida dos seus moradores.

Nesse sentido, há de se ressaltar que a experiência e vivência do escritor Jorge Amado, que morou na adolescência na Ladeira do Pelourinho, num pensionato que funcionava num casarão, o 68, foram essenciais e enriquecedoras para representá-lo.

No século XX, em 1985, o Pelourinho foi tombado pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – como Patrimônio da Humanidade em razão da sua história e beleza arquitetônica.

Os vários usos do espaço do Pelourinho inserem-se no processo de produção e reprodução do capitalismo, já que são, simultaneamente, produto e condição para a sua existência e continuidade. Carlos (1994, p. 33) salienta que a “medida em que a sociedade produz e reproduz a sua existência de um modo determinado, este modo imprimirá características históricas específicas a esta sociedade e conseqüentemente influenciará e direcionará o processo de produção espacial”.

Iniciou-se em 1992, o “Programa de Revitalização”¹ do Centro Histórico do Salvador, com os objetivos de promover a recuperação e a restauração física da área, do seu potencial produtivo e da sua organização social (CONDER, 1995). Faz-se, ainda hoje, a restauração física do local.

Esta pesquisa busca analisar o espaço do Pelourinho, como lugar de memória, nas obras *Suor* e *Jubiabá* do escritor baiano Jorge Amado e, hoje, durante a 7ª

¹ O termo “revitalização” deveria ser substituído por requalificação pela natureza das intervenções, que requerem tanto o contexto físico (arquitetônico) quanto o econômico e o social.

etapa do processo de requalificação do Centro Histórico de Salvador - C.H.S. Focar-se-á “como” as obras literárias de Jorge Amado analisadas constroem e legitimam o Pelourinho como lugar de memória. E, atualmente, durante o processo de requalificação do Centro Histórico de Salvador, como se constrói a memória do Pelourinho?

Busca-se compreender o Pelourinho, como lugar, nos estudos de Tuan. Para ele, o afeto que se tem por um lugar está, portanto atrelado à experiência que se pode ter neste espaço. Tuan (1983) considera que as pessoas podem desenvolver afetividade pelos espaços quando estes se transformam em lugares, permitindo uma real experiência espacial.

A riqueza das obras de Jorge Amado, referentes ao Pelourinho, pode ser comprovada, pois foi o romancista brasileiro com maior número de obras traduzidas em todo o mundo e detentor de inúmeros e importantes prêmios nacionais e internacionais. O autor considera a cidade e as relações nela tecidas na produção de seu imaginário e das apropriações dos personagens que nela habitam, fazendo-a múltipla de significados para que ocorram as práticas sociais.

Nesta perspectiva, pode-se inferir que Jorge Amado vai muito além da narrativa, pois está fortemente inserido na história que cantou e encantou, através da realidade vivenciada. Como ratificam Silva e Pinheiro:

Ninguém contou melhor do que ele o mar, os becos e vielas, as ruas íngremes e os mistérios e magias da cidade da Bahia, espaço privilegiado na ficção amadiana. Não há, portanto, qualquer dúvida de que a cidade é fonte de inspiração de escritores e desafio cotidiano de seus habitantes... (SILVA e PINHEIRO, 2004, p. 27).

Assim, sua narrativa é o reflexo da cidade... Explorar-se-á o texto literário, em conjunção com o texto geográfico, enquanto fonte de conhecimento do social e do econômico, com diferentes formas de percepção e leitura do real. Desta maneira, Cândido (1985, p. 5) ressalta que “o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos.”

Este contexto fez surgir algumas questões: Quais os limites desse Pelourinho nos romances? Coincidem com os limites da “requalificação”? Qual o cotidiano dos personagens e dos atuais moradores do Pelourinho?

Na figura 3, o mapa do Pelourinho dentro da poligonal que delimita o Centro Histórico do Salvador:



Figura 3 - Mapa de Localização: CHS / Pelourinho.

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo

Essa representação espacial e social, elaborada por Jorge Amado, poderá contribuir para se pensar e repensar esse Pelourinho, que presencia e vive hoje a 7ª Etapa da requalificação do Centro Histórico, especialmente no que se refere ao atendimento habitacional, adequado a sua população moradora que, através de protestos e lutas da Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador (AMACH), garantiu a efetiva participação nas importantes decisões desta etapa.

Sua parte central e física está verdadeiramente transformada. Nesta 7ª Etapa, o processo de relocação está acontecendo com a participação dos moradores, porque também no Relatório da Missão Conjunta da Relatoria Nacional e da ONU, de 29 de maio a 12 de junho de 2004, foram identificadas inúmeras violações no CHS: Violação do Direito à Moradia Adequada (art.6º, da Constituição Federal); Violação do Direito à Gestão Democrática da Cidade (art. 2º, inc.II, da Lei Federal nº. 10.257/01); Violação do Direito à Identidade e Manifestação Cultural (art. 215 e 216, da Constituição Federal) e a Não-discriminação (art.3º, inc.IV, da Constituição Federal); Violação do Direito ao Trabalho (art.1º, inc. IV; e art.170, incisos VII e VIII, da Constituição Federal) e Recomendações ao Governo Brasileiro.

Para a Missão, ficou clara a preocupação do poder público apenas com o patrimônio arquitetônico e o desprezo ao patrimônio humano, que são os moradores do Pelourinho.

O Programa de requalificação até a 7ª etapa mostrou-se um desafio ao poder público, tendo em vista os insucessos nas relocações e indenizações dos seus moradores. Uma reflexão se faz oportuna: onde “está” ou “como ficou” a preservação da memória e da identidade cultural desta população? Os antigos moradores foram expulsos por não se enquadrarem nas novas exigências que se impuseram ao local, uma vez que eram tratados como “a vergonha da cidade”.

Nesta visão, Carlos (2004, p.112), enfatiza que um dos “subprodutos da revitalização é a assepsia dos lugares, pois o degradado é sempre o que aparece, na paisagem, como o pobre, o sujo, o feio, exigindo sua substituição pelo rico, limpo, bonito; características que não condizem com a pobreza”.

Transitar, partindo-se das vivências para uma análise do espaço geográfico, é uma tarefa fundamental para a Geografia, à medida que se cria base para conceber, produzir, transformar e interpretar o espaço, a partir dos anseios e das várias e reais necessidades e desejos de sua população.

Foi esse novo olhar, em relação ao Pelourinho, que a disciplina O Espaço Geográfico na Literatura proporcionou às reflexões sobre o “Espaço Geográfico, através das obras de Jorge Amado: Suor, Jubiabá e Mar Morto”. Nas suas obras, o escritor utiliza o referido espaço geográfico para denunciar, de forma crítica e criativa, os problemas que afetam diretamente os moradores do Pelourinho, do entorno e de toda a Cidade. Escreve com a propriedade de quem conhece e fala sobre o espaço vivido e percebido; remete a importância dos seus romances para o estudo do passado ao retratar todo um imaginário de uma época.

A pesquisadora motivou-se em conhecer o Pelourinho, não mais com o olhar de turista, já que estava morando há apenas dois anos em Salvador. Ver esse novo Pelourinho, observar e viajar nele, através das obras de Jorge Amado, foi essencial para o desenvolvimento de um artigo, na disciplina Análise Ambiental Urbana, sobre o Programa de “Recuperação” do CHS e suas diversas etapas, identificando os aspectos positivos e negativos, na visão do seu público-alvo, desde o seu início até setembro de 2004, com a utilização de uma visão integrada, holística, histórica e social.

Ratificou-se, assim, a idéia sobre o foco da dissertação a ser realizada e há muito sonhada: o Pelourinho, onde o passado torna-se presente por meio do processo de interação e construção da memória. Ele se transforma em cenário das grandes mudanças sociais, econômicas e políticas, originadas pelas diversas intervenções e reconfigurações espaciais, culturais e socioeconômicas.

Assim, a comunidade social e acadêmica terá a sua disposição um estudo sobre o Pelourinho, como lugar de memória, e reflexões acerca das suas origens e transformações e da importância para este das obras de Jorge Amado e da atual 7ª etapa da requalificação.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar o espaço do Pelourinho como lugar de memória, nas obras *Suor* e *Jubiabá* do escritor baiano Jorge Amado, na década de 1930 e, hoje, durante o processo de requalificação, na história de vida dos atuais moradores.

Objetivos Específicos

- Relacionar as principais alterações no uso do solo do Pelourinho;
- Sintetizar o “Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador” e suas diversas fases de implantação;
- Distinguir se os personagens e os caminhos relatados nos romances são os mesmos encontrados hoje no Pelourinho;
- Descrever a situação atual dos moradores do Pelourinho.

Reflexões teóricas

“O despertar é silencioso, mas abrangente. Essa retomada das origens é necessária para o nosso próprio equilíbrio interior. A volta à natureza é também uma arte, a participação na grande arte de viver.” (ANDRÉS, *Os caminhos da arte*).

Abordar-se-á o espaço do Pelourinho, sob o enfoque da Geografia Humanística, enfatizando o conceito “lugar” como foco da afetividade e da relação com o meio ambiente e utilizando-se, como aporte teórico-metodológico, a Fenomenologia para a abordagem do lugar que visa a descrever qual o significado do Pelourinho como lugar de vivência. Neste viés, far-se-á a discussão acerca da importância das obras de Jorge Amado e do processo de requalificação do Pelourinho e de sua relevância, pois estas “carregam” o sentimento de pertencimento ao lugar.

Para Oliveira, L. (2002), as Ciências Humanas têm procurado várias explicações para a compreensão do homem e do seu ambiente na fenomenologia, tendo-se a vivência e a experiência como os pilares dessa relação. A filosofia sempre privilegiou o pensamento e a contemplação, ou seja, busca ir além da experiência ingênua do mundo.

Milton Santos considera que os geógrafos, junto com os cientistas sociais, devam se preocupar com o espaço legitimamente humano e observa:

... um espaço que una os homens por e para o seu trabalho, mas não em seguida os separar em classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço natureza social aberta a contemplação direta dos seres humanos, e não um artifício; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por uma outra mercadoria, o homem artificializado. (SANTOS, 1978, p. 219).

Nesta perspectiva, Santos (1995, p. 24) ressalta que o Pelourinho pode ser estudado sob o “ponto de vista da fenomenologia,... sobretudo se acrescentamos o enfoque existencialista. Eu diria que a sociedade ela é; o que existe é o espaço. O espaço é a existência da sociedade”.

Vários filósofos e geógrafos tentaram definir o espaço ou buscaram se aproximar do seu sentido. Edmund Husserl (1859-1938), filósofo alemão, é considerado o fundador da Fenomenologia Moderna. Alertou que se deveria buscar as essências do fenômeno e isso só poderia ser feito indo ao encontro dos sujeitos no seu “mundo da vida”.

Husserl incluiu, como idéia fundamental em sua fenomenologia, a noção de intencionalidade como sendo algo inerente ao ato do conhecimento. Para Husserl (1986, p. 170), a fenomenologia é um caminho, ou seja, um método e conclui que o “desenvolvimento de um método real para compreender em sua intencionalidade a essência fundamental do espírito e para construir a partir daí uma teoria analítica do espírito que se desenvolva até o infinito de modo coerente, conduz à Fenomenologia Transcendental”.

Para Bachelard (1993), em outra visão, a fenomenologia da imaginação é o fenômeno do aparecimento da imagem poética da alma do ser humano. A base dessa via poética é a experiência fenomenológica da presença. Assim, Bachelard (1993, p. 9) assinala:

A fenomenologia não alcança o momento do racionalismo dos conceitos, o instante da nova consciência, onde o racionalismo subitamente nega a história da aquisição das idéias para designar e organizar as idéias constitutivas... A tomada de consciência racionalista é, pois nitidamente uma nova consciência. É uma consciência que julga seu saber e que quer transcender o pecado original do empirismo.

O autor ressalta que o estudo dos movimentos da imaginação deve conduzir ao infinito, que na linguagem dos poetas, corresponde a imaginação pura. Assim, a imagem literária desvela o papel imaginante da linguagem. “O poeta não me confere o passado de sua imagem e, no entanto, ela se enraíza imediatamente em mim”. (BACHELARD, 1993, p. 2)

Neste amplo campo de reflexão, a geografia e a literatura se entrecruzam como leituras possíveis de uma recriação imaginária da realidade, que constroem e dão sentido ao mundo. Ao mesmo tempo em que se aproximam ficção e realidade,

observam-se também suas diferenças e constata-se que as narrativas literárias, geográficas e históricas são formas diferentes de percepção do real.

Nesse sentido, o texto literário cria as condições de ampliar e lançar a construção de conhecimento, de maneira a formar novos conjuntos de idéias, imbuídas da narrativa vivenciada e da objetividade buscada pela ciência, via a inserção das obras da literatura e da geografia. Uma interdisciplinaridade de conhecimentos fomenta a importância do desenvolvimento e do amadurecimento da capacidade de se “ler” o Pelourinho de diferentes pontos de vistas, sob diversos olhares.

O caminho teórico e conceitual serve de aporte para novas discussões, novas formas de leituras sobre o lugar. Pretende-se discutir o conceito de lugar à luz dos conceitos de Tuan, além de construir-se um diálogo com outros teóricos da Geografia, da Filosofia e da Antropologia, como norteadores do entendimento de como se dá esse sentimento dos moradores e turistas em relação ao Pelourinho.

As grandes cidades apresentam lugares e não-lugares. Segundo Augé, o lugar se define por seu caráter identitário, histórico e relacional e “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. (AUGÉ, 2003, p. 73). O ato poético que identifica a arte é um dos dispositivos de retomada desse espaço subjetivo da cidade.

A expressão “lugares de memória” foi criada pelo historiador francês Pierre Nora (1993) que chama a atenção para as questões significativas das sociedades modernas, com relação à cultura contemporânea, principalmente entre a consciência coletiva e entre a memória e a identidade.

Outros conceitos se somam a esse debate – são o de memória e patrimônio. Le Goff (1977) faz considerações acerca do pensar e do conhecer, tendo como eixo base a preocupação com a memória, impedindo que os acontecimentos se percam no fluir do próprio tempo.

A experiência dos espaços estrutura os padrões de identificação do sujeito com o meio ambiente. Segundo Tuan (1983, p. 10), “experiência é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele”. Portanto, é necessário que o processo cognitivo se desenvolva, através da percepção e da apreensão do espaço, para que o indivíduo possa conhecê-lo e ter a consciência da possibilidade de sua atuação sobre ele.

Neste contexto, acredita-se que o lugar expressa os significados e o sentido da experiência vivida. Como o próprio autor enfatiza, quando afirma que “o que co-

meça como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. (TUAN, 1983, p. 6).

Para Relph (1976), o lugar não pode ser definido em termos de localização, e sim, na construção da identidade das pessoas, ou seja, quanto maior a relação entre a pessoa e o lugar, maior é a identidade entre eles. O autor destaca que na experiência do lugar existe a sensação de pertencimento, da própria vivência prolongada, fundamental para a caracterização do lugar.

Santos (2000) ressalta a importância do estudo dos lugares para um verdadeiro entendimento dos processos de produção e reprodução espacial. Seu pensamento percorre dois caminhos básicos: reflexões filosóficas sobre a natureza do espaço geográfico e a compreensão do mundo, a partir das experiências em torno do vivido das pessoas, dando destaque à categoria lugar.

O lugar “não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada”. (SANTOS, 2000, p. 114). Assim, o lugar, sob o ponto de vista de mundo vivido, leva a análise geográfica a uma outra dimensão: a dos objetos, das ações, das técnicas e do tempo. Daí advém a “força do lugar”, pois cada um deles tem sua história, expressa no modo de viver das pessoas, de se organizar e de se pensar alternativas. “Essa é uma realidade tensa,... e onde a globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência” (SANTOS, 1996, p. 252).

O conceito “lugar” passa a conduzir o entendimento da transformação da natureza em produto cultural, por meio de valores, sentidos e sentimentos, gerados por determinadas sociedades com o seu espaço experienciado. Carlos (1994, p. 89) ressalta que no “lugar emerge a vida... Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida”.

Merleau-Ponty (1999, p. 328) sugere que “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”. Entende-se espaço a partir da experiência do eu, do outro, com o mundo vivido e não vivido. Para tanto é necessária a percepção, que é própria de cada um, pois perceber algo é ter consciência deste algo.

A importância da nossa experiência em ver o mundo é destacada por Merleau Ponty (2000, p. 64), quando preconiza que “... ao mesmo tempo é verdade que

o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo". Então, realidade é o "vivido".

Assim, Jorge Amado escreveu suas obras tendo por base a vida, sua percepção e seu contexto. Desta forma, seus livros dialogam com o seu tempo. "A realidade foi a fonte permanente de sua ficção, os personagens do romancista resultam da soma de figuras que fazem parte da sua experiência de vida". (SANTOS, 1993, p. 35).

O professor Carlos Augusto de F. Monteiro realiza pesquisas procurando o que chama de "conteúdo geográfico de criações romanescas". Dentre suas obras, destaca-se "O Mapa e a Trama", na qual deixa bem claro que o mapa significa o contexto estrutural de configuração espaço-temporal, onde acontece o dinamismo da ação à trama, criada pelo escritor. Ressalta que "os bons escritores, como testemunhos de seu tempo, captam eventos retratando os aspectos da condição humana que tiveram lugar". (MONTEIRO, 2002, p. 86)

Ressaltam-se os trabalhos da Professora Livia de Oliveira (2002), geógrafa, pesquisadora e precursora na introdução e no desenvolvimento de pesquisas voltadas à percepção e à cognição do meio ambiente. Desde a década de 1970, ela vem divulgando e influenciando pesquisadores nas linhas de pesquisas voltadas à percepção e à compreensão do homem em seu ambiente vivido.

As obras literárias constituem documentos desafiadores. Nelas, acham-se textos que lêem a cidade, pois são representações do real, apropriadas pelos sujeitos. Para Le Goff (1994, p. 13), elas "refletem não só as situações concretas, mas também um imaginário de poder, da sociedade, do tempo, da justiça". É, enfim, considerar a cidade na fala de seus moradores...

Le Goff (1977) foi o principal responsável, nas últimas décadas, pela difusão internacional da visão e valorização da memória como categoria explicativa do social. Vale aqui ressaltar a importância da memória como elemento da identidade e de pertencimento do morador ao seu lugar.

Assim, o Centro Histórico "requalificado" torna-se inviável para seus antigos moradores, devido à valorização imobiliária, convertendo-se numa constante e crescente tensão entre uma permanência material estilizada e uma profunda ruptura social, tristemente acompanhada da impossibilidade da vida urbana que lhe dava sentido.

Um grande exemplo dessa alienação é a falta de participação da população local do Pelourinho, até a sua 6ª. Etapa. Assim, para Oliveira, A. (2002, p. 15):

A memória utilizada como pano de fundo foi a memória que sempre prevaleceu nos processos de preservação/conservação do nosso patrimônio histórico, uma memória unitária/ centralizadora cujo objetivo foi privilegiar (...) a uma elite branca/ católica/ culta sem a participação de mais ninguém. (OLIVEIRA, A. 2002, p. 15)

Os espaços de poder ou dominantes são lugares dos “homens lentos, que teimam em não se adaptar à nova ordem”, que insistem em oferecer resistência ao modelo hegemônico, que são a melhor alternativa ao desenho global, apresentado pelo capitalismo. “Deixado ao quase exclusivo jogo do mercado, o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadãos”. (SANTOS, 1997b, p. 43).

Milton Santos, ao discutir os imperativos econômicos da globalização sobre a geografia cultural das cidades, aponta a presença das contra-racionalidades, essa força que se baseia nas horizontalidades sociais e no cotidiano, como “mundo da heterogeneidade criadora”. (SANTOS, 2000, p.127). Essas contra-racionalidades se caracterizam pelos espaços das vivências cotidianas, a despeito das forças globalizantes e homogeneizantes do capital.

Procedimentos Metodológicos

Referindo-se à "polifonia da cidade", Canevacci propõe que uma maneira de pensar e conhecer a cidade estão no objeto e no método:

...significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escolha metodológica de dar voz a muitas vozes. (CANEVACCI, 1999, p. 18).

Na primeira fase, buscando compreender melhor o objeto de estudo, o Pelourinho, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática, por meio de fontes de consultas variadas, como artigos, jornais, livros, dissertações e teses.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida uma pesquisa documental e cartográfica em órgãos públicos, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Fundação Gregório de Matos, Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística, Companhia de Desenvolvimento de Salvador e Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural.

Diante do objetivo proposto, optou-se por uma metodologia de caráter qualitativo, mais apropriada à realização deste estudo, pois parte-se do pressuposto que o lugar de memória é aquele experienciado, dando àquele lugar sentimentos e significados. Utilizar-se-á os conceitos e teorias desenvolvidas no âmbito da geografia humanística e da percepção, bem como da fenomenologia. Trabalha-se a percepção, a partir de Merleau-Ponty, e, imaginação, a partir de Bachelard, entendendo o lugar Pelourinho através das narrativas de Jorge Amado e da experiência dos seus moradores.

Para Moraes e Costa (1987, p.29), o método constitui o ponto de partida, mas ele “não deve ser visto como algo estático e cristalizado; não deve ser uma camisa-de-força para o pesquisador”.

A pesquisa qualitativa cobre diversas formas de investigação, ajudando a compreender e descrever o significado dos fenômenos (ALVES FILHO, 2000) e começou a ganhar espaço reconhecido na Sociologia, na Antropologia e na Psicologia, e, de acordo com Godoy (1995, p. 57-63), tem permitido a análise de alguns aspectos mais amplos de interesse da área, objeto desta pesquisa.

Neste tipo de pesquisa, não existem regras precisas e passos a serem seguidos. O bom resultado da pesquisa depende de sensibilidade, intuição, bom senso e experiência do pesquisador, pois, segundo Honório (1997), é "um estudo que envolve a obtenção de dados sobre pessoas, lugares e processos interativos, pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada" e onde as dificuldades e os limites da pesquisa, as contradições apresentadas, as consistências ou inconsistências das respostas devem ser claramente explicitadas pelo pesquisador para que outros pesquisadores analisem as conclusões obtidas. (GOLDENBERG, 1999)

A preocupação, portanto, está no processo, e não simplesmente nos resultados ou no seu produto. Com a utilização da pesquisa qualitativa pode-se estudar as inter-relações das situações, freqüentemente invisíveis para os observadores externos. O interesse, sem dúvida, é verificar como um determinado fenômeno se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações diárias, porque se acredita que qualquer fenômeno pode ser melhor compreendido e observado no próprio contexto em que ocorre e do qual faz parte.

Com base na realização das entrevistas com moradores da área pesquisada, busca-se explicitar quais as relações afetivas que estes mantêm com o Pelourinho. Assim, a partir das representações individuais dos moradores, chega-se a uma representação coletiva. Significa, antes, descrever os fatos tais como são vividos, ou seja, tal como são concretamente revelados na experiência. Ouvir as narrativas significa entrar em contato com os fragmentos do passado para ter sentido o presente.

Os dados primários, sendo dados que nunca foram coletados, são obtidos normalmente a partir de pessoas, através de suas opiniões e decisões, são importantes à determinação do método pelo qual o pesquisador irá chegar à pessoa entrevistada, à metodologia de formulação das perguntas e à forma como serão registradas as respostas. (LIVINGSTONE, 1982, p. 13).

Neste estudo, utilizou-se a entrevista pessoal e a observação. O roteiro de entrevista fornecerá o entendimento do espaço do Pelourinho, enquanto lugar de memória, assim como suas diferentes formas de ocupação. A construção de cartogramas permitiu, por sua vez, a visualização das ruas, e também de seus diferentes usos ao longo do tempo.

Concebe-se o trabalho de campo como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento, compreensão e interpretação do espaço do Pelourinho, enquanto realidade. Benjamin (1994) faz uma importante consideração sobre a memória na relação da cultura, por intermédio das vivências dos seus cidadãos, e realiza uma narrativa delineada por suas experiências históricas e culturais.

Os dados secundários, por sua vez, são dados que já foram colhidos para um outro propósito, segundo Nickels (1999, p. 92). Mas, embora os dados secundários tenham sido coletados para outra finalidade, eles foram muito úteis para o propósito deste estudo, além de se constituírem fontes mais rápidas, econômicas e de fácil acesso.

No enfoque qualitativo, de acordo com Trivinos (1987), pode-se usar a entrevista estruturada, ou fechada, a semi-estruturada e a entrevista livre ou aberta. A entrevista semi-estruturada, utilizada neste estudo, valoriza a presença do investigador e, ao mesmo tempo, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante, seguindo a linha do seu pensamento e de suas experiências, alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, mas enriquecendo a investigação e participando na elaboração do conteúdo da pesquisa, mas mantendo-se no foco colocado pelo pesquisador.

Pode-se entender entrevista semi-estruturada, de acordo com Triviños (apud LA BANCA, 2001, p. 65-66), "como aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas", ou como aquela que, de acordo com Richardson (1985), permite obter certas informações do entrevistado, os fatos que ele conhece ou do seu comportamento, conhecer a sua opinião, explorar suas atividades e motivações e identificar a sua capacitação, bem como a sua formação.

O roteiro de entrevistas, Apêndices A, B e C, é composto de questões fechadas e abertas. O roteiro das entrevistas requer muita preparação do pesquisador e o ajuda a não perder o foco e a lembrar sobre as informações que deviam ser coletadas em função de sua relevância para o estudo e para os objetivos focados.

Na pesquisa qualitativa não existe uma preocupação extenuante com a determinação precisa do tamanho da população investigada ou com a amostra retirada desta. A preocupação maior é com a representatividade da amostra e não com a quantificação desta. Neste tipo de pesquisa, Triviños (1987, p.132) afirma que se "procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participam no estudo".

A amostra de 20 moradores entrevistados, de diferentes faixas etárias, gênero e situação socioeconômica, considerando-se preferencialmente aqueles que já moram no CHS há mais de 20 anos, além de representantes dos órgãos públicos, IPAC e CONDER, e dos 80 turistas, dos quais 40 nacionais e 40 estrangeiros, foi selecionada através de amostragem não probabilística. Na visão de Sâmara (1997, p. 70), ela é selecionada "por critérios subjetivos do pesquisador, de acordo com sua experiência e com objetivo do estudo.

Aplica-se este tipo de amostragem em pesquisas exploratórios ou qualitativos, como este estudo. Os entrevistados incluídos foram considerados pela pesquisadora como "típicos" da população, apesar de não ser possível se fazer afirmações assertivas e conclusivas sobre a população em estudo (MATTAR, 1999, p. 272). Assim, na perspectiva de Silva e Menezes (2001, p. 32), foram "escolhidos casos para a amostra que representem o bom julgamento da população/universo".

O objetivo destas entrevistas, com estes públicos, é apresentar uma reflexão sobre a importância do lugar e do modo como ele é percebido e sentido. A discussão teórica, até aqui, tentou enfatizar o lugar que considera as imagens construídas, através das experiências vividas, revelando suas representações sobre aquele lugar.

A quantidade de entrevistados baseou-se na consistência dos dados obtidos, nas entrevistas pessoais e, portanto, foi representativa da população. Com esta amostra acredita-se que foram alcançados os objetivos propostos neste estudo.

CAPÍTULO I: PELOURINHO: LUGAR DE HISTÓRIA

Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica. (Jacques Le Goff, *O imaginário medieval*).

1.1 Ocupação inicial e expansão

Na era moderna, tudo visivelmente passa rápido, assim como “... o dia desfaz o trabalho da noite”, não se consegue captar tudo o que se vê, sente e ouve. (BENJAMIN, 1996, p. 29). O filósofo Walter Benjamin revela a linguagem do seu tempo e suas obras são uma amostra disso. A Paris do século XIX, que encanta Benjamin, através de Baudelaire, é a cidade da experiência urbana e o local dessa imagem já não é a praça pública, mas as grandes e largas avenidas, os bulevares e as galerias da cidade que sofrem o impacto da modernização.

Porém, Benjamin acredita que a cidade do século XIX, ao lançar seu habitante numa série de rápidas e novas situações, ameaça-lhe a capacidade de transformar vivência em experiência, onde o passado desaparece para atender as necessidades do presente. Desta forma, a cidade descrita por Benjamin, Paris, é o espaço destinado à perda da individualidade e da tradição, entendida como experiência.

Uma boa parte da história da cidade do Salvador, capital do estado da Bahia, pode ser sentida ainda hoje ao se caminhar no Pelourinho, por suas ladeiras e ruas, ao se reviver um pouco da sua história. Assim, as obras de Jorge Amado convidam a experienciar as ruas, as praças, os becos... numa relação privilegiada entre a literatura, a geografia e a história.

No largo do Pelourinho, onde o suplício matava, não de dor, mas de vergonha, onde o sangue derramado deu cor às pedras da rua, onde a carne nua sangrava a vista de toda gente. “Esta é a praça citada pelo romancista Jorge Amado, como de muita grandeza, de muita beleza, de muito sofrimento, de muito amor”. (ROCHA, 1994, p. 21-22).

O primeiro período da evolução urbana da cidade estabelece-se entre sua fundação em 1549, por Tomé de Sousa, e a expansão inicial da capital em finais do século XVI. A cidade foi erguida no alto de uma escarpa, caindo em forte declive até a Bahia de Todos os Santos. A escolha do local obedeceu a uma lógica portuária e defensiva.

Contemplando a paisagem urbana de Salvador, as imagens contam histórias e suscitam inúmeras lembranças de uma cidade idealizada nos moldes medievais de Lisboa, com suas ruas estreitas e curvas e dispostas, perpendicularmente, umas às outras. Cresceu em dois planos (cidade alta e cidade baixa) e foi a primeira cidade planejada do Brasil. A cidade formou-se a partir da Praça do Palácio, hoje Praça Municipal ou Praça Tomé de Souza, conhecida como a “mancha matriz” da cidade do Salvador. Ali eram concentradas todas as atividades da cidade: administrativa, religiosa, residencial e comercial.

Silva e Pinheiro (1997, p. 3) complementam que a escolha do sítio de difícil topografia foi determinada principalmente pelo fator de defesa. Se por um lado favoreceu, “por outro, impôs que a cidade fosse construída em dois planos”. Nascia aí, a divisão de Salvador em cidades Baixa e Alta. “Aproveitando-se desse movimento natural, o urbanismo futuro erguerá uma cidade de arte, considerada como uma das mais belas paisagens do mundo”.

Cordeiro (2003) reconstituiu o traçado urbanístico original de Salvador, uma fortaleza erguida no século XVI, onde as ruas eram em linha reta. Inspirou-se no urbanismo renascentista, de forma que o traçado da cidade reproduzia as proporções do corpo humano, conforme figura abaixo:



- 1. Cabeça:** numa evidência do poder dos jesuítas, a sede da congregação foi erguida no local equivalente à cabeça. Perto dali, hoje, fica o Pelourinho.
- 2. Coração:** ali, ergueu-se a Praça da Sé, onde ficava a catedral, demolida na década de 1930.
- 3. Umbigo:** a Praça Municipal concentrava o palácio do governador-geral, a sede do Poder Judiciário e a cadeia. Hoje, o local é um estacionamento, próximo à prefeitura.

Figura 4 – Traçado urbanístico de Salvador segundo Cordeiro

Fonte: *Infográfico*, Érika Onodera.

Assim, os principais agentes de expansão foram a Igreja, através do seu rigor, e o Estado, sobretudo no papel defensivo. O centro administrativo e econômico da cidade, até o século XVII, era composto de dois bairros: o da Sé, que incluía a

área entre o Terreiro e quarteirões adjacentes, e a Praça Castro Alves, e o Bairro da Praia, que abrangia o trecho entre a Preguiça e a Praça Cairú, estendendo-se até o Porto. A cidade já se havia expandido na direção norte, passando pelo Carmo, até o Santo Antônio, que se caracterizavam como zonas residenciais. Na direção sul, iniciava-se a expansão para os lados do São Bento.

“Nos séculos XVI e XVII, Salvador já era a maior cidade europeia fora da Europa”, lembra o historiador baiano Cid Teixeira (*apud* KLINKE, 1999, p. 2). A função portuária também assume papel fundamental na economia da cidade, na exportação da cana de açúcar e, mais tarde, do fumo e do ciclo da mineração do ouro, que tiveram importantes reflexos para o desenvolvimento da cidade. “... Era pelo mar que a cidade se articulava com o mundo”, compara Teixeira. Salvador, conclui, foi, desde o primeiro instante, cosmopolita.

Tem-se, também, desde meados do século XVII, o Pelourinho, que era uma área possuidora de suntuosas construções religiosas e casas nobres. Ali residiam os grandes comerciantes, senhores de engenho e altos funcionários administrativos. É a partir deste momento, no século XVII, que Salvador começa a desempenhar o papel que caracterizará sua configuração urbana, o de metrópole regional e de capital econômica do recôncavo. (SANTOS, 1959, p. 36-37)

A maior herança da arquitetura colonial acontece durante o século XVIII, como destacaram Silva e Pinheiro (1997, p. 10), “morada de barões e senhores de engenho, o “bairro” do Pelourinho atinge o seu apogeu”. Assim revela “um tempo lento em que os homens e mulheres de posse circulavam, sem pressa, pelo labirinto de ruas e becos, ou ficavam prosando as sombras das frondosas mangueiras dos quintais...”.

A primeira crise sofrida pela função administrativa foi a realocação da capital do país para o Rio de Janeiro em 1763. Salvador acaba de perder, neste momento, segundo Santos (1959, p. 39), “o lugar de primeira cidade da colônia, em vista a transferência de importantes serviços e numerosos funcionários...”. Na segunda metade do século XVIII e em fins do século XIX, vive e convive com a decadência do escravismo.

O século XIX conservava os limites que a cidade tinha no século anterior, o cotidiano existente entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, como o de trabalhadores, carregadores ambulantes, comerciantes... Assim, Mattoso (1992, p. 439) adverte que todas “as classes sociais se misturavam nas ladeiras da Conceição. Da Gameleira e, a partir de 1871, no elevador levavam os trabalhadores até a paróquia da Sé”.

Deve-se ressaltar, porém, que a limpeza e a conservação das ruas eram precárias. Era comum abandonarem animais mortos nas ruas que ali apodreciam, exalando fortes odores. Assim viviam os baianos, numa cidade ao mesmo tempo “dura e encantadora” que se infligia muitos incômodos a seus habitantes, também lhes proporcionava refúgios amenos. (MATTOSO, 1992, p. 441-445)

Entre o final do século XIX e início do século XX, caracteriza-se pela formação de novos bairros, que se beneficiam dos novos transportes, possibilitando a habitação longe do centro.

O Professor Milton Santos, na obra intitulada “O Centro da Cidade do Salvador”, descreve “o Pelourinho como uma ladeira-praça, de forma irregular, rodeada de edifícios do séc. XVIII e XIX, casas nobres de dois e três andares que serviram de residências às famílias ricas, mas que hoje caíram em ruínas”. (Santos, 1959, p. 165-166). Isto está representado na figura 5 abaixo:

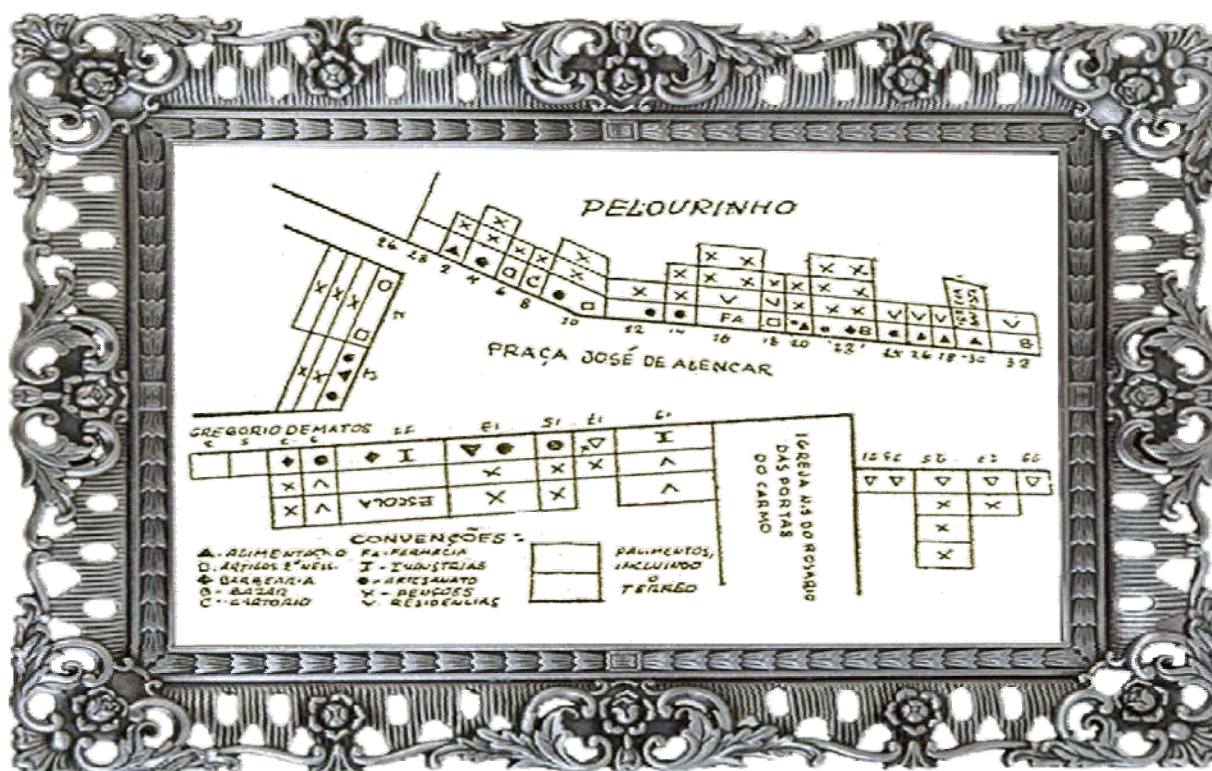


Figura 5 – Localização do Pelourinho

Fonte: Santos, 1959.

O Pelourinho sofre uma grande mudança quanto ao uso e ocupação do solo. As famílias ricas que ali residiam começaram a migrar para o Corredor da Vitória, Piedade, Nazaré, e assim o Pelourinho foi perdendo as mais importantes famílias

aristocráticas. A cidade vê a sua população multiplicar-se por cinco, como esclarecido por Santos (1959), pois tanto os progressos na agricultura, como a imigração de milhares de sertanejos, expulsos pelos ciclos de seca, vêm contribuir para este aumento da população.

No início do século XX, Salvador, assim como muitas outras capitais brasileiras, passa por um processo de modernização, de grandes transformações no seu centro, o que cria necessidade de alargamento das ruas.

No inverno de junho de 1934, foi demolida a Igreja da Sé, monumento expressivo da Bahia por sua importância histórica, para dar lugar às novas exigências do transporte moderno. Na época, o jovem escritor baiano Jorge Amado escreveu:

Diz a lenda que a Cidade do Salvador conta com 365 igrejas, uma para cada dia do ano. Talvez os que falem em 365 computem igrejas já desaparecidas, mas que ainda vivem na memória do povo como a Sé ou antiga Igreja da Ajuda... Nunca se sabe o que é verdade e o que é lenda nesta cidade. No seu mistério lírico e na trágica pobreza, a verdade e a lenda se confundem. (AMADO, 1997, p. 69)

Segundo Cid Teixeira (2006), a Companhia Linha Circular queria modificar o trânsito de seus bondes, mas a Igreja da Sé estava no meio. Descreve a localização da Igreja da Sé, “a fachada voltada para o mar, onde está a Cruz Caída, o corpo da igreja atravessando tudo aquilo e os quarteirões todos, porque não foi só a igreja que foi derrubada, foi a igreja e todos os quarteirões ao redor”. E conclui que a Companhia Linha Circular, “fez a sua sede ali, onde está hoje a Coelba, aquele prédio foi feito pela Circular para ser sua sede, tinha todo o empenho em derrubar e patrocinou inclusive financeiramente, é verdade”.

Pinheiro também destaca que a cidade do Salvador modifica-se ao longo do século XIX, adaptando-se ao novo modelo de vida imposto para a nova sociedade. Assim ele ressalta: “A Sé perde um pouco seu caráter residencial, ao deixar espaço para instalação de um comércio varejista, até então concentrado na Cidade Baixa.” (PINHEIRO, 2002, p.193).

A figura 6, a seguir, apresenta a Praça da Sé depois de demolida a Igreja.



Figura 6 - Praça da Sé, primeira versão depois de demolida a Igreja.
Fonte: Fundação Gregório de Matos, 2007.

O Pelourinho, a partir da década de 1930, tem, como marco do seu processo de degradação, o deslocamento do meretrício da Rua Carlos Gomes para o Maciel, onde existia grande quantidade de prédios arruinados e abandonados. “O cotidiano do Pelourinho foi completamente modificado, passando a ser freqüentado por uma população de baixa renda, chegando a registrar-se 154 pessoas residindo em um único imóvel.” (SILVA e BRAGA, 2000, p.1). Assim, proliferam as habitações coletivas por toda área.

Desde a década de 1930, quando a atividade prostitucional se instalou no Maciel, área ao sul do Pelourinho, onde está concentrada a prostituição, fez surgir uma série de estereótipos que classificavam a área como local de perigo e de marginais. Segundo o sociólogo Gey Espinheira (2000, p. 20), “a prostituta é a forma de resistência desde o momento em que ultrapassou os limites da casa para ganhar o espaço público”. E complementa: “os homens que usufruíam dessas mulheres se sentiram ameaçados por aquelas criaturas estranhas, que transgrediam física e socialmente os limites da mulher. Eis a razão do estigma”.

No seu livro *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel* (1974), Espinheira apresenta o estudo da realidade social e econômica da prostituição e da comunidade localizada no bairro Maciel. Reflete também sobre a concentração da prostituição no Pelourinho pelo processo de degradação da área e pela ação da polícia. Como fica claro no *Diário de Notícias* (1969):

Homossexuais e prostitutas terão as suas cabeças raspadas à máquina zero caso sejam flagradas a partir do dia 28 na prática do *trottoir* em via pública. A declaração foi do delegado Orlando Bacelar de Jogos e Costumes que já iniciou a repressão ao vôo das mariposas... ontem à noite e recolheram dezoito mulheres da vida... principalmente na Carlos Gomes, Terreiro de Jesus e Praça Cairú. (*apud* ESPINHEIRA, 1974, p. 60).

O Maciel era um exemplo das conseqüências do crescimento não planejado das áreas periféricas. Possuía uma população diversificada, uma concentração de prostitutas, traficantes de drogas, que conviviam com outros grupos como lavadeiras e vendedores ambulantes. Os grupos familiares do Maciel isolavam-se numa mesma habitação, escudados pela palavra “família”, escrita em lugar visível, como uma advertência às pessoas.

O tempo e espaço de Santos foram sempre a luta e o desejo de construir realmente a cidadania. Promove uma reflexão sobre o espaço que aliena e o espaço da desalienação, quando afirma:

...existe uma íntima relação entre alienação moderna e a construção do espaço do sujeito. Quando o homem se confronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece e cuja a memória lhe é estranha, este lugar é fonte de uma vigorosa alienação, uma vez que o entorno vivido é lugar de interações e trocas, matriz de um processo intelectual. (SANTOS, 1987b, p. 52)

Dessa convergência entre espaço e ação, estruturam-se manifestações públicas diversas, a partir dos significados que as pessoas atribuem a certos espaços da cidade. Nesse espaço comum, que é “cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”. (ARANTES, O. 2000, p.106).

O espaço urbano resume uma longa história de atividade social. Ele reflete os diferentes ambientes culturais e as variadas estruturas econômicas que envolveram a sua produção, que, no caso do Pelourinho, permaneceu por muito tempo, favorecendo a degradação da estrutura física e da organização social da área.

No século XX, o Pelourinho foi tombado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade em função da sua história, beleza arquitetônica e características culturais. Para Miranda e Santos (2002, p. 37), “um espaço só chega à situação de centro histórico quando o tempo e a cultura do local deixam nele os seus vestígios através das mudanças que se sucedem na sociedade, refletindo na sua morada”.

Em 1992, iniciou-se uma grande restauração que tornou o Pelourinho uma área fortemente atrativa para turistas. Faz-se, ainda hoje, a requalificação física do Centro Histórico de Salvador, ela que foi originalmente dividida em 10 etapas. Hoje, está-se na 7ª etapa. Em anexo os mapas, contendo as seguintes etapas da requalificação: Anexo A: 2ª etapa; Anexo B: 3ª etapa; Anexo C: 5ª etapa e Anexo D: 6ª etapa.

As cidades representam a memória da cultura e do desenvolvimento das práticas de convivências, pois para Rousseau (1986, p. 294), “nossa existência nada mais é do que uma sucessão de momentos percebidos através dos sentidos”.

Nesse caso, o histórico e o atual são componentes simbólicos que não interessam por si só, isolados. Eles tecem uma rede de relações entre si, para dialogar e memorizar a forma e o símbolo de tempos distantes. Santos (1978, p. 43) discorre assim sobre o assunto: “Deixado ao quase exclusivo jogo do mercado, o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças, e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadãos”.

1.2 Processo de Requalificação do CHS: o planejamento e as diversas etapas da implantação.

Os estudos dos processos de requalificação urbana têm ocupado um importante lugar na dinâmica da compreensão das cidades, dada a frequência e abrangência que eles têm acontecido. Nas últimas décadas, este processo tem-se caracterizado por incorporarem a “cultura” como conteúdo diferenciador. A valorização da tradição e da cultura local tem sido muito mais evidenciada. Mas, o modelo difundido no mundo é o mesmo para realidades diferentes.

O Pelourinho passa de mero lugar indesejável, reduto da degradação, do abandono, a um lugar desejado, a partir de 1992, onde se deu início ao processo de requalificação do CHS, agora sob a forma de um embelezamento das fachadas e como imagens a serem consumidas. Assim, a política de requalificação aposta no desenvolvimento de um novo lugar, com novos valores e sociabilidades: cria-se uma representação e percepção do lugar, assinalada pelo “espírito de lugar”.

O entendimento do patrimônio cultural como lugar, passa necessariamente pelo exercício da cidadania, pelas práticas cotidianas, pelos símbolos que dão forma à identidade ao lugar. De acordo com Pinto (1995, p. 192), “a verdadeira importância

dos processos de patrimonialização reside, não tanto na estratégia de conservação das marcas arquitetônicas do passado”, mas principalmente na recuperação “mais genuína da festa, a saber, a da celebração coletiva em que todos são tendencialmente protagonistas”.

Assim, a participação das pessoas envolvidas nos processos de reconhecimento patrimonial é de importância fundamental, levando em conta as diferentes categorias em que um patrimônio é concebido; é deste modo que se pode chegar mais perto daquilo que, de fato seja representativo de um determinado grupo social.

Nora, no artigo “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”, publicado no Brasil em 1993, compreende-se o patrimônio cultural “como um amplo e diversificado conjunto de bens culturais que permite a cada segmento social apropriar-se do passado, compondo imagens de sua identidade, quer individual ou coletiva”. (NORA, 1993, p.10).

Para Prost (1997, p. 9), “uma construção social”, onde o elemento determinante, que define o conceito de patrimônio, é a sua capacidade de representar, simbolicamente, uma identidade, o que implica o exame da relação memória / história e memória / preservação.

Em 1936, no governo de Getúlio Vargas, o escritor Mário de Andrade (*apud* CANANI, 2005, p. 6) redigiu um projeto de lei que definia o patrimônio como “todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos e a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil”, dando início aos debates sobre a preservação do patrimônio cultural e artístico no Brasil.

O Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, estabelecido pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), define o patrimônio como sendo “o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

O Pelourinho, tombado em 1959 como Patrimônio Histórico e Nacional, não consegue, apesar de reconhecida a sua importância histórico-cultural, resistir ao processo de esvaziamento e degradação intensiva, ocorrida a partir da década de 1930. É importante ressaltar que a “imensa concentração de recursos financeiros advindos com a implantação e operação da Petrobrás no Recôncavo baiano produz

conflitos entre os defensores do desenvolvimento e os da preservação”, contudo não interfere nas ações modernizadoras. (SÁ, 2000, p. 93)

Cria-se assim, em 1968, a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, atual IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico Cultural. Nota-se ainda ênfase em potencializar o patrimônio, enquanto produto de consumo cultural, incrementando, assim, o tão famoso e atual “Turismo Cultural”.²

A partir de 1983, o Município de Salvador, com base nos estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU, reconhece, através de lei específica, a figura do C.H., considerando-o uma área sujeita a tratamento especial – Área de Proteção Cultural e Paisagística.

Em 1985, o Pelourinho, declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, tem sua área delimitada entre o Sodré e o Santo Antônio Além do Carmo. Apesar de seu imenso potencial gerador de riquezas, tornou-se desprezado, principalmente no decorrer das décadas de 1970 e 1980, reduzindo os recursos da economia e ocupado por uma população cada vez mais empobrecida, com seus prédios em total arruinamento por falta de conservação. (MIRANDA & SANTOS, 2002, p. 33).

Com a Constituição Federal de 1988, amplia-se a legislação relativa ao patrimônio cultural, com a definição de novos instrumentos legais, entre os quais a competência de regulamentação e fiscalização das práticas de preservação, atribuindo um papel mais significativo para o âmbito da administração municipal e a influência popular nos processos. A participação da comunidade na preservação do patrimônio cultural está prevista em lei para ocorrer de três modos possíveis: na apresentação de projetos de lei, na fiscalização de execução de obras e na proteção do bem, preservando-o.

Porém, todas as ações implementadas para preservação do patrimônio histórico do Pelourinho foram, até este período, pontuais e avulsas, não existindo uma política eficaz e coerente para sua preservação. Isto tornou este lugar um espaço onde apenas os moradores, apesar de toda degradação, persistiam em viver.

Em 1991, o IPAC idealiza o documento definindo os objetivos do “Plano de Ação Integrada do Centro Histórico de Salvador” que “tem a intenção de compreender o CHS como parte especial da cidade - testemunho do início de sua história -” propondo cuidado especial aos casarões e aos serviços“ e, sobretudo, a atenção

² O turismo cultural se caracteriza por uma permanência prolongada e um contato mais íntimo com a comunidade, no intuito de aprofundar-se na experiência.

com o habitante do Centro Histórico de Salvador, com seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural”. (IPAC, 1995).

O CHS tem “uma área de 76 hectares e está localizado geograficamente na parte central da cidade de Salvador”. Já em seu “extremo Oeste, termina na escarpa, o paredão natural da chamada ‘falha de Salvador’, que com altura média de 64 metros, levanta-se como anfiteatro a margear a Baía de Todos os Santos”. (MIRANDA & SANTOS, 2002, p. 28)

Em 1992, toda a área foi inserida num grande projeto de reestruturação, intitulado “Projeto de Reforma e Recuperação do Centro Histórico de Salvador” do Governo do Estado, com os principais objetivos de:

- Dotar o Centro Histórico do Salvador, através da ativação do ciclo econômico, de condições efetivas para a manutenção dos bens e valores culturais de forma contínua e eficaz;

- Promover a recuperação e a restauração física da área do Centro Histórico do Salvador, redefinindo sua função em relação à cidade e à região metropolitana;

- “Criar condições de desenvolvimento do potencial produtivo e da organização social da área”. (IPAC, 1995, p.18).

Em sua dissertação, intitulada “O Lugar da História na Cidade Contemporânea: Revitalização do Bairro Recife X Recuperação do Pelourinho”, Vieira (2000) revela:

No início de 1992, o Termo de Referência e mais o projeto para intervenção em dois quarteirões, foram apresentados ao governo da Bahia. Passados apenas dois dias, o Governo do Estado aprovou todos os projetos relativos a quatro quarteirões, mais do que o que havia sido apresentado, que comporiam a primeira etapa da recuperação. Tal aprovação aconteceu sem nenhuma dificuldade de qualquer natureza ou discussão prévia. (VIEIRA, 2000, p.175)

O “Projeto de Reforma e Recuperação do Centro Histórico de Salvador” teve como metodologias de intervenção as seguintes tipologias: restauração, recuperação funcional e estrutural, reconstrução, construção, conservação e urbanização. Com relação aos moradores, foram cadastrados e tiveram, só nos discursos, as seguintes opções: indenização, relocação definitiva e relocação provisória. Tal intervenção estabelece uma nova configuração e um novo papel para a área, como centro cultural da cidade.

As etapas da requalificação do Centro Histórico do Salvador já concluídas ou em andamento, são apresentadas a seguir:

Quadro 1 - As etapas da “Revitalização” do Centro Histórico de Salvador

Etapas do projeto

1ª Etapa – A primeira etapa das obras de recuperação do CHS foi concluída em março de 1993, onde foram recuperados 89 imóveis e quatro quarteirões. Essa etapa teve como principal foco as entidades culturais, os serviços de infraestrutura básica e comercial. Nessa etapa, 399 famílias receberam opção pela relocação dos imóveis. Foram indenizados também 79 pequenos negócios.

2ª Etapa – Nesta etapa foram recuperados 47 imóveis de dois quarteirões. As ações realizadas foram centradas nas escolas, nas lojas e nos albergues e pousadas. Foram indenizados 176 moradores, 16 famílias foram relocadas e 19 micro-empresas tiveram compensações para mudar. As obras foram concluídas em novembro de 1993.

3ª Etapa – Concluída em março de 1994, foram recuperados 58 imóveis de três quarteirões. Essa etapa teve como ocupação o comércio. Saíram da área 374 famílias e 58 pequenos negócios receberam indenização. Não houve, nessa etapa, opção de relocação.

4ª Etapa – Foram recuperados 149 imóveis de sete quarteirões. Teve como ocupação principal à instalação de grandes joalherias, recuperação de igrejas e o estacionamento de um edifício-garagem. Estima-se que foram relocadas cerca de 1.018 famílias.

5ª Etapa – Intervenção em dois quarteirões na área da Praça da Sé e restauração de 48 imóveis.

6ª Etapa – Diversos quarteirões localizados nas ruas do Passo, do Carmo e Largo do Pelourinho, além da fachada do antigo Cinema Excelsior e a Praça da Sé.

7ª Etapa – Está em andamento, com previsão de intervenções em oito quarteirões, 130 imóveis e sete imóveis tombados. Localizada nas imediações da Ladeira da Praça, Rua São Francisco e Monte Alverne. Nesta etapa, o Governo contará com recursos do Programa Monumenta e da Caixa Econômica Federal que financiará a implementação de habitações nos imóveis.

Fonte: CONDER, 2007.

Segundo o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (IPAC), a retirada dos moradores “foi justa e necessária; cerca de 350 famílias foram indenizadas, com valores entre 5 e 10 salários, para desocupar as residências, apesar de não serem proprietárias”. (ZANIRATO, 2004, p. 8) A saída dos moradores era necessária “mediante alegações de que a população moradora era incompatível para o desenvolvimento do turismo e a preservação dos imóveis”. Segundo o órgão, a preservação não poderia ser feita pelos antigos moradores à medida que se tratavam de pessoas “sem condições econômico-culturais de conservá-lo”. (ZANIRATO, 2004, p. 8).

O relato de Maria Adriana Almeida de Castro, ex-diretora do IPAC na época, valida os discursos como o da estigmatização dos moradores do Pelourinho, pois considera que as intervenções e as modificações foram positivas, quando afirma:

O Pelourinho em si é uma obra de arte. Com a revitalização essa arte ficou mais visível, mais concreta. Com a sua revitalização a partir de 1992, deixou de ser reduto de marginais e prostitutas e passou a ser freqüentada pela sociedade local e turistas atraídos pela efervescência cultural. (CASTRO, 2004, p. 3)

O empobrecimento do Pelourinho, consequência da “Restauração”, ficou caracterizado por Silva (1995, p. 1) ao assim retratar:

A restauração provocou, de acordo com a professora, mudanças na estrutura social e econômica do lugar. Não há mais espaço para os antigos comerciantes e moradores. Com indenizações de R\$ 150 a R\$ 300, alguns deles foram parar na rua. “Devia haver uma ação mais humana na saída desse pessoal. Eles moravam num local insalubre, mas pelo menos tinham um teto”, afirma. Ela faz uma autocrítica e crítica também para os profissionais liberais que nada fizeram para evitar essa situação.

De fato, a requalificação do CHS voltou-se para um tipo de turismo e negou aos moradores o direito ao usufruto da cidade, uma vez que as ações não se voltaram para a inclusão dos habitantes. “A ação do IPAC, ao considerar os moradores do local pouco cultos, para apresentarem qualquer contribuição efetiva, impossibilitou-o de compreender que o patrimônio cultural é muito mais do que edificações”. (ZANIRATO, 2004, p. 9)

Ressalta-se que muitos moradores desenvolviam trabalhos qualificados de baixa remuneração, como vendedores de acarajé, pintores plásticos, músicos, sapateiros, mestres de capoeira, dentre tantos outros. O fato de terem escolhido este local degradado para viverem deve-se à centralidade da área e aos baixos aluguéis.

Muita polêmica já foi gerada com este Programa, em especial, no tocante à segregação social. Neste sentido, Brito (*apud* MARTINS, 2004, p.1) questiona com relação ao Decreto número 8.218/02, autorizando a desapropriação dos imóveis da 7ª etapa: “É a primeira vez que ouço dizer que desapropriações são feitas com pessoas dentro dos imóveis”. Com relação ao Decreto-Lei de Desapropriação 3.365/41, o ato de desapropriar imóveis para destiná-los a uma outra pessoa viola as regras deste decreto.

Grande parte da população do Pelourinho, 95%, já o deixou. Os legítimos moradores só estarão, no futuro, nas fotos de postais. De acordo com Uriarte (*apud* CASTRO, 2004, p. 3), a “recuperação do Pelourinho foi a intervenção autoritária, elitista, centralizada e segregadora. No teor do trabalho, concertos que os governos adotam como proteção, preservação, restauração, revalorização ou reabilitação são postos em xeque”.

Todos esses questionamentos a respeito da relocação dos moradores do CHS acontecem, pois não houve uma preocupação em reduzir as diferenças sociais. Focou-se, simplesmente, a expulsão desses moradores de classes sociais menos favorecidas, para que ocorresse uma valorização desta área, elegendo o turismo como sua principal vertente econômica.

A preservação do patrimônio é o elo entre o passado e o presente e permite conhecer a cultura, despertando o sentimento de identidade. A memória, por sua vez, assegura a reprodução social, age na construção cultural e na formação da imagem individual e coletiva. Le Goff, ao discutir o papel das cidades, contempla, de forma clara, este conceito em seu estudo:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva... A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996, p. 476-477).

Arantes (1987) considera a preservação do patrimônio cultural como um processo social, uma prática de construção que sustenta a valorização da cultura e das identidades locais e que deu lugar a uma ideologia de esconder a pobreza. Desta forma, “os bens culturais, incluem flexibilidades de sentido, características cuja compreensão é fundamental para entender o modo como tais bens participam da política de identidade e dos jogos de mercado”. (ARANTES, 2002, p. 90)

Tomando como base os principais projetos concebidos e desenvolvidos para o CHS, pode-se afirmar que a maioria consistiu em ações pontuais, voltadas para áreas estratégicas, visando a um retorno econômico e a melhorar o seu “aspecto físico”.

Serpa (2007), em sua reflexão sobre o papel dos planejadores urbanos, enfatiza a necessidade de os mesmos vivenciarem e experienciarem o cotidiano dos cidadãos para quem planejam. É enfático ao dizer, “uma nova linguagem, baseada, sobretudo, na intersubjetividade das experiências urbanas e que pode revelar pontos comuns entre profissionais e leigos. Trata-se finalmente de respeitar e de desconstruir os preconceitos”. (SERPA, 2007, p. 123)

1.3 Moradores do CHS: lutas, conquistas e sonhos.

A cidade de hoje pode ser vista com seu insondável mistério de uma realidade global, que parece tão próxima, mas, ao mesmo tempo, mostra-se tão distante... Assim, o Pelourinho é considerado a principal área de expansão urbana da cidade no século XVIII, observada através da construção de suntuosos casarões e igrejas. Mas, a partir da primeira metade do século XX, sofre, junto com a degradação dos imóveis, a miséria, o preconceito, o estigma e a indiferença.

Essa situação atualiza a alienação no mundo moderno, ao mesmo tempo em que baliza a superação desse fenômeno por meio da luta em torno do direito à cidade. A 7ª etapa da requalificação é marcada pela polêmica retirada, até a 6ª etapa, dos seus moradores. Quando se pensa em direito à cidade, reivindica-se acesso à moradia, à educação, à saúde, ao lazer... direito este que mais parece um sonho, vivido e sentido pelos moradores do Pelourinho durante o processo de requalificação, no qual lutam pelo direito de morar.

As primeiras etapas retiraram as pessoas das áreas residenciais e transformaram-nas apenas em comércio. Muitos desses moradores foram transferidos pelo Governo do Estado para bairros distantes, como Valéria, Sussuarana e Coutos, mas, os que ficaram, se uniram para permanecer no local.

A Presidente da AMACH, Jacilda Mello³, denuncia os problemas enfrentados pela desapropriação, com indenizações irrisórias, levando ex-moradores, que ganhavam a vida em pequenas atividades ligadas ao turismo, a passar fome nas periferias.

Por meio da associação, os habitantes do Pelourinho conseguiram entrar com ação civil pública no Ministério Público do Estado, para debater as consequências ao patrimônio sócio-cultural e humanístico, em decorrência da expropriação de imóveis e remanejamento dos moradores do CHS–Bahia. Foi então ordenada a paralisação das obras que se encontravam na sexta etapa.

A saída dos moradores tradicionais do Centro Histórico também foi identificada pelos relatores e assessores das Relatorias Nacional e Especial da ONU, durante duas semanas, nos meses de maio e junho de 2004, com enfoque especial para o Direito à Moradia Adequada. (SAULE JÚNIOR & CARDOSO, 2005).

A partir da avaliação de todas as denúncias recebidas, sobre a situação dos moradores do Pelourinho, foram apresentadas as recomendações gerais e as medidas a serem tomadas pelo governo brasileiro, para que o direito à moradia seja respeitado. São as seguintes:

- A União, através dos Ministérios da Cultura e das Cidades, deve exigir do governo do Estado da Bahia, para a implantação da 7ª etapa do projeto, que dê atendimento habitacional adequado à população moradora do Pelourinho, que necessite ser deslocada para a implantação do projeto em área próxima do Pelourinho; deve exigir também a imediata suspensão de despejos e deslocamentos forçados;
- A União, através dos Ministérios da Cultura e das Cidades, deve suspender qualquer repasse de recursos ao governo do Estado da Bahia, até que se cumpram os itens 1 e 2 do acordo celebrado no dia 29 de julho de 2004, entre os representantes da AMACH, Assessoria da AMACH, SEDUR, CONDER e Programa Monumenta do Ministério da Cultura;
- O governo do Estado da Bahia deve constituir um conselho gestor do Projeto Turístico de Revitalização do Pelourinho, do qual devem participar os diversos grupos e organizações culturais, sociais, de direitos humanos, movimentos popula-

³ Entrevista concedida em 2004.

res de moradia da comunidade do Pelourinho, para garantir a efetiva participação da população nas decisões de sua 7ª Etapa de Recuperação;

- O Ministério Público Estadual deve abrir inquérito civil para apurar as diversas denúncias de despejos forçados e ilegais, promovidos pela CONDER, no Pelourinho, e de danos causados às pessoas e às famílias removidas;
- O plano de implantação da 7ª Etapa de Recuperação do CHS deve viabilizar a restauração imediata dos imóveis ocupados em estado precário de habitabilidade, garantindo, durante as obras, a realocação para local próximo do Centro Histórico, e, ao término da restauração, deve garantir o retorno dos moradores às casas restauradas;
- O plano de implantação da 7ª Etapa de Recuperação do CHS deve viabilizar a destinação de imóveis restaurados à população de baixa renda, que já reside no Centro Histórico;
- O plano de implantação da 7ª Etapa de Recuperação do CHS deve prever a realocação em áreas próximas do Centro Histórico, nos casos em que seja necessário remover pessoas que moram em áreas consideradas de risco;
- Os governos estadual da Bahia e municipal de Salvador devem executar programas e projetos de apoio para o desenvolvimento de atividades culturais e de lazer (artesanato, música, artes plásticas, capoeira, feiras de alimentos), pelos moradores do Pelourinho;
- O governo do Estado da Bahia deve ampliar o número de escolas profissionalizantes e apoiar organizações que promovem atividades educacionais, voltadas a beneficiar a população moradora do Pelourinho; e.
- O governo municipal de Salvador deve delimitar o CHS como Zona Especial de Interesse Social e Cultural, visando a priorizar a área do Centro Histórico para a habitação da população moradora do Pelourinho e a preservar a memória e identidade cultural desta população. (SAULE JÚNIOR & CARDOSO, 2005)

A preservação do patrimônio nas grandes cidades, hoje, como afirma Mene-guelle (2004, p.3), ainda remete a uma identidade criada, ensinada ou forjada, objetivando atender aos imperativos do turismo, do consumo e da imagem corporativa de bancos e grandes empresas.

O capitalismo tem imprimido, historicamente, uma dinâmica da produção que se vem constituindo num processo desigual e contraditório. Para Santos (2000), a compreensão dialética do processo de globalização articula o global e o local. A modernização de espaços da cidade imediatamente conduz a uma nova estruturação das imagens urbanas, onde os contextos espaciais da competição capitalista são facilmente acionados como complexos produtos, promovidos ou entendidos como mercadorias turísticas.

Comprova-se o fato, através da expulsão dos moradores do CHS por não se enquadrarem nas novas exigências que se impuseram ao local, uma vez que eram considerados “a vergonha da cidade”. O Programa de Revitalização deste local continua a ser um desafio ao poder público, tendo em vista os insucessos nas relocações e indenizações dos seus moradores. As ações violentas infligidas a essa população produzem uma cidade desigual, com a expulsão dos “marginais e prostitutas”, em benefício de interesses econômicos, calcados na valorização imobiliária. O lugar, assim, perde a sua alma, diria o geógrafo Tuan.

O processo de requalificação do Pelourinho acaba excluindo a população pobre moradora de áreas a serem revitalizadas. O resultado deste processo é a produção de uma cidade desigual, com a expulsão da população de baixa renda das áreas revitalizadas em prol de interesses econômicos das elites. Nessa visão, a cultura torna-se apenas uma mercadoria, financiada pelo capital privado e internacional.

Desta forma, o termo requalificação associa-se ao eufemismo de “limpeza social”, pois os moradores são relocados ou indenizados, como foi no caso do programa do CHS, onde as políticas públicas só incluíam os moradores do local nos seus discursos políticos. A idéia era a retirada da população local e, com o aumento do policiamento, inibir a prostituição, a droga, a pobreza que incomoda, a fim de valorizar a área e atrair o turismo, enfim torná-los invisíveis...

As formas urbanas guardadas na memória articulam espaço e tempo, construídas a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Nesse sentido, a construção do lugar se revela, fundamentalmente, enquanto construção de uma identidade. Para Carlos, há ainda uma outra dimensão a ser considerada nesta perda, que abrange os

... valores sociais, da perda de referenciais da vida na cidade e com isso,... cria o esvaziamento e o empobrecimento da memória. Por outro lado, a técnica libera-se de todo controle, tornando-se discurso enquanto “o saber

aplicado tecnicamente”, o que justifica as intervenções e legitima um modo de ler / planejar a cidade. A função econômica da cidade se impõe sobre a idéia do habitar a cidade, de um direito à cidade e, nesse sentido, a casa desaparece diante do alojamento funcional. (CARLOS, 2001, p. 423)

Santos (1997a) ressalta que o espaço pode ser compreendido como o conjunto de formas representativas de relações, ou mesmo uma estrutura representada por relações sociais, que se manifestariam por meio de processos e funções.

O espaço geográfico, hoje, como ensinou Milton Santos (2000), é concebido como um conjunto de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações que se refletem no espaço. Santos aponta que “o espaço é formado pelo conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (SANTOS, 1997b, p. 51).

O processo de requalificação deve adicionar e valorizar as atividades econômicas e culturais, que fazem a vida dos homens no lugar, do seu cotidiano. Carlos ressalta que “o habitante se reconhece nos espaços habitados por seu corpo, percebidos por meio de seus sentidos, em uma organização do tempo determinado pela vida cotidiana,... constroem uma identidade com os espaços da realização da vida”. (CARLOS, 2001, p. 55)

Leonardo Oba (1999), em sua tese de doutoramento, faz um estudo dos marcos referenciais urbanos como produtos social e cultural, vinculados ao processo de construção da cidade e de sua identidade no tempo. Para ele, os marcos referenciais urbanos são os monumentos, as construções, os espaços ou conjuntos urbanos com forte conotação de “lugar”, apreendidos por uma grande parcela da população que vê neles uma referência física, cultural, histórica ou psicológica, relevante para a construção do seu espaço existencial.

As políticas, referentes ao patrimônio, presenciadas no Pelourinho, refletem a priorização de uma memória coletiva dominante onde acontece ruptura da identidade local, significando que ele deixou de possuir sentido para os seus moradores. Trata-se, portanto, de um processo que valoriza o uso social exclusivo para fins culturais, turísticos e administrativos, vinculados para a atividade econômica e exclusão social.

Em sua consagrada obra, “Em busca do tempo perdido”, Proust (1995, p. 22) escreveu acerca da memória, onde “... o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas

de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”. A permanência do cotidiano dos moradores do lugar e a constante busca do seu significado são fatores a serem respeitados na requalificação dos Centros Históricos perante aos seus moradores.

A abordagem da cidade, a partir da problemática do patrimônio cultural, implica o exame da relação memória e história. Considerando a cidade como lugar de memória, deve-se levar em conta que apenas os documentos do passado não são suficientes para o completo entendimento do que ela seja. A identidade permite o reconhecimento, fornece a coesão social e articula uma percepção relativamente coerente sobre o mundo.

Porém, esta modernização transformou profundamente não só os lugares, mas também as pessoas e as relações entre elas. A cidade desempenha, a partir das imagens construídas, e tem um papel fundamental na constituição da identidade, como afirma Pesavento:

Nossa contemporaneidade é atravessada pelo domínio das imagens, pela criação de uma realidade virtual, pela expansão da mídia e pela constituição de um mundo que se parece. Em suma, o imaginário, como sistema de idéias e imagens de representação aditiva, teria a capacidade de criar o real. (PESAVENTO, 1997, p. 8).

O que se assistiu, no caso da recuperação do CHS, foi uma contradição, sobretudo com relação aos seus moradores, onde a atuação do poder público municipal e estadual mostra que o Direito à Moradia tem sido violada repetida vezes, sob vários aspectos. O que isso pode significar para esses moradores que vivenciaram, ou vivenciam, esse momento de tensão, onde suas vidas estão sendo decididas?

A discussão sobre a requalificação do patrimônio passa, essencialmente, pelo debate sobre o planejamento urbano, as formas de uso dos monumentos históricos e do apoio às manifestações culturais. Nesse processo é importante a participação da comunidade ou dos órgãos de classe, pois a (re)construção dos espaços não se faz por decreto ou por decisões de técnicos. As pessoas, residentes do lugar, devem participar, pois o conhecem e precisam ser mobilizadas a fortalecerem o sentimento de identidade.

E Silva conclui que o debate do Patrimônio Histórico “extrapola a restrição ao edificado, englobando tanto diferentes artefatos (objetos de uso cotidiano da po-

pulação, lembranças de múltiplas experiências, etc.) como saberes daquelas pessoas e – por que não? – elas mesmas" (SILVA; COSTA; DANTAS, 1998, p. 58-59).

Na figura 8, a capa do vídeo intitulado “No Pelô Mora Gente”, finalizado em 2003. Nele, relata-se a história e a realidade dos moradores do Centro Histórico de Salvador, durante a sua requalificação, já na sua sétima etapa. O encontro com as pessoas, de forma descontraída, revela o cotidiano de uma comunidade que resiste em abandoná-la em troca de uma mísera indenização, proposta pelo Governo do Estado, através do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural e da Conder – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia.



Não existe para mim preservação, conservação, com exclusão... E é o que está acontecendo aqui... estão excluindo o povo, estão excluindo quem fez o Pelourinho, estão excluindo também quem fez essas ruas, praticamente. Marginais existem, prostitutas existem, mas se eu estiver pecando eles também fizeram isto aqui... (Moradora do CHS)

Figura 8 – Vídeo sobre o Pelourinho: 2003.

Agora, os moradores também podem falar através do Posto de Atendimento da Ouvidoria Geral do Estado (OGE), no Largo do Pelourinho, inaugurado no dia 12 de junho de 2007. Instalou-se num prédio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). O posto é resultado de uma parceria entre a OGE e as secretarias da Cultura e da Promoção da Igualdade, em acolhida à solicitação dos moradores e das organizações comunitárias, que clamavam por um diálogo mais constante e intenso com o poder público. A demanda foi apresentada durante um encontro, promovido em abril, as duas secretarias, que contou com a participação de cerca de 100 pessoas do Pelourinho e arredores.

Com ele, tem-se como objetivo colher sugestões, reclamações e denúncias da população sobre assuntos diversos, relacionados ao poder público, estabelecen-

do uma comunicação direta com o Governo do Estado e facilitando o acesso aos serviços da OGE.

1.4 O Estado, os movimentos populares e a garantia das famílias da 7ª Etapa do Processo de Requalificação.

Nos casos de requalificação urbana, deve-se destacar como a produção de novos cenários, ou novas paisagens, apresentam uma singular articulação entre o discurso da globalização. Está-se diante da construção do discurso da cidade como imagem. Lynch (1999) acrescenta que, à medida que a cidade se torna um labirinto, ela se dimensiona como o símbolo poderoso de uma sociedade complexa, cuja leitura é a resistência ao caos.

O Estado, enquanto agente de produção do espaço, através das políticas, atuou e atua na produção e reprodução da vida dos moradores do Pelourinho, apesar da incompreensível e desumana distância entre as políticas públicas e a dura realidade. Como observa Certeau, em seu livro “A Invenção do Cotidiano” (1990), empregada para fins urbanísticos, a preservação dos Centros Históricos acontece com a substituição dos seus moradores que, por sua renovação, destina-a a novos valores culturais e a outros usos. Assim, produz-se o espaço, reproduzindo a forma como cada um se apropria dele.

Para Carlos (2004, p.109), existe uma relação complexa entre o estado e o espaço que restringe a “intervenção nos lugares da metrópole através dos processos de revitalização/requalificação... na medida em que, não se pode esquecer, que só o poder político tem a possibilidade de intervir ou coordenar...”.

Os pequenos comerciantes, capoeiristas, sapateiros, prostitutas e músicos, dentre outros, são substituídos em favor dessa nova imagem por empresários, donos de joalherias... Desta forma, as famílias, cerca de 95%, que ali viviam, foram tragicamente expulsas de suas casas, ocupando hoje ruas, favelas e lugares marginais, longe do olhar do turista. A maior parte vive, atualmente, no entorno do Centro Histórico, na comprida Baixa dos Sapateiros, como população de rua e nos subúrbios.

Dessa forma, o Pelourinho é transformado em um novo lugar, com uma “nova” imagem cultural e histórica, de modo a mostrar que dispõe de um patrimônio va-

lioso a ser conhecido. Assim, os contextos espaciais da competição capitalista são facilmente acionados como complexos produtos, promovidos ou vendidos como mercadorias turísticas.

No artigo “Desapropriação das memórias indesejáveis: opressão e resistência no Centro Histórico de Salvador”, de Barros & Pugliese (2006, p.11) e, tomando-se por base as declarações abaixo, fica claro a compreensão limitada dos membros do judiciário sobre proteção cultural:

Recusa-se o Estado da Bahia a reconhecer no *modus vivendi* dos moradores da 7ª etapa do Centro Histórico de Salvador cultura popular típica. Existe tão somente um estilo de vida determinado pela pobreza, indigno de ser considerado como expressão da dignidade da pessoa humana. Ressalta-se que a pesquisa sócio-econômica apenas denota pobreza e marginalidade, esta a verdadeira exclusão social. Não há na hipótese cultura popular a ser protegida. (Estado da Bahia, contestação, Adin, 2003).

No caso em tela não há evidência do mencionado acervo patrimonial cultural dos moradores que autorize a concessão da liminar, não tendo o requerente trazido aos autos qualquer elemento que caracteriza a forma de vida dos habitantes do local como parte de seu acervo cultural, a ensejar a sustação provisória da lei 8218/02 (Tribunal de Justiça, Adin, 2003)

Estabeleceu-se, assim, uma perda no significado já que os próprios moradores não podiam circular livremente até a 7ª Etapa pelo Pelourinho: restringiu-se não só o acesso ao lugar, mas a própria possibilidade de vida. O que é facilmente percebido e identificável nas falas dos moradores, nas lembranças das histórias de vida e nos bons e maus pensamentos destes com relação ao lugar de vivência.

Buscando-se analisar qual o resultado desse espaço fragmentado, recorre-se a Carlos (2004, p.4) que aponta sua principal consequência: à segregação. Assim, ele preconiza:

A reprodução da metrópole se realiza enquanto explosão da cidade como extensão do tecido urbano, pela generalização da urbanização revelada enquanto prática, na vida cotidiana. A segregação se apóia na existência da propriedade privada do solo urbano, que diferencia o acesso do cidadão a moradia, e enquanto fragmentação dos elementos da prática sócio espacial urbana – pois na metrópole se acham separados os lugares da vida, enquanto elementos autônomos. Nesta condição a segregação é a negação do urbano e da vida urbana.

Para Carlos (2004), há ainda uma outra dimensão a ser considerada nesta apropriação do espaço para vida em que o habitar diz respeito a “um conjunto de ações que articula também planos e escalas espaciais (o público e o privado; o local

e o global)..., imerso numa teia de relações que constrói uma história particular, que é, também, uma história coletiva”. (CARLOS, 2004, p.2).

Na figura 9, a foto do Largo do Pelourinho já requalificado:



Figura 9 - Pelourinho hoje.

Fonte: Patrimônio mundial no Brasil, 2004.

Refletindo-se sobre operações especulativas, questionam-se as estratégias sócio-econômicas e políticas do planejamento para a requalificação do CHS, voltadas exclusivamente para o jogo do mercado e com fortes implicações no ato de morar. Certeau (1990) destaca que o planejamento da cidade é marcado por questões econômicas e políticas. E o próprio Certeau afirma:

... a organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não pensado de uma tecnologia científica e política. Assim funciona a Cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade. (CERTEAU, 1990, p. 174).

Desta forma, fica visível a falta de uma política de planejamento participativo para a requalificação do CHS e a necessidade de estratégias para uma política eficaz e coerente, em que a memória e identidade de seus moradores sejam respeita-

das, para que o CHS passe a ser um lugar cheio de memória e também de vida... e que ela seja digna.

Através do TAC, Termo de Ajustamento de Conduta, assinado pelo Ministério Público e pela CONDER, garantiu-se a permanência de 103 famílias em imóveis recuperados para uso habitacional, mesmo que tenham sido objeto de desapropriação, e a aquisição futura e oportuna dos mesmos através de financiamento do Programa de Subsídio Habitacional (PSH), do Ministério das Cidades, ou de outro programa habitacional correlato. As famílias, no decorrer da execução das obras, foram remanejadas, provisoriamente, para imóveis no próprio Centro Histórico.

A partir da assinatura do TAC, também fica instituído um comitê gestor para análise e deliberação sobre os requerimentos apresentados pelas famílias. Ele será composto por representantes da CONDER; da Secretaria de Combate à Pobreza (SECOMP); da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR); da AMACH; do Centro de Estudos Sociais (CEAS); da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Cooperação para o Desenvolvimento da Morada Humana (CDM).

Assim, a retomada da 7ª Etapa da requalificação acontece com a licitação. Com esta, o governo estadual, em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o governo federal, retoma as obras de revitalização, urbanização e requalificação urbana do CHS (Pelourinho), abrangendo, nessa nova fase, um largo trecho poligonal que vai da Igreja de São Francisco até a Igreja da Ajuda.

As ações do Programa Monumenta em Salvador estão relacionadas ao Programa de Recuperação e Revitalização do CHS, 6ª e 7ª etapas. Especialmente na 7ª Etapa, o Governo do Estado integra as ações do Projeto Monumenta do Governo Federal, em parceria com o BID. O Monumenta é um programa de recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano brasileiro sob tutela federal; contrato de empréstimo entre o BID e a Governo Federal.

Os pontos fortes, os pontos fracos, as novas oportunidades e as ameaças ao Patrimônio Histórico, são apresentados no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 : Patrimônio Histórico

PATRIMÔNIO HISTÓRICO			
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<p>Grande variedade e valor do patrimônio histórico do Pólo Salvador e Entorno, com ênfase para Salvador e Cachoeira.</p> <p>Importância e dimensão do Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador. Pelourinho – Patrimônio Cultural da Humanidade (em curso).</p> <p>Projeto MONUMENTA – Ações efetivas de recuperação e revitalização dos sítios históricos de Salvador e Cachoeira.</p> <p>Cultura viva e autêntica. Salvador, e a Bahia de uma maneira geral, são vistos como lugares de referência da presença africana na América. Ao mesmo tempo, as especificidades da cultura afro-brasileira encontram em Salvador sua maior expressão (capoeira, sincretismo religioso, música etc.). Isso complementar a atratividade do patrimônio físico.</p> <p>Tombamento de vários componentes do patrimônio histórico, especialmente em Salvador (Pelourinho).</p> <p>Utilização turística de vários componentes do patrimônio histórico.</p> <p>Pró-atividade dos órgãos responsáveis pela gestão do patrimônio, em nível federal e estadual. Grande parte do patrimônio pesquisado e documentado.</p>	<p>Pouca preocupação das prefeituras em relação à gestão de patrimônio.</p> <p>Poucos recursos técnicos e financeiros destinados à gestão do patrimônio por parte das prefeituras.</p> <p>Condições precárias de conservação em grande parte do patrimônio.</p> <p>Comunidade pouco conscientizada para a importância e valor do patrimônio histórico.</p> <p>Desconhecimento da história e dos monumentos por parte dos próprios moradores dos municípios do Pólo Salvador e Entorno.</p> <p>Monumentos de interesse histórico ainda não tombados.</p> <p>Falta de pesquisa sobre o fluxo de visitantes nos monumentos e pesquisas sobre as necessidades específicas do segmento de turismo cultural no Pólo.</p> <p>Parte do Centro Histórico de Salvador ainda não contemplada pelas intervenções de recuperação.</p> <p>prostituição, marginalidade e tráfico de drogas recorrentes no Pelourinho.</p>	<p>Crescimento do interesse pelo turismo cultural, tanto no Brasil como no exterior.</p> <p>Possibilidade de complementação do turismo cultural no Pólo Salvador e Entorno através de outras vertentes do turismo, como sol e praia, eco turismo e turismo náutico.</p> <p>Trabalho em conjunto prefeitura-comunidade para gestão do patrimônio.</p> <p>Utilização do turismo para garantia de conservação e revitalização do patrimônio. Usos alternativos e criativos do patrimônio histórico.</p> <p>Vários itens do patrimônio histórico com grande potencial de utilização turística em roteiros regulares de visitação.</p>	<p>Perda do patrimônio por falta de cuidado e conservação.</p> <p>Possibilidade de perda da identidade cultural própria de cada localidade com o desenvolvimento do turismo desordenado, sem planejamento, insustentável (folclore, artesanato, histórica, culinária, etc.).</p> <p>Diminuição do valor percebido pelo turista do patrimônio pela falta de conservação.</p> <p>Ameaça de gentrificação no Centro Histórico de Salvador, caso a população não seja incluída em estratégias de qualificação e aumento de renda, em função dos crescentes valores mobiliários.</p>

Fonte: CONDER, 2007.

A atuação do Programa Monumenta inclui recuperação e revitalização de imóveis, além de reassentamento e indenização da população, residente na Área do Projeto. A execução das obras de conservação e de restauro e de medidas econômicas, institucionais e educativas visam a desenvolver o retorno econômico e social dos investimentos do Programa, aplicando-os em sua conservação permanente.

Os 85 imóveis desapropriados, na 7ª etapa do programa de requalificação, serão transformados em 300 apartamentos, conforme reportagem do Jornal A TARDE, citada na legenda da figura 10.



Figura 10 - Imóveis da 7ª etapa vão virar moradias.

Fonte: Jornal A TARDE (22/11/05, Caderno LOCAL, p. 5)

Segundo Mário Gordilho, ex-presidente da Conder, nesta etapa, o uso das edificações será misto, prevalecerá o residencial, mesclado com o comercial, com atendimento local. Com a recuperação, ter-se-á 316 apartamentos de um e dois quartos, destinados a famílias com renda de dois a seis salários mínimos. Os imóveis serão financiados pela Caixa Econômica Federal – CEF –, através do Programa de Arrendamento Residência – PAR. (CONDER, 2007).

Depois de concluído o cadastro das famílias da área, será fechado acordo entre os governos federal, estadual e as associações de moradores do local, junto ao Ministério Público do Estado.

Serão recuperados 54 casarões que terão a seguinte finalidade: 2 imóveis vizinhos serão transformados no Museu Nacional da Cultura Afro Brasileira; 21 imóveis irão abrigar 103 apartamentos de 1/4, 2/4 e 3/4 para os antigos moradores do Pelourinho, construídos por meio do Programa Habitacional de Interesse Social (P-SH); 31 imóveis irão abrigar 102 apartamentos de 1/4, 2/4 e 3/4 para serem adquiridos pelos servidores públicos estaduais por meio do Programa Habitacional do Servidor Público (PHSP).

A coordenadora da AMACH, conhecida como “Pró Cida”, relata ainda a importância da associação dos moradores para a discussão de seus direitos, e também de seus deveres, perante as conquistas. Hoje eles participam das reuniões sobre todas as decisões que envolvem a 7ª etapa, entre elas da CAO, Comissão de Acompanhamento as Obras, que faz parte do Programa de Moradia e tem como principais atribuições: acompanhar o andamento da obra, através do cronograma e da execução dos serviços de acordo com o projeto; repassar informações sobre o andamento da obra aos demais moradores; elaborar Relatório de visitas às obras; elaborar Relatório Final do Acompanhamento para ser divulgado aos demais adquirentes; informar a Entidade Organizadora / Construtora sobre qualquer irregularidade, para que seja verificada.⁴

Entre as muitas ações previstas pela CONDER, em Salvador, está a ampliação das intervenções na área tombada na capital baiana pela UNESCO, como Patrimônio da Humanidade. A poligonal delimitada do CHS será estendida a bairros como Lapinha, Soledade, Santo Antônio Além do Carmo, Baixa dos Sapateiros, Independência e Preguiça. Declara a atual presidente da Conder, Del Carmen que pretende ativar e ampliar os projetos voltados para a área, entre eles o Monumenta, em parceria com o governo federal. E revela que a “preocupação é dar habitabilidade e condição de vida a quem mora nesse pedaço tão valioso de nossa cidade, ajudando a perpetuar nossa cultura e nossas tradições”. (CONDER, 2007)

A localização das obras da 7 etapa, pode ser visualizada na figura 11.

⁴ Entrevista concedida em 26/06/2007.

CAPÍTULO II: GEOGRAFIA E LITERATURA, NO PELOURINHO, UNEM PASSADO E PRESENTE

“A forma de uma cidade muda mais depressa, lamentavelmente, que o coração de um mortal”. (Jean Baudelaire).

2.1 As cidades na literatura

Os estudos culturais vêm inaugurar um novo olhar sobre a cidade. A abordagem da cidade pode ser feita através da literatura, no diálogo entre as vivências urbanas e a sensibilidade dos escritores. Neste caso, da literatura pode-se extrair mais que a interpretação e análise dos signos arquitetônicos e espaciais: ela interpreta e relata os dilemas humanos, seus sentimentos e as ações vividas no espaço. Neste sentido, Calvino (1998) constrói significados e apresenta a cidade como protagonista e, ao mesmo tempo, cenário, como ambiente de vivências de seus personagens.

Na obra “A cidade invisível”, Calvino (1998) relata a cidade e sua dinâmica por meio de uma “geografia poética”, apresentada pelo personagem Marco Pólo, que, ao descrever suas aventuras por cidades fantásticas, tornava-se o embaixador preferido do imperador mongol Kublai Khan, dono daquele imenso império, que não conhecia.

A cidade dos sonhos de Marco Pólo era Isadora. “A cidade sonhada o possuía jovem... Na praça, há o murmurinho dos velhos que vêm a juventude passar”. (CALVINO, 1998, p.12). Desta forma, pode-se refletir a relação “invisível, mas real, entre o morador e sua cidade”. Ao assegurar a existência de cidades particulares, o autor revela como é possível “construir” diferentes cidades, a partir do seu olhar. Existiam as cidades que ele visitava, mas também aquelas que ele inventava. Para Kublai Khan ficava a incógnita: essas cidades realmente existiam em seu reino tão incrível ou elas eram apenas cidades imaginadas?

Desde a formação do romance brasileiro, a cidade está presente em nossa literatura, como naqueles do século XIX, de Joaquim Manuel de Macedo, em que publica, em Paris, um livro de poesias românticas – os “Suspiros Poéticos e Saudades” – sob o clima romântico já existente na França. No mesmo ano, lança Araújo Porto Alegre, Torres Homem e Pereira da Silva, a revista “Niterói”. “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis,

foram considerados o marco do realismo na literatura brasileira. São histórias que tematizam os aspectos da vida carioca, na segunda metade do século XIX. Ressaltam os costumes e a vida familiar, que tem como espaço os quartos, salões e ruas que se localizam numa cidade, sobretudo no Rio de Janeiro, na década de 1930. Assim, a cidade é eleita o espaço e o tempo da modernidade.

Com a leitura destas, entre outras obras, poder-se-á perceber como o registro escrito do passado permite a compreensão do nosso presente, pois se valem do momento histórico como pano de fundo para sua narrativa. Para Merleau-Ponty, a compreensão e o significado da literatura ficam claro na citação a seguir:

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 162)

Jorge Amado produziu sua obra literária num período da história francesa em que a arte e a política estavam entrelaçadas. A obra de Jorge Amado não permite a posição de espectador diante dos temas apresentados, pois remete à reflexão sobre o real. Desta forma, a arte era vista como uma “arma de expressão”.

Nesses aspectos, as obras literárias convidam a um exercício de liberdade de interpretação e, numa linguagem rica, propiciam um melhor entendimento de que não existe um único significado para as coisas. Pode-se, então, superar a visão delimitada da realidade, como sugere Morin (2003, p.17), na obra “A cabeça bem-feita”, quando ressalta que é preciso vencer o desafio dos desafios que é o “desafio da complexidade”, onde a geografia e a literatura encontram-se como leituras possíveis de uma recriação imaginária da realidade.

Outro importante exemplo, utilizando-se a literatura, é a sensibilidade de Charles Baudelaire e Lima Barreto em se ver a cidade:

Com efeito, os escritores da modernidade tornaram-se mais autênticos e profundos quanto mais se aproximam dos homens comuns. Graças a essa proximidade, seus escritos irão despertar em seus contemporâneos a consciência de si mesmos como homens modernos. Enquanto Marx retrata a modernidade num contexto histórico no nível dos movimentos coletivos, enfatizando a luta de classes, Baudelaire e Lima Barreto mostram como ela pode ser vista dentro do indivíduo. (MORAIS, 2004, p. 269)

Calvino, falando do papel da experiência para o escritor, revela o valor da memória vivida, na busca do “ser” e do “eu”. Afirma que só através da literatura pode-se distinguir a imagem da palavra e “propõe a visibilidade enquanto um meio transparente, através do qual a realidade se apresenta à compreensão”. (CALVINO, 1998, p. 108).

Em um dos capítulos do livro “Seis Passeios pelo Bosque da Ficção”, Umberto Eco explica as relações entre a realidade e a ficção. Os acordos ficcionais apenas funcionam porque se tem a tendência de construir a vida como um romance, diz o autor. E define: “parece que a ficcionalidade se revela por meio da insistência em detalhes inverificáveis e intrusões introspectivas, pois nenhum relato histórico pode suportar tais efeitos de realidade”. (ECO, 1994, p. 128).

Destaca-se a obra “Seis Propostas para o Próximo Milênio”, de Ítalo Calvino (2001), em que ele traz valores que considera essenciais à literatura nesse contexto de mudanças tecnológicas e dos reflexos das mesmas. Deixa a ficção de lado e enfatiza a forma e a técnica, os valores ou as qualidades que a literatura deveria conservar ou que deveriam persistir no futuro. Calvino elegeu a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade, valores que ele consignava para uma melhor percepção da realidade.

O que Calvino desejava era a procura de uma literatura que admitisse a “continuidade da passagem de uma forma a outra”. (CALVINO, 2001, p. 21). Uma literatura que se adequou à rapidez e à velocidade informacional que dominam o espaço contemporâneo. E revela que o pensamento do poeta, bem como o “espírito do cientista em certos momentos decisivos, funcionam segundo um processo de associação de imagens que é o sistema mais rápido de coordenar e escolher entre as formas infinitas do possível e do impossível”. (CALVINO, 2001, p. 107).

O ser do poeta se torna o ser do contemplador. Claramente, esse encontro não revela um objeto, mas dimensões profundas da relação de quem contempla com ele. É, portanto, condição prévia para a criação artística, o não-saber, o que possibilita a formação de uma nova imagem que não se limita a um “substituto da realidade sensível”. (BACHELARD, 1993, p. 17).

A importância da imagem poética também é ressaltada por Bachelard (1993, p. 7), quando “a imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, nos expressa tornando-nos aquilo que ela expressa – noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser”.

Nesta direção, a obra *Bahia de Todos os Santos*, livro de Jorge Amado, publicado em 1945, apresenta a cidade. Em “Refletindo sobre a Bahia de Todos os Santos”, Táti (1961, p.133) mostra a importância desse espaço que assume significado especial:

...poético e estranho, “guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador”, mas ao mesmo tempo guia indiretamente explicativo da maneira baiana de ser do romancista de Suor, Jubiabá e Capitães de Areia, de seu profundo enraizamento na alma popular de sua gente, de tudo aquilo que ele incorporou aos seus próprios sentimentos dos sentidos da cidade chamada apenas de “Bahia” pelos naturais – a Salvador dos mapas-das tintas de muitas cores de seu acidentado panorama, de seus usos mais típicos, de suas velhas tradições. Guia das ruas. Guia dos mistérios...

Há algum tempo, os geógrafos já têm mostrado um interesse pela abordagem geográfica de obras literárias, porque os manuais de Geografia não eram tão estimulantes e não conseguiam transmitir os conteúdos de forma tão vívida, quanto a literatura.

A leitura destas, entre outras obras, leva à percepção de como o registro escrito do passado permite a compreensão do presente, pois estas obras se valem do momento histórico como pano de fundo para sua narrativa.

As relações entre Geografia e Literatura têm suscitado várias reflexões, não apenas no campo geográfico, como Monteiro (2002), Tuan (1978), mas também literário com Lins (1976), Moretti (2003) e Dimas (1987), ou ainda, interdisciplinarmente, como Malory e Simpson-Housley (1999).

Entre as décadas de 1940 e 1960, destacam-se os geógrafos como Monbeig (1957), Segismundo (1949) e Mota (1961). Tinham a capacidade de escrever com espírito crítico no sentido de valorizar e aprofundar-se na imensa riqueza geográfica que reside na literatura.

Monbeig (1957) formou-se na Escola Francesa de Geografia e foi um dos fundadores da Geografia científica brasileira. “Pensar a Geografia, a partir da análise geográfica da paisagem e ampliar o conhecimento desta ciência para além da descrição, levando os alunos a compreensão mais próxima da realidade dos fenômenos geográficos”, foi um dos seus focos. Destacam-se os trabalhos de Monbeig, “Literatura e Geografia” e “Paisagem Espelho de Uma Civilização”. Para a análise geográfica, sugere Monbeig que:

O geógrafo deve saber olhar, e aí onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, ele compreende a significação profunda, o valor humano da paisagem. Mas, por mais completa de ensinamentos que seja uma paisa-

gem, ela não é tudo e, para melhor compreendê-la, é necessário, e este é o segundo ponto de nosso método, poder ultrapassá-la. (MONBEIG, 1957, p. 69)

Para Segismundo (1949), a separação entre a atividade literária e a atividade geográfica deve-se ao fato de a Geografia ter-se tornado ciência independente das demais. O autor em seus trabalhos buscou clássicos da Literatura que narram viagens com a geografia, encontrada nelas.

Já na década de 1960, Mota (1961) ressalta técnicas como subsídios preciosos à necessidade de leituras não somente com foco no estudo da Geografia e destaca a importância da Literatura como um recurso aos estudos sócio-econômicos e históricos.

É somente a partir da década de 1970, com o desenvolvimento da corrente humanística da Geografia, que se trazem novas concepções e novas abordagens à ciência geográfica, com a valorização da subjetividade nas relações entre o homem e seu ambiente, que os estudos sobre a relação entre Geografia e Literatura se aprofundaram, buscando perspectivas experienciais em obras romanescas.

Armand Frémont, geógrafo francês, destaca assim a importância dos estudos geográficos e literários: “é uma nova Geografia que se há de inventar, rompendo as divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letra a par da Geografia. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço...” (FRÉMONT, 1980, p. 89). Frémont, em seu livro clássico *Região, espaço vivido*, de 1976, analisa a região enquanto espaço vivido e aponta a percepção entre o homem e o espaço, atribuindo-a às relações vividas. “Os lugares [...] formam a trama elementar do espaço”, conseqüentemente, o escritor consegue traduzir os seus valores, auxiliando na compreensão, não só da região, como do lugar. (FRÉMONT, 1980, p.121)

Em 1974, o geógrafo Yi-Fu Tuan, na sua obra *Topofilia*, foi um dos pioneiros no resgate da necessidade e da possibilidade de se usar a Literatura nos estudos geográficos, tendo em vista que esta, “[...] mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos.” (TUAN, 1980, p. 56). Assim, a Literatura exalta as particularidades das pessoas em suas culturas.

Tuan (1978, p.194) afirma que a relação entre Geografia e Literatura pode-se dar por meio de três abordagens principais: formas de experienciar o humano e

as suas relações; percepções ambientais e os valores culturais; alcançar o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo.

Pocock, no início dos anos 80, busca não apenas as descrições das paisagens, mas, sobretudo, a condição humana, acreditando que a Literatura, que possui o atributo de “universal”, é assim devido à sua capacidade de expressar a essência do viver e da experiência.

Uma outra obra que analisou a ligação entre a Geografia e a Literatura é “o mapa e a trama”, escrita por Carlos Augusto de F. Monteiro, geógrafo procedente da climatologia, área na qual se tornou uma referência nacional e internacional, que tem realizado pesquisas por um viés bem diferente, procurando o que chama de “conteúdo geográfico de criações romanescas”. Admitindo ter sido influenciado por Pocock, Monteiro sentiu a necessidade de transcender o estudo do “lugar” nas obras romanescas.

Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia-Literatura [...] acho que toda a urdidura complexa da ação romanesca – a ‘trama’ – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o ‘mapa’ – percebida pelo geógrafo. (MONTEIRO, 2002, p. 25)

Esta é explicação do título de sua obra, *O mapa e a trama*, onde publicou uma série de estudos sobre diferentes obras romanescas. Ela deixa bem claro o projeto de estudo do autor: o mapa significa o contexto estrutural de configuração espaço-temporal (mais do que o lugar), onde acontece o dinamismo da ação, a trama criada pelo escritor.

A professora Livia de Oliveira, pioneira nos estudos de Geografia Humanística, relacionando a Percepção e Cognição do Meio Ambiente à paisagem, ao lugar e à experiência, tem sua leitura de Geografia vinculada à teoria psicológica de Jean Piaget e ao próprio Tuan. Assim, ela não apenas estudou a percepção, cognição e afetividade geográfica no sertão rosiano (OLIVEIRA, L. 2002), como orientou vários trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) sobre várias obras literárias regionais brasileiras.

Seguindo ainda pela literatura, uma dissertação sobre *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1908-1967), realizada por Ferreira (1990) foi dividida em quatro capítulos: Geografia e Literatura; Travessia Geográfica; Espaço e Lugar; Percepção Geográfica e o *Grande Sertão: Veredas*. Para Ferreira, pelo fato de Guima-

rães Rosa ter vivenciado o Sertão, a riqueza de detalhes encontrada na obra é muito maior e completa. Assim, a

... literatura contribui para a percepção geográfica através de seus registros que falam de um mundo experienciado cotidianamente, de modo imediato ou conceitual, pelos escritores, mediante as conjunturas fictícias ou não das paisagens vivenciadas pelos personagens... Ao resgatarm a unicidade dos significados objetivos e subjetivos da experiência e da percepção da paisagem vivida, estes estudos permitem que os geógrafos não se restrinjam às concepções de uma geografia de características cartesianas. (FERREIRA, 1990, p. 159-190).

Ressalta-se que a tese *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna (1927), elaborada por Wanderley (1997), também aborda o sertão nordestino, contido na obra literária, a partir da percepção do escritor e sob o olhar geográfico. Também é dividida em quatro capítulos: Em Busca da Leveza e Concretude; A Paisagem vivida das Pedras do Reino; No Romance D'A Pedra do Reino e Sertão: Castelo Real ou Castelo Poético? Assim como Lima, os conceitos de espaço e lugar de Tuan receberam destaque, além da percepção do meio ambiente e da paisagem geográfica.

Identificou-se outros trabalhos, envolvendo a Literatura e a Geografia, como "O espaço geográfico no romance brasileiro", lançado pela Fundação Casa de Jorge Amado, em comemoração a 55 anos do romance *Suor* do próprio escritor baiano. O livro contém: "A Ficcionalização do Espaço Geográfico em "Suor", de Jorge Amado", de Judith Grossmann; "Minas Gerais em Guimarães Rosa", de Letícia Malard; "Érico Veríssimo: O Romancista do Sul", de Tânia Franco Carvalhal; "O Nordeste em Pedra Bonita" de José Lins do Rego", de José Aderaldo Castello; "A Natureza como Ficção", de Milton Hatoum. (GROSSMANN ET ALL, 1993).

Em seu livro, *Espaço e romance*, Dimas destaca os cenários das obras ficcionais e os elementos que compõem o espaço na literatura. Analisa o espaço, como parte complementar do romance, e acaba por destacá-lo como um dos elementos constituintes da própria trama. (DIMAS, 1987).

Ainda pode-se citar o *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras* (2006). Com esta obra, o IBGE inicia a coleção cobrindo o "Território Nacional por um recorte regional que associa o conhecimento específico da Geografia à percepção espacial, presente em tramas de grandes obras da Literatura brasileira...". O primeiro volume trata das regiões da Campanha Gaúcha, Colônias, Vale do Itajaí e Norte do Paraná.

Estes trabalhos apresentam uma grande amplitude nas várias relações existentes entre a Geografia e a Literatura e mostram seus pontos de vista sobre a relevância do tema. Assim, destaca-se a citação de Moreira pela importância da Geografia e da Arte:

... ver o mundo pelos olhos da Arte, tanto quanto a arte vê o mundo pelos olhos da Geografia. Fundir num só os olhares imagéticos sobre os espaços da geografia, ciências sociais, literatura, pintura, cinema, arquitetura, veres geográficos... Acostumados com o objetivo que impregnou o mundo da ciência, dissociamos no mundo o que é dela e o que é da arte. Não nos indagamos se não é este o nó cego que, até agora, afastou o olhar do geógrafo da capacidade de ver e acompanhar o mundo como o espaço tenso do ser contraditório. (MOREIRA, 1996, p. 41-48).

Silva e Pinheiro (2004) proporcionam um maravilhoso diálogo entre a geografia e a literatura, a partir de uma necessária reflexão de Milton Santos, que ressalta que o maior erro que a Geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de nela conjugar a ciência e a arte.

“Visões imaginárias da cidade da Bahia” desenvolve uma abordagem sobre as obras literárias, música e cinema referentes à cidade do Salvador. “Os escritores e poetas realizam um trabalho arqueológico em busca da alma, da verdadeira essência das cidades”. (SILVA e PINHEIRO, 2004, p. 23). Isso ocorre à proporção que o conhecimento é construído além da análise dos textos literários, por meio de um olhar de dentro, que se elabora ao vivenciar e sentir o cotidiano, ao se registrar e se manter vivos os elos afetivos com os lugares.

Reconhecendo na literatura uma fonte da pesquisa histórica, Pesavento (2002) busca na trama literária as características essenciais que estariam na raiz dos modos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de repensar o mundo. E confirma que,

a Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores, Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (PESAVENTO, 2004, p. 82-83).

Para Pesavento (1995), a História e a Literatura ofereceram papéis diversos na construção da identidade, pois apresentam “como representações do mundo social”. Assim, deve-se ter a literatura como mais uma fonte histórica. Para a autora, “o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a re-

apresentação do mundo que comporta a forma narrativa”. (PESAVENTO, 1995, p. 117).

Jacques Le Goff (1976) defende que os documentos literários e artísticos são fontes privilegiadas quando analisadas como histórias da representação dos fenômenos objetivos, ou seja, se consideradas como formas de representação da realidade, as fontes literárias podem e devem ser utilizadas como fontes históricas.

2.2 Jorge Amado: valor da memória vivida

Jorge Amado, nas obras da primeira fase, une duas palavras: experiência e sensibilidade solidária à dor do outro. A realidade se torna viva quando se lê a obra do escritor... Elas realizam a revelação da cidade, ao ver, sentir e perceber os que nela vivem.

Há nos romances da primeira fase uma predominância de fatos político-sociais, denunciando a miséria e a opressão ao trabalhador rural e das classes populares. São obras representativas deste período os romances *Suor, Cacau, Jubiabá, Capitães de areia e Terras do sem fim*.

Na segunda fase, são obras que exploram ainda mais os elementos da cultura popular e mais voltados para o humor. São obras representativas deste período os romances *Gabriela, cravo e canela, Dona Flor e seus dois maridos, Teresa Batista, cansa de guerra e Tieta do agreste*.

Jorge Amado tem um talento especial para captar, com sentimento e com detalhes, o cotidiano do povo. Nesta perspectiva, Táci (1961, p. 33) afirma que o escritor, no guia das ruas e mistérios da cidade do Salvador, revela “seu profundo enraizamento na alma popular de sua gente, de tudo aquilo que ele incorporou a seus próprios sentimentos...”, fazendo parte desse guia também os aspectos naturais como “o Salvador dos mapas, das tintas de muitas cores de seu acidentado panorama, de seus usos mais típicos, de suas velhas tradições”.

Morin (2003) destaca a importância da literatura em suas dimensões históricas, psicológicas, sociais, filosóficas e cada um desses aspectos traz esclarecimentos e informações importantes para a compreensão “da complexidade humana”, tão presente na literatura.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 2), “a cidade existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir”, ou seja, “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Portanto, "percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados..." (TUAN, 1978). Dando, assim, sentido ao lugar... ao espírito do lugar.

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, em Ferradas, Distrito de Itabuna, Bahia. Sua obra, por sua complexidade e beleza, deu um novo sentido e uma grande riqueza à literatura. Filho de João Amado de Faria e de Eulália Leal, passa a sua infância entre uma plantação de Cacau, na fazenda em Ferradas, e no litoral em Ilhéus, cidade do sul baiano. A partir dos 10 anos, estuda na cidade do Salvador. Com apenas 15 anos, começou a trabalhar como repórter policial no Diário da Bahia. Na figura a seguir, vê-se a família de Jorge Amado reunida:



Figura 12 - Jorge Amado à direita com sua família.
Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado, 2007.

Jorge Amado (*apud* RAILLARD, 1990, p. 123) traz seu testemunho sobre este momento da sua vida:

No começo eu fazia reportagens de polícia; era repórter de polícia, o grau mais inferior do jornalismo, os “cães esmagados”: eu ia às delegacias para me informar sobre o que ocorrera desde a véspera – os acidentes, os crimes, as brigas, qualquer coisa; ia ao necrotério para saber quem morrera, em que estado estava o cadáver, quantas facadas recebera, em que circunstâncias etc., para registro de fatos diversos, completado por outro repórter, um acima de mim. Durante algum tempo a coisa ficou neste pé. Até que Muniz Sodré, um homem distinto, jurista, político, que era ou havia sido senador, já não me lembro exatamente, e que era diretor do Diário da Bahia, um dia se deparou com um artigo que tratava da região do cacau; aquilo o interessou, quis saber quem o escrevera, soube que fui eu um moleque, que “fazia polícia”. Ele decidiu que a partir de então eu faria parte da redação. Foi assim que me iniciei no jornalismo, por volta de 1926.

Em 1922, artistas e intelectuais brasileiros, a exemplo de Jorge Amado, foram contagiados pela renovação cultural irradiada da Europa e dos Estados Unidos, que, no Brasil, culminou com o Movimento Modernista, designando diversas ações artísticas na poesia, prosa, música, pintura e escultura. Tal evento ocorreu em São Paulo, ficando conhecido como Semana de Arte Moderna.

Em 1930, foi para o Rio estudar Direito. Nessa cidade, colaborou em jornais, fez parte de grupos literários e publicou, em 1931, O País do Carnaval, quando se tornou conhecido. A partir da revolução de 1930, surge o movimento conhecido por Romance de 30. Jorge Amado, conforme Santos (1993, p. 122), afirma que essa literatura veio “tratar dos problemas do povo, usando uma linguagem baseada naquela falada pelo povo”. Em 1932, aproximou-se dos grupos políticos de esquerda, apresentado por Rachel de Queiroz.

A obra de Jorge Amado não descreve apenas a vida do povo da Bahia, mas consiste, acima de tudo, numa denúncia quanto às diferenças de classes sociais. Como disse Antonio Cândido (1998), a obra de Jorge Amado é “uma ida ao povo”.

Foi o romancista brasileiro com maior número de obras traduzidas em todo o mundo e foi quem traduziu, de forma mais perfeita, a Bahia. Criou uma vasta obra regionalista, de cunho social, enfatizando a cultura, os problemas e as dificuldades da gente do nordeste.

O escritor Jorge Amado é um ícone para o gênero romance pela contribuição que sua obra deu para a consolidação deste gênero e do novo modelo econômico, político e literário que se estabelecia no Brasil a partir da década de 30. Com sua vivência, o autor mantém um diálogo íntimo com a configuração da cidade e com a realidade, transparente e nítida.

Assim, invadem sua ficção essa vivência e essa experiência como o próprio Jorge Amado relata a Alice Raillard:

Mas o mais importante era que levávamos uma vida muito boêmia, muito encravada na vida popular da cidade, da qual participávamos intensamente. Estávamos em todo lugar; nas festas, nos mercados, nos saveiros, nos grandes barcos de pesca – fiz toda a costa baiana em saveiro; nos “chatôs”, e como se dizia na Bahia – não eram exatamente bordéis, nem casas de encontro como os “motéis” de hoje; na verdade, era mais um local de reuniões, nos servindo quase como salão literário... Havia ali “francesas” letradas, fazíamos leituras de poemas. (RAILLARD, 1990, p. 36-37).

Em 1932, tornou-se militante político da esquerda. E, no período da ditadura do Governo Getúlio Vargas, sofreu sérias conseqüências por isso. Seu ativismo político, muitas vezes, o deixou à margem de ser um intelectual devidamente reconhecido. Entre 1941 e 1942, se exilou primeiro na Argentina e, depois, no Uruguai. No campo político, foi eleito deputado federal, em 1945, pelo Estado de São Paulo e também participou da Assembléia Constituinte de 1946, representando o Partido Comunista Brasileiro. Dois anos depois, foi exilado novamente por quase cinco anos e viveu em Paris, entre 1948 e 1950, e em Praga, entre 1951 e 1952. Viajou muito, mas sempre escreveu sobre o Brasil, em especial sobre o Estado da Bahia.

Nos tempos de perseguição e opressão à expressão do pensamento, Jorge Amado, munido de ousadia e consciência política, retratou fielmente os costumes, dando expressão literária ao linguajar do povo. Conseguia transcrever, fielmente, os costumes e a linguagem do povo.

Publicou também, na década de 1930, os livros *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães de Areia*. Em “Cacau” (1933), o próprio autor revela “contar neste livro com um mínimo de literatura e um máximo de honestidade à vida do trabalhador das fazendas de cacau do sul da Bahia”. (*apud* Raillard, 1990, p. 40). *Capitães da Areia*, publicado em 1937, foi apreendido pela polícia e queimado em praça pública, retornando às livrarias apenas, na final da ditadura de Vargas, em 1944. O ambiente é caracterizado pelas ladeiras e casarões da cidade do Salvador. Os personagens são menores abandonados que vivem num velho trapiche, cujo líder do grupo é Pedro Bala.

Tratou de temas não antes abordados, revelando o cotidiano de seus personagens, através de suas comidas, seus cheiros e ervas e seus costumes, próprios da cultura local da Bahia. Aliás, sensualidade e sexualidade marcaram sua obra.

Jorge Amado escreveu suas obras tendo por base a vida, suas concepções e seu contexto. Isto foi sabiamente captado por Santos:

Entre a realidade e a imaginação viveria, quase que sempre, o homem, recriando, reinventando a vida de sua gente – a realidade foi a fonte permanente de sua ficção, os personagens do romancista resultam da soma de figuras que fazem parte da sua experiência de vida. (SANTOS, 1993, p. 35)

Ele se define como um escritor sempre ligado ao povo excluído, esquecido e marginalizado: “Cada vez, eu procuro mais anti-herói... os vagabundos, as prostitutas, os bêbados”. (AMADO, 1981, p. 54). Nas ruas da capital baiana, tomou conhecimento da vida popular mais de perto, interagindo com os tipos, o que mais tarde iria marcar profundamente sua memória, apurando o seu olhar e sua percepção peculiar, revelando, de forma dramática, ou então bem humorada, os ricos detalhes de sua obra.

O retrato falado acima talvez tenha sido o sucesso de seus 49 livros que apresentavam temas de incentivo à liberdade e à dignidade do homem. Jorge Amado revela o que sentia, de modo geral, após a conclusão dos romances: “Ao terminar o livro estou cansado, física e moralmente fatigado, resta-me o vazio. Ele não mais me pertence, pertence a outros, editor, leitores, críticos, tradutores, pertence a todo mundo menos a mim”. (SANTOS *apud* RAILLARD, 1990, p.118).

O autor publicou continuamente por quarenta e sete anos em seus mais de cinqüenta anos de carreira. E foi a partir do sucesso de público de “Gabriela, Cravo e Canela”, em 1958, que ele alcançou o topo de sua fama e, a partir de então, sua obra deslanchou mais em popularidade do que em crítica. Nesta magnífica obra, o ambiente é a região cacauzeira da Bahia – Ilhéus, na década de 1920, período áureo do cacau. Os personagens são de diversas classes sociais e espaços geográficos. Em 1959, foi reconhecido pela primeira vez com seis prêmios consecutivos: em um único ano recebeu o que esperou por vinte e nove anos.

No intuito de poder realizar uma análise contextualizada de algumas obras do escritor Jorge Amado, torna-se indispensável fazer uma breve exposição sobre o panorama político da época: década de 1930 do século XX. As idéias expressas nos livros foram fortemente influenciadas pela experiência de Jorge Amado. Neste sentido, o elo de Jorge Amado a Salvador revela seu sentido de pertencimento à Bahia.

Em 1929, o mundo viveu uma forte crise de caráter econômico-financeiro e um marco desta crise foi a superprodução industrial norte-americana que abalou o mercado internacional, através da queda do preço das ações de grandes empresas, favorecendo o *crack* da Bolsa de Valores de Nova York. O poder de compra dos Estados Unidos, fragilizado, comprometeu inúmeros países que para lá exportavam e, particularizando o Brasil, pode-se afirmar que a crise foi iniciada pela baixa nas exportações de café, onde estava investida considerável parte dos recursos das elites econômicas.

A crise aconteceu justamente no momento em que no Brasil haveria a indicação para um novo candidato à presidência, elegendo-se o candidato Júlio Prestes. Provocou-se, por isso, uma agitação entre as oligarquias e o povo que não concordavam com o resultado. Uma insatisfação tomou conta do país, principalmente após o assassinato do político João Pessoa, em julho de 1930. Tal fato provocou uma revolta civil, conhecida como a Revolução de 1930, favorecendo o candidato Getúlio Vargas, que assumiria a presidência do Brasil, em 3 de novembro de 1930, como presidente provisório, concentrando poderes.

Considerando o período difícil que estava vivenciando, Vargas adotou medidas emergenciais ao assumir a presidência, podendo-se destacar: “a suspensão da Constituição Republicana, o fechamento de órgãos e a indicação de interventores militares para chefiar os governos estaduais”. (COTRIM, 2001, p.115). A gestão do presidente indicado buscou atender as necessidades sociais da população e também defender os interesses nacionais, através de uma política forte e bem direcionada.

Em julho de 1934, foi promulgada a nova Constituição, que defendia, dentre outros pontos, o voto secreto, voto feminino, redução da idade mínima do eleitor de 21 para 18 anos, os direitos trabalhistas e o nacionalismo econômico. Estas mudanças eram relevantes no panorama brasileiro, principalmente porque propunham uma atmosfera mais democrática do que a vivida anteriormente.

Buscando manter-se no poder por mais tempo, o referido presidente simulou um golpe de Estado e, em setembro de 1937, encomendou ao serviço secreto a divulgação de um golpe comunista, que justificaria a rendição dos seus adversários políticos, o fechamento do legislativo e a substituição da Constituição.

Foi neste momento histórico que o governo criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para elaborar propagandas e divulgações que conquistas-

sem a simpatia popular. O culto ao chefe fixou a imagem de Vargas como o “Pai dos Pobres” e aqueles que não aceitavam o regime foram calados nas prisões, onde a tortura era comum.

Entre 1939 e 1945, o mundo vive a Segunda Guerra Mundial, liderada por dois grupos: as potências do eixo (Alemanha, Itália e Japão) e as aliadas (Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética). O governo brasileiro manteve neutralidade até 1941 quando fez alguns acordos com os aliados, a fim de obter subsídios para industrializar o país.

Diante do exposto, pode-se dizer que, chegando ao poder em 1930, Getúlio Vargas permaneceu por 15 anos consecutivos governando estrategicamente o Brasil, adotando medidas para estabilizar a economia, valendo citar: investimentos na economia cafeeira, incentivo à agricultura e *input* à industrialização. Retornou à presidência em 1950, governando até 1954, quando, descontente com o cenário político se suicidou. As ações do referido governo ainda são referências nos debates políticos e sociais. Nacionalismo, estatização econômica, paternalismo político, legislação trabalhista, “liberdade” sindical são algumas características marcantes relacionadas ao governo Vargas.

As idéias expostas ratificam o caráter transformador das relações e ações sociais, que passam a ser um ponto fundamental de investigação, já que é através delas que o ser humano se apropria, produz e modifica o meio em que vive. A compreensão da complexa rede de significados, presente na vida cotidiana do espaço geográfico, pode ser mais bem avaliada através dos estudos de percepção.

Este fenômeno, a percepção, é de suma importância para a análise espacial, pois possibilita constatar os modos como os indivíduos apreendem e se relacionam com o espaço. Como revela Santos,

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência. (SANTOS, 1996, p. 62).

Os textos de Jorge Amado revelam também desafios em compor fragmentos da história e a imagem de um espaço, cheio de emoções e imaginação. Para Gastou Bachelard, a imaginação não é “a faculdade de formar imagens da realidade;

é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”. (BACHELARD, 1989, p.18).

Jorge Amado viveu intensamente a vida popular da Bahia nos mercados, bordéis, rodas de capoeira, terreiros de candomblé... Dessa experiência com o povo ele revela: “Minha criação romanesca decorre da intimidade, da cumplicidade com o povo. Aprendi com o povo e com a vida, sou um escritor e não um literato, em verdade sou um obá ⁵...” (AMADO, 1992, p.3)

O poder das obras de Jorge Amado extrapola, e muito, o âmbito nacional, pois revelam um escritor comprometido com o povo, com suas alegrias, tristezas e lutas, como ressalta Duarte (2000, p. 71) quando afirma que “escritos do jovem que abraçou a utopia e ousou, como tantos de sua geração rompeu com a arte “neutra” e intransitiva, para fazer do romance uma arma política”.

Jorge Amado dá voz ao povo, que tanto amou, através de seus personagens que denunciam as misérias sociais, provenientes das contradições do processo de produção da sociedade capitalista. As suas obras literárias, com ênfase, representam um papel importante na sociedade, pois se tornam documentos desafiadores.

Jorge Amado sabiamente revelou as belezas naturais do Pelourinho, seus costumes, suas crenças..., histórias pitorescas do cotidiano, representado por seus personagens, como o mendigo Cabaça, Linda, Antônio Balduino, Pai de Santo Jubi-abá, Pedro Arcanjo e tantos outros.

2.3 Construção do Pelourinho como cenário em Suor

Os tipos de “Suor” surgem um a um e entram em contato com o leitor naturalmente, em ocasião própria... Temos a impressão de que o romancista permaneceu na escada para dali observar toda aquela gente miserável: prostitutas, marinheiros, bêbados, operários desempregados, costureiras, tuberculosas, gringos de prestação, mendigos mutilados e flagelados dos sertões do nordeste. (JUREMA, 1961, p. 89).

Jorge Amado utiliza o bairro do Pelourinho como cenário para escrever *Suor*, uma obra organizada em vinte partes que, de forma dinâmica, retrata os principais problemas sociais, políticos, econômicos e culturais do período. “Ali embaixo, no centro da ladeira empedrada, ficava o pelourinho, montado pelos colonizadores por-

⁵ Obá – sábio do candomblé: sábio da sabedoria do povo.

tugueses. Hoje, o pelourinho desaparecera, mas a ladeira que lhe tomara o nome era como o pelourinho também”. (AMADO, 1983, p.87).

Santos (1959) relata a vida nesses cortiços onde “as diversas famílias que ocupavam um mesmo andar se vêm obrigadas a se servirem de um mesmo banheiro... escadas estragadas, paredes sujas, tetos com goteiras formam um quadro comum a toda essa zona de degradação”. (SANTOS, 1959, p.166).

E a vida nesses cortiços foi literalmente recriada no romance Suor, publicado em 1934. Ele tem como cenário principal o casarão de número 68, localizado na Ladeira do Pelourinho, em Salvador. O prédio, antiga casa senhorial transformada em cortiço, denuncia as disparidades desse espaço marcado pela dor, pela miséria, pela falta de higiene, pela exploração da Igreja Católica, pela prostituição... Enfim, pela falsa liberdade.

O cortiço também é ratado por Souza (2005), no artigo “A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços”. Nele, a autora analisa o jogo do poder, a condição sanitária da capital e dos moradores do Salvador, evidenciados pela epidemia, e destaca:

- em Salvador, quando os primeiros rumores da existência de uma epidemia de gripe começaram a circular, as autoridades não tomaram logo providências. A crença de que se tratava do surto de uma doença benigna, familiar, talvez, possa ter interferido na resposta inicial que aquela sociedade deu à epidemia, contribuindo para que, de início, ela fosse ignorada.
- Pode-se também relacionar esta situação à necessidade de preservação de uma imagem de salubridade daquele porto, agora exportador, e à falta de recursos técnicos e financeiros para programar as ações de saúde coletiva;
- a maior parte dos óbitos registrados pelo Serviço de Verificação de Óbitos ocorreu no distrito de Santo Antônio Além do Carmo, onde moravam os operários fabris, os empregados dos estabelecimentos comerciais e das companhias dos serviços urbanos.

E Souza (2005, p. 8) finaliza afirmando que, durante o período do surto epidêmico, várias missas foram rezadas, na Bahia de Todos os Santos,

...rogando a proteção divina para aquele período de pestilência e mortalidade. É possível que Deus tenha atendido às preces dos soteropolitanos e se compadecido das condições adversas em que estes viviam – debilitados

por epidemias precedentes, açoitados pela carestia, combalidos pela fome e vivendo amontoados em lugares insalubres –, resolvendo poupá-los de mais essa desventura.

Assim, no decorrer do contexto histórico-social, em seus jogos de relação, percebe-se a centralização e a importância que determinados conceitos têm na produção de um imaginário coletivo responsável por novas atitudes e condutas sociais, legitimando formas de ação e, ao mesmo tempo, de aceitação por parte daqueles que serão diretamente atingidos.

É importante destacar-se que, na construção do Brasil moderno, está presente a produção de um discurso, baseado na questão da higiene, da moral e da disciplina. Segundo Pesavento (2001), desde o final do século XIX, os discursos higienistas detonaram campanhas moralizadoras nas cidades, para os moradores dos cortiços e dos seus becos. Estes eram entendidos pelas elites como classes perigosas, por oferecerem problemas à ordem pública, e depois, por representarem também o perigo do “contágio”, especialmente devido aos “hábitos de moradia”, os quais eram considerados nocivos à sociedade.

A população pobre do Pelourinho, inicialmente, ocupava, sobretudo, a parte baixas de sobrados, preterida pelas famílias mais abastadas, os quais representavam os “cortiços” da cidade, uma vez que esses locais eram subdivididos, transformados em habitações coletivas e, posteriormente, alugados por seus proprietários às famílias humildes da cidade. De um modo geral, a campanha de higienização nas cidades tinha como alvo principal as camadas pobres da sociedade, vistas pelas elites como “classes perigosas”.

Para Chalhoub (1996, p.35), a higiene é vista como ideologia, ou seja, como um conjunto de princípios destinados a conduzir o país à “civilização”, o que implicava a despolitização da realidade histórica e legitimava as novas decisões quanto às políticas públicas, empregadas ao meio urbano.

Salienta-se que o aparato legal, elaborado pelas autoridades políticas e sanitárias, para se fazer uma cidade “higienizada”, era inteiramente conjugado com o projeto nacional, cujo objetivo maior era “eliminar das vistas a pobreza, que, por convicção da elite, era suja e perigosa. Se o centro era o cartão de visitas, as camadas populares, desalojadas, deveriam ir para os subúrbios”. (PESAVENTO, 2002, p. 176).

As determinações contidas na legislação no período eram praticamente impossíveis de serem cumpridas para a realidade existente em Salvador, onde a maioria da população era constituída de pessoas pobres, além do que uma higienização satisfatória deveria contar com os serviços mínimos de saneamento, água canalizada e tratada, esgoto sanitário, coleta regular de lixo, serviço de saúde para atender à população.

Sá (2000), em sua dissertação, ressalta que, de início, os discursos higienistas eram unicamente sobre os aspectos topográficos, mas que logo foram substituídos sobre como a miséria material reflete no crescimento urbano. Assim, a intervenção da Medicina Higienista no espaço acontece, especialmente, na casa do pobre, desinfetando e disciplinando. Além do mais, com o desenvolvimento da cidade e o aparecimento da classe operária pobre, tem-se o aumento das articulações políticas, temidas pelos poderosos.

Deste modo, concentrando suas preocupações nos problemas econômicos e sociais da população, a Igreja, imbuída de uma visão mais ampla sobre o social, idealizou um projeto de melhoria para a sociedade, chamando para si o ordenamento social e convocando o Estado para a ação em conjunto.

A classe rica procura lugares mais salubres, mais próximos do mar e onde a aeração das casas seja aceitável. Assim, “persegue-se na realidade, o ideal da cidade européia limpa, asséptica, como premissa básica do progresso e da civilização”, ordenando os espaços, mostrando o rompimento com os saberes antagônicos e aconselhando o comportamento social. (SÁ, 2000, p. 82)

Assim, a política de higienização da cidade de Salvador intervém, principalmente, nas residências dos moradores do Centro Histórico, com a justificativa de cuidados com a saúde pública e com o objetivo de sanear e embelezar a cidade do Salvador, onde o feio e o sujo deve ser substituído pelo belo e limpo.

Estes mesmos cortiços têm destaque na obra Suor. Obra esta que relata várias estórias, que são as várias vozes dos personagens. Jorge Amado destaca como seus personagens, ao caminharem pelo Pelourinho, utilizam aquele espaço de experiência e de sobrevivência.

O mendigo Cabaça fora condutor de bondes, mas feriu o pé num ferro em serviço. Despedido e doente, passa a esmolar pelas ruas próximas à Ladeira do Pelourinho. Recolhe jornais para se cobrir e, antes, os utiliza para leitura e discussão dos acontecimentos.

A preta velha fica em frente aos sobrados, da Ladeira do Pelourinho, vendendo acarajé, mingau de puba, cuscuz e mugunzá.

Ficava ali até alta madrugada, quando os últimos negros e mulatos se tinham recolhido e a cidade dormia, fechadas às janelas coloniais... sabia histórias velhas como as igrejas, histórias da escravidão, de ioiôs e de iaiás, de escravos e mucamas.” (AMADO, 1983, p. 39).

Maria Cabaçu era rameira do 68. Alta, troncuda e valente. os homens que a procuravam não voltavam, pois era difícil de contentar com o pagamento e já havia surrado vários clientes.

Franz era alemão e tinha sido sacristão num convento, mas, agora, era professor de piano das meninas dos arredores. Ganhava bem, conservava o quarto limpo e sempre com lindas frutas, quadros de santos... Segundo o autor, a única diferença do quarto de Franz e de uma rameira é que era ele que pagava os homens que o freqüentavam. (AMADO, 1983, p. 54).

Franz morava no terceiro andar do 68 e Medonho nos cortiços do fundo. Medonho era preto e vendia frutas durante o dia. Era mais liberal que Franz e seu quarto estava sempre aberto, mas não recebia nem dava dinheiro.

Dona Risoleta era costureira e madrinha de Linda. Menina que fora criada com muito mimo. Moravam numa casinha no Tororó antes de virem para o 68. Seu sonho era que Linda se casasse com um homem rico, por isso, não deixava-a trabalhar. Só que Dona Risoleta adoeceu e Linda foi trabalhar fazendo propaganda da Casa das Fazendas, vestida de noiva. “Nunca mais Linda sonhou com casamentos. Nunca mais foi à igreja... sentindo-se irmã de toda aquela gente que morava no 68, operários, árabes, vagabundos, costureiras, prostitutas.” (AMADO, 1983, p. 98).

Álvaro Lima, também morador do sobrado 68, trabalha numa empresa norte-americana, concessionária do serviço de bondes da cidade. Na Praça da Sé, durante um comício da greve de bondes, é morto pela polícia nos braços da namorada Linda.

Com a morte de Álvaro, Linda faz com que seus romances de folhetim sejam substituídos por livros marxistas e pela entrega de panfletos anarquistas.

Em 1933, houve na capital da Bahia a greve dos bondes, o “quebra-quebra”. Nada foi sabido e o que foi apurado surgiu nas ruas em um ambiente que predominava o “Estado de Sítio” e uma onda de boatos. Os jornais estavam censurados, fotografias não foram publicadas. O único jornal a fazer comentários foi o Diário de

Notícias, no dia 5 de novembro, um mês após os acontecimentos, com uma nota intitulada “As depredações da noite de 4 de outubro nesta capital”:

Prejuízos materiais de grande vulto, perdas de vidas, incêndios em toda a cidade e conseqüentemente as repercussões pelo “Estado de Sítio” que se declarou no dia seguinte para o nosso Estado. Eis o que ainda estava para ser noticiado. A imprensa viu-se na contingência de não divulgar o ocorrido. A censura não abandonou mais as redações dos jornais até o dia em que foi anunciada a vitória da revolução. (LEAL, 2002, p. 42).

Esse espaço de luta, bem como de dor, é também descrito pelo escritor Jorge Amado nas obras *Suor* e *Jubiabá*. O autor ressalta ainda que esse espaço é transformado aos poucos pela união, respeito e lutas coletivas dos moradores do sobrado 68. Assim, como relata Duarte:

Em *Suor*, lúpens e miseráveis são representados também como pessoas que podem despertar e superar a degradação já que está não é colocada como um destino inevitável. Aqui e ali algo se move impulsionando pela aquisição da consciência. A grande lição do livro reside justamente aí, nesta porta que se abre ao oprimido. Através dela pode o lumpen se transformar, senão em proletariado sabedor de seus direitos e deveres de solidariedade, em pelo menos alguém que está um pouco acima da miséria espiritual própria a sua condição de origem. (DUARTE, 1996, p. 70)

Os caminhos percorridos pelos personagens de Jorge Amado coincidem com os da 1ª etapa da requalificação do CHS e unem passado e presente no cotidiano do Pelourinho. Essa 1ª etapa, cenário de *Suor*, teve início em novembro de 1992. Era lugar tipicamente residencial, como se comprova pelo número de famílias indenizadas, 399, e de famílias relocadas, 26. Hoje existem poucas residências e é grande a concentração de hotéis, pousadas, restaurantes e lojas de artesanatos.

Nas figuras 14 e 15, o mapa da localização da 1ª etapa da requalificação e o mapa temático de *Suor*.

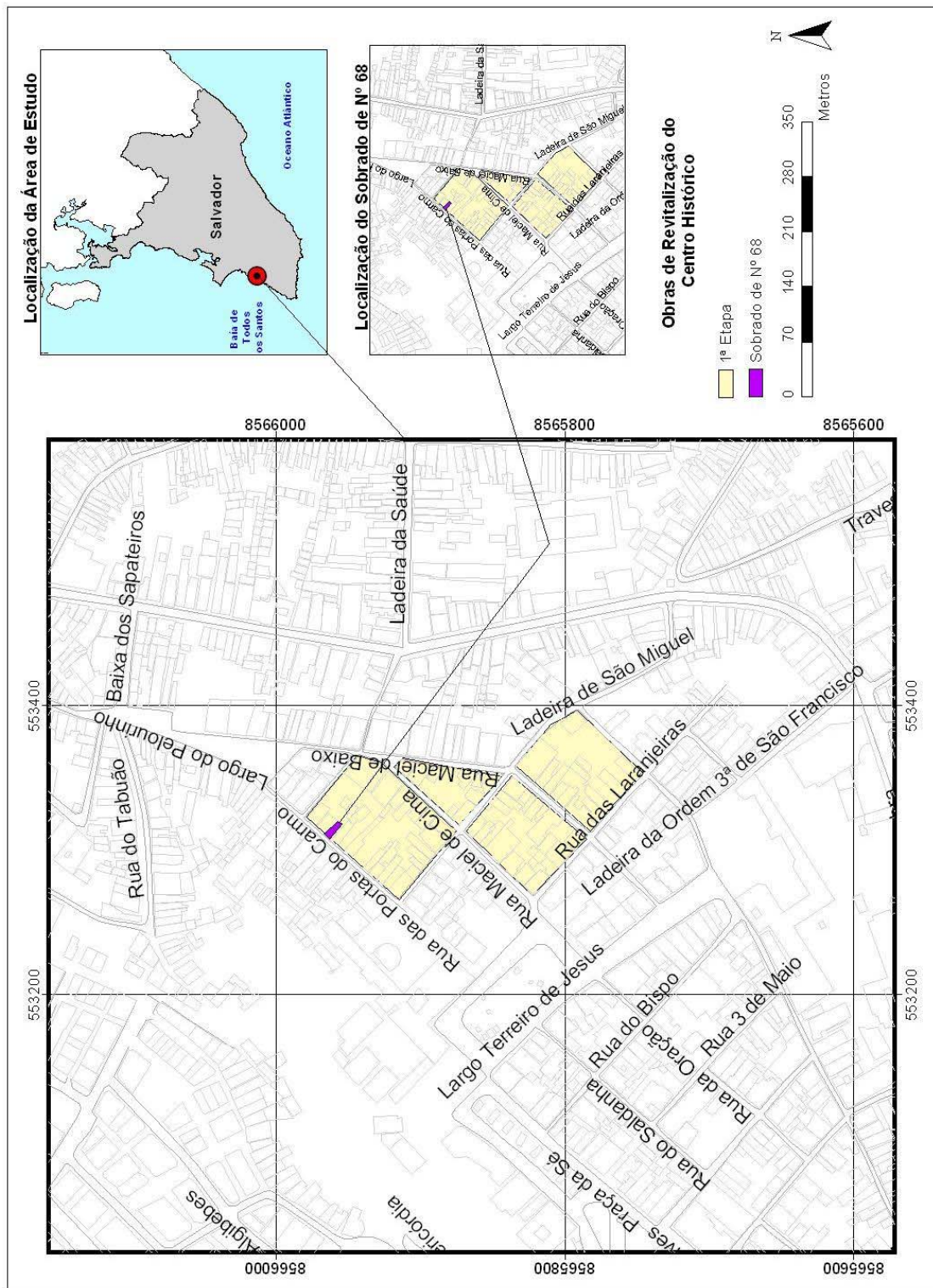


Figura 13 - Mapa 1ª Etapa Requalificação

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo

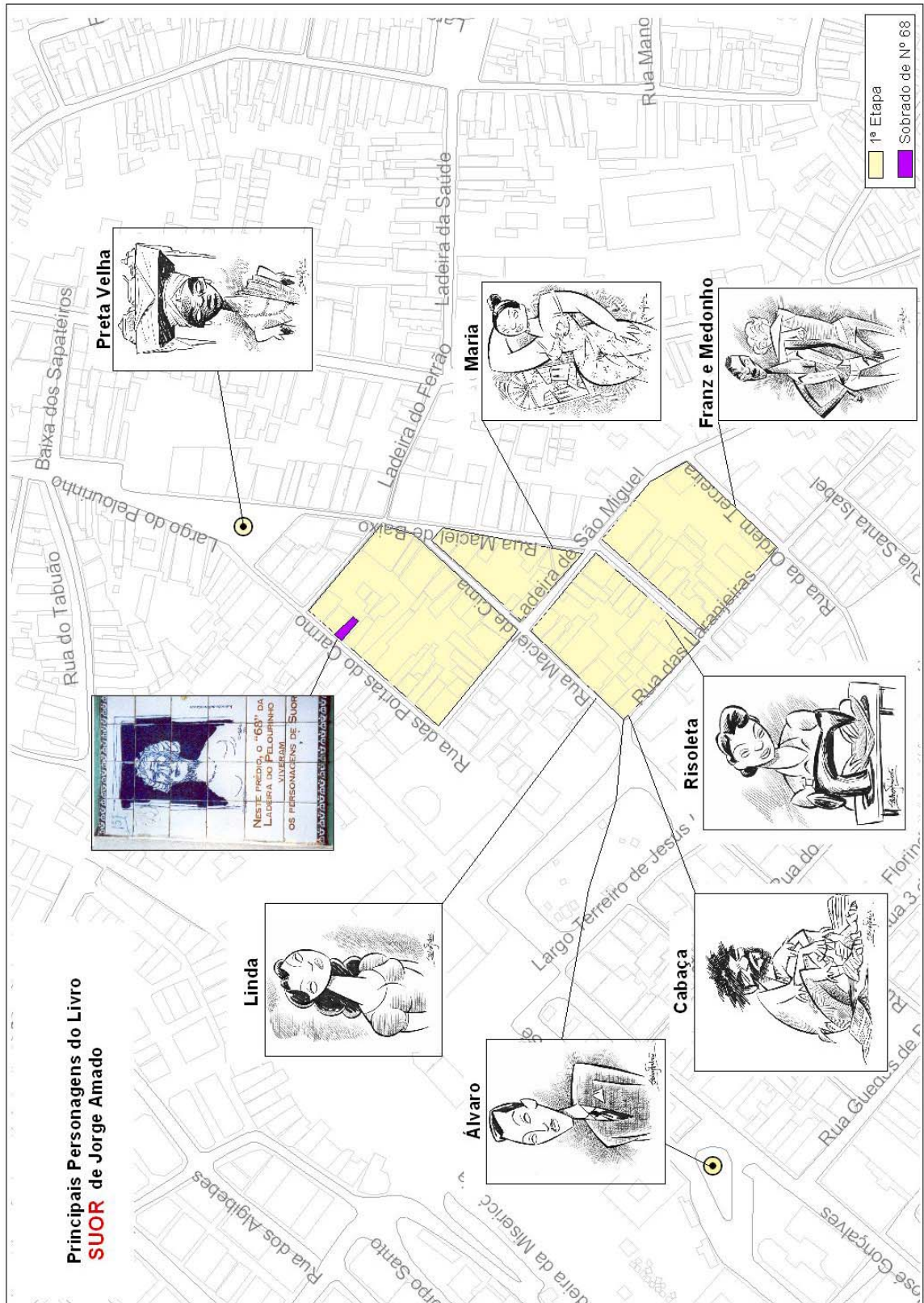


Figura 14 – Mapa Temático da obra *Suor*.

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo

O crescimento do turismo local, também incentivado por suas obras, passa a ter importância e um novo olhar das autoridades. O processo de reprodução do espaço reflete uma nova forma de organização da sociedade, com seus novos padrões culturais, mudando o cotidiano de seus moradores e, destes, com a cidade.

Desta forma, acredita-se que as práticas de planejamento urbano deveriam basear-se nas experiências do homem no lugar. E que a requalificação dos centros históricos seja sinônimo de vida, e não de segregação, para que o CHS possa ser, ou transformar-se, em um lugar cheio de memória e também de vida...

2.4 *Jubiabá*: a memória construindo identidade

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois". (BENJAMIN, 1995).

Para Benjamin, "a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão enterradas". (BENJAMIN, 1995 p. 239). As cidades são protagonistas de histórias, através do enredo das recordações.

O livro *Jubiabá* inspira a refletir sobre o papel da identidade e da memória na cultura contemporânea, aproximando-se das reflexões de Arendt (2000) acerca de sua concepção de identidade, a partir da construção da identidade do sujeito e da ação. Parte-se do pressuposto de que a construção da identidade do sujeito da ação está intrinsecamente relacionada com a construção e manutenção do espaço público. Então, as garantias políticas se tornam condições para ação.

Este sentido só se introduz por meio do debate entre os homens a respeito do mundo que herdaram e da ação que podem realizar, dando visibilidade às coisas humanas e constituindo os valores que irão orientar suas ações. Ressalta a retomada do passado como a possibilidade de narrar experiências que possam ser apreendidas e que revelem o sentido dos acontecimentos políticos do presente, encontrando assim correspondências entre o passado e o presente. Arendt (2000, p.158) observa:

Nessa lacuna entre o passado e o futuro, encontramos nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos distantes o suficiente do passado e do futuro. Estamos aí em posição de descobrir o seu significado, de

assumir o lugar do “árbitro” das múltiplas e incessantes preocupações da existência humana no mundo, do juiz que nunca encontra uma solução definitiva para esses enigmas, mas respostas sempre novas à pergunta que está realmente em questão.

Desta forma, a construção da identidade passa pelo enraizamento do homem com seu mundo, com sua história e suas condições naturais de sobrevivência, pois o homem só se reconhece enquanto sujeito da ação. Ou seja, identifica-se a partir do momento em que desenvolve suas capacidades de agir e pensar livremente. Segundo Merleau-Ponty:

A coisa não pode jamais ser separada daquele que a percebe, não pode jamais ser efetivamente em si, porque suas articulações são as mesmas de nossa existência e se põe ao princípio de um olhar ao fim de uma explosão sensorial que a investe de Humanidade. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 370)

Ao se recorrer à memória dos relatos das épocas passadas, está-se transformando essas narrativas em história. Assim, o narrador histórico é aquele que procura o sentido das ações humanas e encontra nelas uma conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente. Isso está intimamente ligado, naturalmente, à preservação da memória. A sua não-conservação, ou sua ausência, leva ao total esquecimento. Portanto, à perda do passado.

Para Le Goff, a função da memória, assim como da História, é estabelecer os nexos entre o passado, o presente e o futuro. E ressalta a importância fundamental da memória como exercício do poder, pois “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam a sociedades...” (LE GOFF, 1997, p. 13).

Ainda segundo Le Goff (1997, p. 46), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. A identidade busca, nessa memória em construção, o suporte ou condição de sua existência.

Pensa-se a identidade se produzindo, se modificando, a partir das relações sociais, em um dado contexto. Nessas relações é que emerge o sentimento de pertencimento, o que define a própria identidade. Esse “lugar da memória” contém o experienciado e o imaginado, já que a virtualidade é uma das características da memória.

O nome da obra *Jubiabá*, escrita em 1935, pelo escritor Jorge Amado, advém do nome do pai-de-santo, personalidade quase centenário do morro, que era respeitado porque curava doenças, fazia rezas, guiava espiritualmente os moradores do morro, rezava em nagô, e é ele que dá identidade ao povo durante toda a narrativa. No desenrolar do romance, o pai-de-santo é a referência para o negro Balduíno, principal personagem.

O romance teve duas adaptações para o teatro, ambas com as peças intituladas *Jubiabá*: a primeira, de autoria de Roberto Alvim Correia, de 1961, no Rio de Janeiro; a segunda, de Miroel Silveira, e também encenada no Rio de Janeiro, em 1970.

Outro respeitável destaque da obra foi dado pela *Folha Online – Ilustrada*. Albert Camus, na “Bahia de Todos os Santos”, fala sobre o livro *Jubiabá*:

Em uma grande capital aberta para o mar, Antônio Balduíno, negro, pobre e iletrado, tem a experiência da liberdade. Experimentar a liberdade é primeiro se revoltar. O tema do romance, se há um, é a luta contra as servidões de um negro, miserável e iletrado, e essa exigência de liberdade que ele sente em si mesmo. É a busca apaixonada de um ser elementar à procura de uma revolta autêntica.

E o livro inteiro é escrito como uma série de gritos e melopéias, de avanços e retornos. A ele, nada é indiferente. Tudo é emocionante. Mais uma vez, os romancistas americanos nos fazem sentir o vazio e o artifício de nossa literatura romanesca.

Uma última palavra: Jorge Amado tinha 23 anos quando publicou este livro. Ele foi expulso do Brasil por tê-lo vivido antes de tê-lo escrito.

Antonio Balduíno era negro, órfão, criado pela tia no Morro do Capa Negro e “formado” nas ruas de Salvador. Balduíno carregava uma revolta e uma negação da memória da escravidão, dizendo que não seria escravo, pois quem nascia no morro já sabia o seu destino: cresceria e iria para o cais carregar sacos cheios de cacau ou ganharia a vida nas fábricas. E os meninos ricos seriam advogados, engenheiros.

Tia Luísa, que criou Balduíno, era mulher trabalhadeira e contadora de histórias. À frente de sua casa o povo do morro se reunia para ouvir histórias e conversar. Luísa sofria de dor de cabeça e, quando vinham as crises, Jubiabá era chamado, fazia as rezas e ela melhorava. Mas as dores começaram a ser muito freqüentes e ela faleceu.

Balduíno foi boxeador, capoeirista, músico e muito mulherengo. Mas, sua grande paixão foi Lindinalva que conheceu na casa do Comendador, aos quinze a-

nos de idade. Lá ele residiu por dois anos. Depois viveu vagabundeando pelas ruas da cidade do Salvador. Como o autor, poeticamente, descreve:

Antônio Balduino agora era livre na cidade religiosa da Bahia de Todos os Santos e do Pai de Santo Jubiabá. Vivia a grande aventura da liberdade. Sua casa era a cidade toda, seu emprego era corrê-la. O filho do morro pobre é hoje o dono da cidade. Cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Bahia. Igrejas suntuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis, antigos sobrados onde a miséria habita ruas e ladeiras, calçadas de pedra, fortes velhos, lugares históricos, e o cais, principalmente o cais, tudo pertence ao negro Balduino. Só ele é o dono da cidade porque só ele a conhece toda, sabe de todos os seus segredos, vagabundeou em todas suas ruas... (AMADO, 2003, p. 53).

O melhor amigo de Antonio Balduino chamava-se Gordo, negro religioso e contador de histórias. Morava com uma senhora idosa que dizia ser sua avó, só para ter alguém em casa esperando por ele. Todos os moradores do morro se constituíram narradores de lendas e histórias. Sentam-se às portas dos casebres, todas as noites, para contá-las e ouvi-las.

A estrutura do romance é marcada por subtítulos que se referem aos espaços que marcaram a vida do personagem Balduino: na primeira parte do romance, os capítulos, que são referências espaciais, são: “Box (e)”, que narra uma luta de boxe entre Antônio Balduino e Ergin, o alemão; “Travessa Zumbi dos Palmares”, narrativa que identifica o lugar onde Balduino morou após a morte da tia Luísa; “Lanterna dos Afogados”, espaço de encontros e desencontros das personagens; “Macumba”, cuja ação transcorre no terreiro de Pai Jubiabá; “Cais”, narrativa de alguns fatos da vida do personagem; “Saveiro”, narrativa da viagem de Balduino e do seu amigo Gordo no saveiro do mestre Manuel; “Sentinela”, narração da morte e do velório da velha Laura; “Vagão”, narrativa do retorno da personagem a sua terra natal; e “Circo”, primeira tentativa de emprego do personagem. Na terceira parte: “Criouléu”, narrativa de um baile num clube de negros; “Guindastes”, decisão de Balduino em assumir o filho de Lindinalva e trabalhar na estiva a fim de ter uma profissão e sustentar o filho.

Zé Camarão é um outro grande amigo de Balduino, mulato alto e amarelado, mestre de capoeira e tocador de violão. Antônio Balduino gostava de andar com ele, de ouvir contar os casos da sua vida. Exerceu influência na formação de Balduino, assim como o pai Jubiabá, tanto que Balduino era seu melhor aluno de capoeira e foi com ele, também, que aprendeu a tocar violão.

Os caminhos percorridos pelos personagens da obra Jubiabá coincidem com a 4ª etapa da requalificação do CHS apresentados nos mapas das figuras 15 e 16.

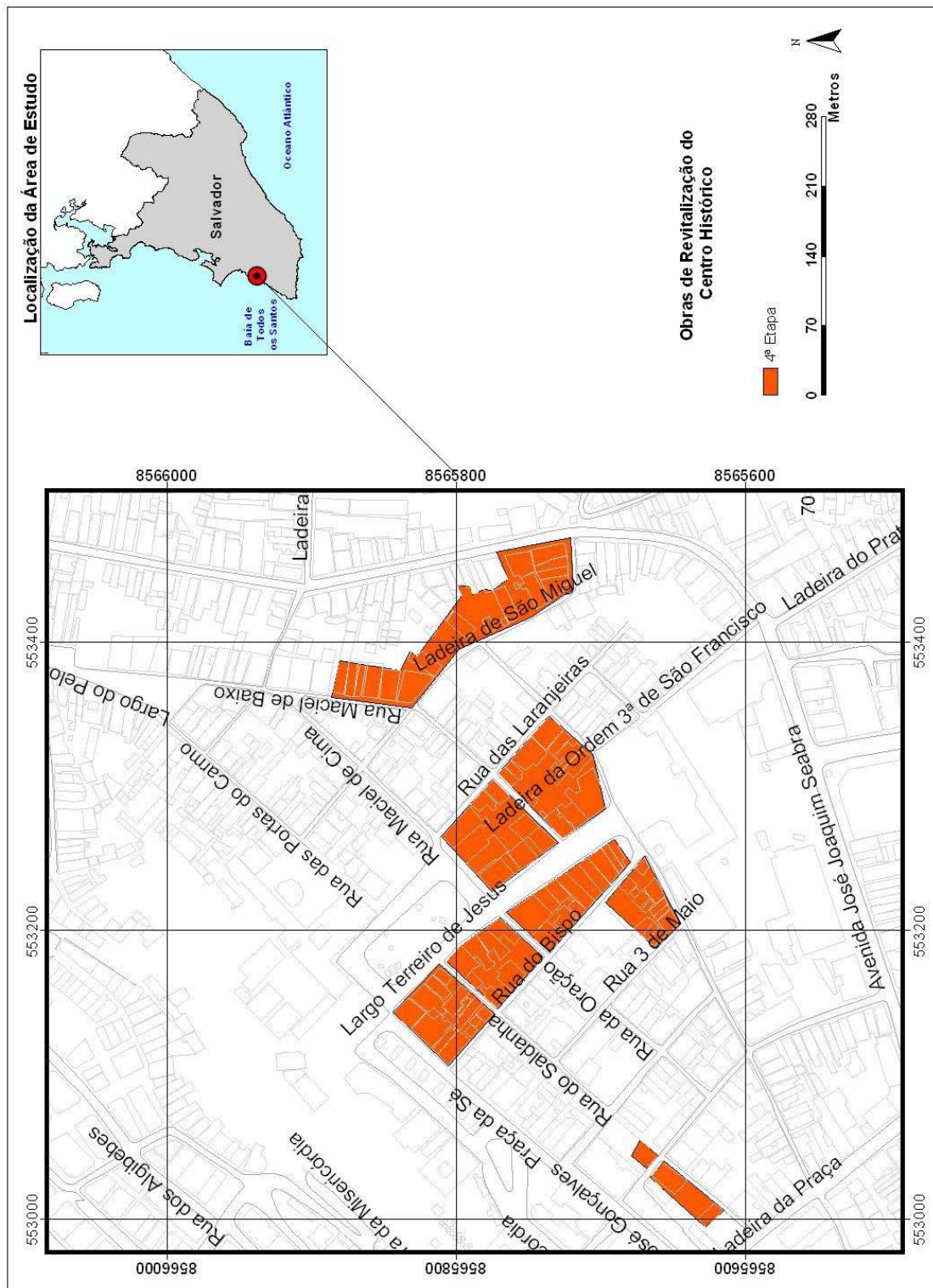


Figura 15 – Mapa da 4ª Etapa da Requalificação do Centro Histórico de Salvador
 Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.
 Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

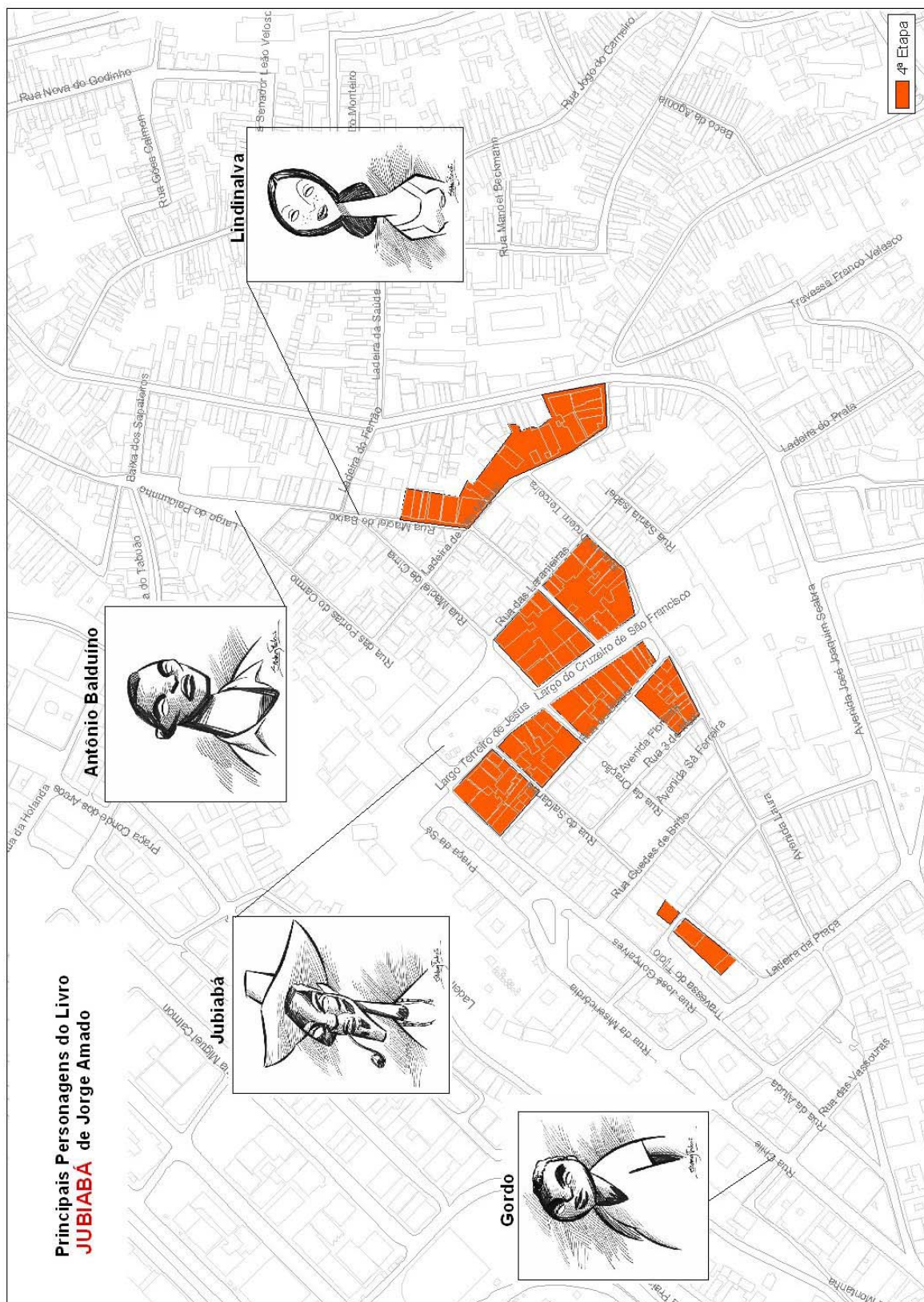


Figura 16 – Mapa temático de Jubiabá

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

Na obra, o papel da memória também pode ser constatado na visão defendida por Bachelard (1989) onde ela é transformada na busca da recuperação do tempo no “eu”, importante fusão entre passado, presente e futuro. Bachelard (1989, p. 71) insiste na recuperação da poética, fato comprovado na citação “o conhecimento do mundo é inicialmente poético. O animismo e o empirismo das experiências originárias atestam à presença de imagens e a relação dinâmica do homem com o mundo”. A memória é uma representação que se coloca pela temporalidade, onde existe a possibilidade de (re)elaboração e de (re)interpretação do passado.

Ecléa Bosi, em seu livro “O Tempo Vivido da Memória” (2003), explora o campo da experiência do cotidiano, registrado nas lembranças. Refere-se à história construída pelas pessoas, ao longo do tempo, entre o viver no dia-a-dia, a rotina diária, os modos de viver, o de perceber que são partilhados pelo morador e com seu grupo social. Com isso, é possível perceber a grande variação de experiências, de visões sobre um mesmo acontecimento.

Efetivamente, Bosi (1994, p.68) confirma a importância do falar sobre si mesmo, do tempo vivido, destacando que o papel da memória, na “... narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa têm de lembrar. É a sua memória”.

Assim, é através dos nossos relatos que se amplia as experiências. “Viver para Contar” (2003), o título de memórias de Gabriel García Márquez, remete à reflexão sobre a experiência do tempo na construção de significados que cada um pode atribuir a sua própria vida. Assim, ele define que “a vida não é aquilo que a gente viveu, mas como a gente viveu, e como recorda para contá-la” e acrescenta que, se a vida é lembrada, é para contar.

Na obra *Jubiabá*, Lindinalva, menina branca, sardenta e pálida, foi a grande paixão da vida de Baldo. Era moça ingênua, que viveu de sonhos, na casa dos pais, que mais tarde vêm a falecer. Abandonada pelo noivo, quando grávida, se vê obrigada a trabalhar como prostituta. Aceita o convite de Lulu para fazer sua estréia na pensão Monte Carlo, com um vestido de baile. Lulu dá as instruções a Lindinalva para “pedir bastante bebida cara. Procurar, de preferência, os gordos coronéis que vinham das plantações de cacau, fumo, cana-de-açúcar... E que o explorasse o mais que pudesse. Era a vida...” (AMADO, 2003, p. 260).

Assim, Lindinalva passa a descer as ladeiras para ficar na cidade baixa e, às vezes, na ladeira do Tabuão. Mas, ela sabia que da “ladeira do Tabuão as mulheres

só saíam ou para o hospital ou para o necrotério. De qualquer maneira, desciam de automóvel: ou na assistência ou no carro vermelho dos cadáveres”. (AMADO, 2003, p. 264).

Ressalta-se que, a partir de 1930, que essa forma de atividade se instala definitivamente no Pelourinho e pode-se afirmar que houve uma intencionalidade por parte das autoridades da época. Como bem pontua e revela Espinheira (1989, p.5): “as prostitutas convergiam para o Pelourinho, por um lado atraídas pelas condições sócio-econômicas da localidade, enquanto que, por outro lado, aí se estabeleceram compelidas pela ação policial (...)”. A violência sempre acompanhou a história da prostituição.

Com esse cenário, a sociedade baiana cada vez mais se afastou do Centro Histórico e as mulheres de boas famílias não podiam freqüentá-lo. O crescimento da cidade em outras direções também foi determinante para o clima de decadência da zona de meretrício.

Destaca-se a Ladeira da Montanha, que guarda, nos casarões e “castelos” ainda existentes, muitas histórias desde a sua construção em 1873. Localizada na parte central da cidade do Salvador, teve como objetivo principal a ligação entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta. Era o espaço de moradia disputado pela sociedade local pela proximidade com o comércio. Com a mudança das famílias mais ricas para bairros como a Vitória e a Graça, a Ladeira da Montanha passa a ser ocupada pela classe média e, depois, pela população mais pobre.

Inicialmente, predominavam-se as boates e “castelos”. Funcionou também na Ladeira da Montanha um dos melhores e mais conhecidos prostíbulos da cidade, que ocupava o imóvel de número 65. *“Quando eu cheguei aqui, no começo da década de 60, era tudo luxuoso. Existia a Boate 65, comandada por China, onde tinha as meninas mais bonitas. Havia fila de homens e o movimento acontecia todos os dias”*, comenta a Sra. Nivalda,⁶ de 56 anos.

O espaço contém um conjunto de símbolos que lhe atribui significados e sentidos. Define-se, deste modo, a produção e a apropriação do espaço. Hoje, os velhos sobrados da Ladeira da Montanha lutam contra o silêncio, o preconceito, a sujeira e a tristeza que envolve o lugar. Na maioria das casas, algumas mulheres disputam os poucos clientes, uma atividade que sentiu todos os reflexos do desenvolvimento vertiginoso, vivenciado pela sociedade no século XX.

⁶ Entrevista concedida em outubro de 2006.

Durante a pesquisa de campo, pode-se conhecer alguns projetos relacionados às mulheres em situação de prostituição e destaca-se, aqui, o Projeto Força Feminina.

O Projeto deu seus primeiros passos em 1994, mas somente em 1998 a Congregação da Missão das Oblatas do Santíssimo Redentor, em Salvador, fundou o Força Feminina, na Rua Saldanha. Entre os principais objetivos do Projeto estão o de defender o desenvolvimento pessoal e a elevação da auto-estima; trabalhar a conscientização e o exercício da cidadania; e impulsionar a organização das mulheres e sua participação em grupos.

Atendendo, atualmente, a mais de cem mulheres, sendo que muitas delas são rotativas, o Projeto oferece diferentes atividades a cada dia da semana. Irmã Marilda, atual presidente do projeto, conta que a principal atividade desenvolvida é a acolhida, pois favorece todo processo de formação de vínculos que começam a ser desenvolvidos a partir da aproximação realizada, muitas vezes, nos locais de prostituição. Neste momento, começa a etapa dos vínculos, onde a mulher que aceita ir ao projeto é inserida no programa de atenção integral.

Conforme Irmã Marilda,⁷ a “realidade da mulher prostituída é complexa e para trabalhar com esta complexidade não basta a boa vontade”. Por isso, é de suma importância a capacitação da mulher em cursos e oficinas, objetivando a sua total inserção no mercado de trabalho, além de impulsionar o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Nesses dois anos, nas idas ao CHS, ao se conversar com as mulheres em situação de prostituição, as mesmas revelam a alegria em conhecer novas alternativas para ganhar a vida e, principalmente, de saber que não nasceram apenas para serem prostitutas, que possuem outros talentos: *“No começo vinha ao Projeto Força Feminina só para passar o dia... mas, com o tempo, comecei a fazer cursos, a frequentar os aniversários que são comemorados ao final de cada mês, com bolo de chocolate e Fanta. Senti que fazia parte daquele lugar... tínhamos muito em comum, pois começamos na prostituição muito cedo e não vejo minha família há muito tempo. Demorei muito a vir conhecer e resisti muito aos primeiros cursos. Hoje me sinto mais feliz.”* (Dona Ana, moradora, 36 anos).⁸

⁷ Entrevista concedida em abril de 2005.

⁸ Entrevista concedida em abril de 2005.

O depoimento de Dona Ana relata a experiência dentro do projeto, do qual faz parte há 8 anos. A análise dessa situação leva a inferir sobre a importância da acolhida e dos trabalhos que o Projeto Força Feminina desenvolve, pois são construídos laços afetivos e novas perspectivas a essas mulheres em situação de prostituição. *“Participando do projeto me sinto em casa”, diz Cláudia⁹, 22 anos; “Entre agora para o projeto, mas não me senti pressionada em deixar essa vida, por isso eu volto todos os dias”, afirma Darlene¹⁰, 32 anos; “Além dos cursos me sinto bem conversando com a psicóloga. Levei quase 3 anos para conseguir falar da minha família. Não conseguia nem lembrar do meu nome e nem o nome dos meus pais e irmãos”, declara Bianca¹¹, 24 anos. Portanto, para essas mulheres, o Projeto é um espaço de solidariedade e de ensinamentos.*

As mulheres em situação de prostituição demonstram que os significados atribuídos ao espaço são reflexos da experiência vivida de cada um, mesmo que aquele lugar encontre-se associado à característica de espaço perigoso. Por isso, essas experiências traduzem uma lição pertinente à compreensão mais profunda das próprias percepções e vivências do lugar. Isto se observa nestes depoimentos: *“Dói falar disso... saí de casa aos 12 anos depois de ter sido estuprada pelo meu padrasto, nunca mais voltei. Então passei a viver nas ruas do CHS ganhando a vida. Já me droguei, já bebi, já roubei, já fui expulsa do CHS, mas voltei. Hoje estou com 16 anos, mas minha alma é velha... Não conheço outra vida a não ser está. Já passei muita fome... já apanhei muito..”*. (Sra. C., 33 anos, prostituta).¹² *“Freqüento o Pelourinho desde quando tinha 15 anos. Para ter mais lucro, hoje em dia eu atendo meus clientes num quarto que só tem cadeira e uma pia. Nunca saí do Pelourinho, pois é aqui que eu tenho meus clientes fixos”* (Paula¹³, 32 anos). *“Trabalhar no Pelourinho significa para mim a minha sobrevivência. Sei que um dia vou largar essa vida, mas hoje é como eu consigo sustentar meus filhos que moram na periferia”* (Ana¹⁴, 38 anos).

Benjamim (1995, p. 62) escreve que “narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas”. A

⁹ Entrevista concedida em abril de 2005.

¹⁰ Entrevista concedida em março de 2006.

¹¹ Entrevista concedida em setembro de 2006.

¹² Entrevista concedida em setembro de 2006.

¹³ Entrevista concedida em setembro de 2006.

¹⁴ Entrevista concedida em setembro de 2006.

linguagem guarda as possibilidades da experiência, a experiência da verdade e, talvez, a verdade de toda experiência.

Cristina¹⁵, de 36 anos, trabalhou na Ladeira da Montanha e revela: *“Já estou há 2 anos trabalhando no CHS, pois na Ladeira da Montanha quase não tinha mais clientes. Mas, tenho saudades de quando comecei, ganhava muito dinheiro... Também tenho saudade das pessoas que moravam lá. Apesar de todas as dificuldades, uns ajudavam os outros.”*

A Ladeira da Montanha não será mais revitalizada, informou a assessoria da CONDER – “já que todos os imóveis da Montanha estão condenados pela Subsecretaria Municipal para Assuntos da Defesa Civil e o ideal seria que todos fossem demolidos”. (VIEIRA, 2006). A rua possui 894 metros de extensão e dez imóveis que, apesar de condenados, sobrevivem aos encontros que ainda neles acontecem.

Para Tuan (1983), o espaço e o lugar são identificados a partir das experiências do homem. Assim ele define: “... o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar! É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. (TUAN, 1983, p. 3). Deve-se ainda considerar como as pessoas conhecem e sentem o espaço e o lugar para a compreensão de como o homem vivencia e entende o mundo.

A Ladeira da Montanha e a boemia já fazem parte da memória da cidade e também da de seus moradores. Olhar para o espaço cotidiano é construir os espaços representativos da e na memória das pessoas.

A preservação do patrimônio histórico-cultural é relevante quando mantida a sua história local e quando os moradores fazem parte dessa história. É por meio da memória que os agentes do processo histórico buscam salvar o passado do esquecimento ou decidem o que deve ser lembrado ou esquecido, com o objetivo de exercer seu controle sobre os demais grupos. “Onde há poder, há memória”.

Na Ladeira da Montanha, os moradores carregam o estigma da prostituição como uma consequência da miséria e como única forma de sobrevivência, sobretudo pela falta de oportunidades numa sociedade capitalista, que provoca a falta de qualidade de vida de seus moradores. Santos (1993, p. 10) salienta que “a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza... A

¹⁵ Entrevista concedida em outubro de 2006.

pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial”.

Hoje, muitas mulheres disfarçam-se ao chegarem à Cidade Alta onde se trocam, optando fugir do preconceito. Dona Roberta¹⁶, 30 anos, relatou sua experiência: *“Ninguém da minha família imagina onde é que eu trabalho. Saio cedo de casa, deixo almoço, roupa lavada e casa arrumada, minha filha de 14 anos leva a de 8 anos para escola. Faço isso desde meus 12 anos, mas minhas filhas não vão precisar levar essa vida. Essa é única forma de sobrevivência que eu fui forçada pela minha mãe. Nunca mais voltei para casa...”*

A literatura também traz à tona as vozes dos marginalizados e das prostitutas. A história da ladeira é também contada por Jorge Amado, escritor baiano, no livro *Tereza Batista cansada de guerra*. Nele, relata a luta da prostituta Tereza, que sofre, mas ama e vive muito... Assim, as cidades são protagonistas de histórias. As mais diversas, as mais reais... sentidas, percebidas e vividas.

Esta mesma ladeira foi também o palco de sobrevivência de Lindinalva, da obra *Jubiabá*. Finalmente Balduíno consegue um emprego de operário no cais. Os operários se rebelam em uma greve que Baldo participa e nela descobre o poder do povo e que “ela é a verdadeira luta”. Assim ele é tocado pela conscientização da importância do trabalho no espaço vivido.

Na sua obra, Jorge Amado defende a liberdade, a dignidade do homem e o sentimento do povo. Neste enfoque, afirma ser “a favor da classe operária porque ela sofre injustiça, ela é maltratada, porque ela trabalha e não recolhe todos os frutos do seu trabalho. A maior parte do que ela realiza vai servir àqueles que não trabalham e se beneficiam que exploram”. (SANTOS, *apud* RAILLARD 1993, p. 170)

O destino trágico da amada Lindinalva é prenunciado pela tradicional "Nau-Catarineta" (canção-relato sobre a salvação dos desesperados). Ao final do romance, Antonio Balduíno realiza seu sonho de escrever o seu ABC, espécie de biografia de cordel.

Ressaltou-se, aqui, a importância das obras analisadas para o conhecimento e utilização desse espaço de experiência. A cultura, focada a seguir, tem também um papel importante para o Pelourinho.

¹⁶ Entrevista concedida em outubro de 2006.

2.5 O Pelourinho como uma área de cultura e turismo

A cultura é uma noite escura em que dorme as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas –, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na aparecimentos e criações delineiam a chance de um outro dia. (Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*).

Pensar a cultura é entendê-la dentro de um processo dinâmico e múltiplo, onde práticas e representações se efetivam e ganham sentidos variados, de acordo com as experiências partilhadas e compartilhadas pelos diferentes atores sociais. E, conforme analisa Certeau (1994, p. 239), entender a dinamicidade da cultura transcorre de certezas e incertezas do que realmente seja cultura e como esta é incorporada ao cotidiano.

Ressalta-se aqui a influência das obras de Jorge Amado. Desta forma, Leal (2000) observa a importância da obra de *Jubiabá*:

Tamanha é a dimensão e a intervenção do espaço físico da Cidade do Salvador no romance que, vale a pena lembrar, ao ser traduzido, em algumas línguas, *Jubiabá* recebeu o título de Bahia de Todos os Santos, transferindo-se o anúncio do núcleo do romance da alusão a um personagem – embora o velho Jubiabá represente mais do que isso – para o lugar da ambientação. (LEAL, 2002, p. 125).

Uma cena da obra *Jubiabá* ilustrada por Carybé, pode ser visualizada na figura 17.



“Suas personagens são pessoas das ruas de Salvador, a Bahia que descreveu foi aquela que o pintor Carybé encontrou em Jubiabá (1935) e se deixou ficar; o mundo que criou na verdade já nasceu criado.” (SCHWARCZ, 2001)

Figura 17 - Cena de *Jubiabá*, por Caribé.

Fonte: Sergio Gonzaga.

Outra importante obra, “Mar Morto”, foi escrita em frente ao mar, na Gamboa de Cima, na Bahia, e concluída no Rio de Janeiro, em junho de 1936. O livro conta a saga do mestre de saveiro Guma e de sua amada, Lívia. O autor utiliza o espaço para denunciar e refletir sobre o contexto socioeconômico e político, voltado à explo-

ração e às péssimas condições de vida dos moradores do cais. A obra tem, como cenário, o espaço do cais, ligado por uma rampa ao Mercado Modelo, local de grande efervescência comercial entre o Recôncavo e cidade do Salvador.

Suas relações e a de seus personagens com o mar, neste livro, são tão fortes e seu destino a ele é tão intimamente ligado que ambos, escritor e personagens, não enxergam outro futuro a não ser viver e morrer no mar, como diz ao longo de todo o romance: “É doce morrer no mar” (AMADO, 1987, p. 20). Isto pode ser comprovado pelo testemunho do autor em entrevista à escritora Alice Raillard:

... é um livro ao qual me sinto muito ligado, porque me recorda um tempo muito feliz de minha vida, a minha adolescência, quando eu atravessava inúmeras vezes a Baía de Todos os Santos, em toda esta região do Recôncavo... Eu viajava nestes mesmos saveiros... E o resultado de toda esta experiência é um livro que mexe muito comigo... (RAILLARD, 1990, p. 166).

Para os personagens de “Mar Morto”, o mar é espaço sagrado, recheado de significados, mas, ao mesmo tempo, utilizado como meio de sobrevivência. Assim afirma Amado (1987, p.67) que “o oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de Iemanjá”.

Nas músicas de Caymmi, o respeito à vida do povo baiano sempre é uma constante: “*Noite de Temporal e Promessa de Pescador* retratam o drama dos pais dos marítimos, da velha a esperar seu filho na noite de temporal, do velho pescador a fazer promessas a Yemanjá para que salve seu filho...” (CAYMMI, 1947, p. 17).

Os espaços de representação são os lugares, que indicam uma simbologia, como, por exemplo, os espaços religiosos. Rosendhal (1999, p. 232) ratifica que “uma das mais fantásticas dimensões geográficas da experiência religiosa é a noção de espaço sagrado”.

Neste contexto, não se pode deixar de considerar a importância das obras literárias que falem da vivência urbana. Ao destacarem o espaço, constituem-se subsídios importantes para a compreensão acerca de uma mesma realidade.

A história da imagem urbana colide e se completa na história cultural da cidade, que vem à luz sempre que se focaliza o espaço urbano na sua dimensão social. O imaginário do escritor Jorge Amado e do compositor Caymmi associa-se ao real traçado urbano da cidade exatamente na década em que seus romances foram escritos.

A poetisa Myrian Fraga também ressalta a força da obra de Jorge Amado e a construção da imagem para a Bahia. Ela afirma que “hoje, por todo canto do mundo, traduzida em língua sem conta, a beleza desta cidade atrai visitantes, seduzidos pela imagem, pelas estórias, pelos mistérios que sussurram entre as páginas de seus livros...” (FRAGA, 2001, p. 12).

O roteiro turístico da cidade do Salvador acontece a partir de meados dos anos 1950, com a organização do sistema municipal e a inserção do turismo, se constituindo nas primeiras iniciativas direcionadas à economia e ao planejamento da atividade, bem como com a finalidade de construir uma imagem para a cidade.

Ressalta-se a restauração do Belvédere da Sé, no Centro Histórico de Salvador, com vista para Bahia de Todos os Santos, ocupado, até aquele momento, por casas de *Rumba Dancing*, por ser agora a nova sede da Diretoria Municipal de Turismo (DMT), e que já era, em si, uma atração turística.

Ela teve como destaque uma estátua de sereia do artista plástico Mário Cravo¹⁷ assentada em uma fonte de pedra-sabão, com dois lagos, cuja iluminação permitia uma visão privilegiada do cenário, inclusive à noite, o que possibilita aos turistas apreciar Itaparica e a Baía de Todos os Santos. “A idéia era transformar o monumento em um atrativo peculiar da Bahia, similar à Fonte do Trevo na Itália, onde os turistas depositam moedas para obter boa sorte”. (REGO, 2001, p. 318).

Mais uma vez, destaca-se a importância do escritor Jorge Amado, através da obra *Bahia de Todos os Santos* (1947), considerado o melhor guia turístico já produzido sobre a cidade. Assim, ele descreve: “Vem, a Bahia te espera. É uma festa e é também um funeral... É doce a brisa sobre as palmas dos coqueiros nas praias infinitas. Um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível habita essa paisagem de sonho...” (AMADO, 2002, p.13).

A partir de meados da década de 1980, principalmente a música e a dança passam a dominar o marketing publicitário, permitindo atrair fluxos de turistas nacionais e internacionais. A presença marcante do Olodum e o crescimento da consciência negra transformou o lugar e a própria cidade. O Pelourinho começou a ser visto como um novo centro de diversão. Com a tendência musical negra no mundo e com o crescimento dos movimentos ligados aos direitos humanos começou a se de-

¹⁷ Escultor famoso internacionalmente, Mário Cravo é o maior expoente da Modernidade baiana dos anos 40 e 50. Neste período, colocou em sua obra a essência do povo, suas tradições e seus costumes.

envolver uma consciência local de resgate dos valores da negritude, tão oprimida ao longo da história do Brasil.

Durante o processo de requalificação do CHS, foi criado O Pelourinho Dia & Noite, em maio de 1995, pelo Governo do Estado, sob a responsabilidade do IPAC, para estimular e manter um fluxo estável de visitantes no Pelourinho, tornando-se, assim, uma opção de cultura e lazer para turistas e baianos. Foi inaugurado somente em 1996, sob a coordenação do programa de revitalização sócio-cultural do Pelourinho.

O projeto realizou uma série de eventos de cunho artístico-cultural, levando ao público, diariamente, a música, as artes plásticas, o teatro, a dança, literatura e artesanato, através de *shows* e exposições em praças e casas de espetáculos, no Pelourinho, com uma programação mensal variada. O panorama se completa com os ensaios semanais do Olodum, aos domingos e terças-feiras, à noite, o que estimula o comércio, o lazer e o turismo local, incentivando também novos artistas a apresentarem seus trabalhos. Este projeto visa a atingir toda a população, contando com programações gratuitas.

O “Pelourinho Dia & Noite”, atual “Centro Cultural”, promove arte e cultura, distribuídos à população em vários pontos da cidade e no próprio Pelourinho, levando todas as opções de lazer e cultura previstas para cada mês.

A importância da cultura e o fascínio que as cidades exercem se manifestam também na capacidade de construir e veicular imagens de si mesmas. Para Lynch, “a cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores”. (LYNCH, 1999, p. 2).

Segundo Pesavento (2004), compreender a cultura requer levar em consideração as vivências e as experiências dos indivíduos, cotidianamente, e a sua forma de expressão e tradução da realidade de maneira simbólica. Desta forma “temos que pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. (PESAVENTO, 2004, p. 15).

As representações construídas pelos indivíduos e grupos dão sentido ao mundo, fazem com que os homens percebam a realidade e despertam para sua existência. Para Pesavento (2004, p. 39-40), “... representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência e torna sensível uma presença”.

A historiadora reflete sobre a força da representação no entendimento da dinâmica cultural, pois a construção das narrativas históricas nunca deve ser vista apenas por uma história vista como verdade absoluta. Destacam-se aqui, desde o início destas reflexões, a necessidade de se pensar a cultura dentro de uns processos dinâmicos, representativos e definidores de práticas identitárias. Assim, Pesa-vento conclui:

A cultura da modernidade é eminentemente urbana e comporta a conjunção e comporta a dimensão de duas dimensões indissociáveis: por um lado a cidade é o sítio da ação social renovadora, da transformação capitalista do mundo e da consolação de uma nova ordem e, por outro, a cidade se torna, ela própria o tema e o sujeito das manifestações culturais e artísticas. (PESAVENTO, 1997, p. 158).

Essa possibilidade interdisciplinar de diálogo deve ser contextualizada histórico e socialmente, impedindo assim fragmentações. Por isso, deve-se repensar o papel do historiador e das alternativas da escrita poética, de corporificar a sua reflexão historiográfica... “Ousemos. Porém de forma consciente, já que a realidade histórica acompanha um tempo dinâmico e não meramente cronológico e todas as representações, sejam elas na esfera do simbólico ou do real, são portadoras de sentidos ocultos, construídos dentro dessa moldura histórica e social”. (PESAVENTO, 2004, p. 41).

Segundo Morin (2003, p.165), a cultura é a manifestação maior da sociedade humana. Cada cultura reúne um capital cognitivo e técnico e outro, mitológico e ritual. Trata-se de um capital de memória e de organização, como é o patrimônio genético, de uma linguagem própria, para o indivíduo, permitindo a transferência desse capital de indivíduo a indivíduo, assim como de geração em geração.

Para Morin (2003, p.165), a cultura ao mesmo tempo, fechada “em relação ao seu capital identitário e mitológico singular e mitológico singular” e, aberta por congregar “um aperfeiçoamento, uma inovação técnica, um saber externo”.

Calvino (1998, p.107) também ressalta a velocidade e alerta:

Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir a experiência direta daquilo que vimos a poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam por extratos sucessivos mil estilhaços de imagens semelhantes a um depósito de lixo onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo.

A velocidade das transformações tecnológicas tem desencadeado significativas alterações não somente nos modos de produção, mas também nos de percep-

ção, determinando, assim, novas bases para os processos de subjetivação do homem contemporâneo. Walter Benjamin (1996, p. 225) afirma: “Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”.

Diz Canevacci (1999, p. 39) que “A cidade é o lugar do olhar. Por este motivo, a comunicação visual se torna o seu traço característico”. A história da imagem urbana coincide e se completa na história cultural da cidade que vem à luz sempre que se focaliza o espaço urbano na sua dimensão social.

Só que durante o processo de requalificação do CHS, a figura do escritor Jorge Amado está sendo explorada apenas sob o ponto de vista mercadológico. Aquele mesmo escritor que dizia que os personagens que trazia no coração eram as prostitutas e os vagabundos assistiu, logo na 1ª etapa da requalificação, a expulsão desses mesmos personagens. Os casarões requalificados passaram a desempenhar novas funções e, dando-lhes novos usos, onde os moradores não foram inseridos.

Isto devido à falta de um planejamento que envolvia a comunidade, assim como a falta de ações interpretativas que viessem a valorizar a cultura do local. A maioria dos moradores não conhecem as histórias contadas por Jorge Amado, ficando por conta dos guias turísticos as informações sobre a história do lugar.

Dessa maneira, ratifica-se o pensamento de Barreto (2000) quando considera que “o legado cultural, assim transformado em produto para o consumo, perde seu significado... A história não é importante porque mostra as raízes, mas porque traz dinheiro”. (BARRETO, 2000, p. 48).

CAPÍTULO 3 – PELOURINHO: EM BUSCA DE UM NOVO OLHAR

“... a leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos)”. (Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*).

3.1. Lugar invisível

A relação dos moradores com o lugar em que vivem ajuda a compreender o espaço como construção histórica, a partir das suas intervenções, seus interesses, suas práticas e valores. Sobre a dimensão da historicidade do espaço, o geógrafo Milton Santos afirma que:

Tempo e espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. (SANTOS, 1997a, p. 44)

Assim, o processo de requalificação do CHS, idealizado para o turismo, levou à exclusão dos moradores, uma população de baixa renda, também considerada uma ameaça à estética daquele centro histórico. Sendo assim, os moradores foram coagidos a deixar o centro da cidade para habitar as áreas periféricas.

Desta forma, pode-se afirmar que as relações cotidianas de seus moradores, que desenvolviam trabalhos como ambulantes, pintores plásticos, vendedores de acarajé, músicos, mestres de capoeira... foram desestabilizadas. Esses moradores trazem, através das lembranças, as imagens que formaram enquanto suas mãos e idéias construíram a vida cotidiana.

Vários moradores narraram que, durante o processo de requalificação do CHS, o sentimento era de “morar em um lugar nenhum”, e assinalaram que isso se confunde com um sentimento de “ser ninguém”. Lugar invisível, pessoas invisíveis. Essa era a situação até a 7ª etapa do Pelourinho, não garantindo a permanência e dignidade dos seus moradores.

Para Benjamim (1996), as histórias que essas pessoas construíram trazem as experiências do vivido, da sabedoria tecida na substância viva da existência. Não

se pode desconsiderar que essas imagens estão ligadas à afetividade e aos acontecimentos e que são marcadas pelos sentimentos que provocaram em quem as experienciaram.

Assim é que, muito além da função de habitar, a casa parece tomar uma pluralidade de sentidos para seus moradores, que dela falam como se traçassem um mapa marcado pela afetividade, pela emoção, pela memória e que, em suas narrativas, evocam, de diferentes modos, a profundidade das relações estabelecidas com a moradia.

Bachelard delimita sua investigação ao exame das imagens simples, as imagens do espaço feliz (topofilia), determinando os valores humanos dos espaços de proteção (casa). Assim, a imagem poética do espaço segue uma linha que começa com a poética da casa, enquanto instrumento de proteção para a alma humana, partindo para os valores da casa dos homens e das coisas.

A casa é vista, segundo Bachelard (1993), como abrigo, e as lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente, acompanhando o indivíduo durante toda sua vida. O autor ressalta que “se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”. (BACHELARD, 1993, p. 23).

Os devaneios atribuem sentidos à leitura da imagem urbana e, para o filósofo francês Gaston Bachelard, são indispensáveis à vida. O autor percebe a duração como ritmada por “tempos vividos” e “tempos pensados”, onde recordar é uma atividade de acomodar, nas razões do tempo presente, as experiências narradas de um passado vivido e pensado. A memória acrescenta a possibilidade de regressar, de regredir, de repetir. Neste sentido, a narrativa é fundamental para inserir, no próprio “fio” temporal do discurso, os retornos dos fragmentos do vivido humano.

No entanto, Bachelard (1993, p. 18) atribui à imaginação uma atividade viva, capaz de desprender-nos “ao mesmo tempo do passado e da realidade”, pois são nas imagens poéticas que a cidade provoca a imaginação e solta os seus enigmas. Assim, a imaginação redimensiona as realidades, reconstrói o mundo e a relação do ser humano com ele e faz emergir a imagem poética da alma e do coração do ser humano. E revela:

... não somos lançados no mundo, já que de certa forma abrimos o mundo numa superação do mundo visto tal como ele é, tal como ele era antes que sonhássemos... A imensidão está em nós... Embora pareça paradoxal, muitas vezes é essa imensidão interior que dá seu verdadeiro significado a cer-

tas expressões referentes ao mundo que vemos. (BACHELARD, 1993, p. 190).

A cidade, enquanto paisagem tem a imaginação como uma faculdade fundamental de sua interpretação. Para o grande poeta Mario Quintana, “a imaginação é a memória que enlouquece” na busca incessante do ato vivido.

Para Bachelard, “a casa é um dos maiores poderes de integração para o pensamento, as lembranças...” e conclui que sem ela “o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida”. (BACHELARD, 1993, p. 23)

A memória torna-se um ato de poder. Deveria levar em conta os sentimentos e as experiências... porque eles descrevem como os moradores, considerados “indesejáveis”, vivem e sentem o lugar. Assim, transformar-se-ia esse lugar em História e ele, o lugar, seria portador do “verdadeiro” passado.

“Toda rua tem seu curso; Tem seu leito de água clara; Por onde passa a memória; De um tempo que não acaba...” (GULLAR, 1987, p. 55). O poema de Ferreira Gullar faz um convite à reflexão acerca da rua, não apenas em sua materialidade, mas, também, em sua essência, onde a realização da vida cotidiana se faz muito presente.

Da Matta (2000, p.15), em seu livro “A Casa & a Rua”, retrata Casa e Rua como duas “categorias sociológicas”:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Certeau (1990), ao abordar a retórica da caminhada, faz menção ao plano simbólico e ao princípio social. A rua se apresenta com várias formas de uso, de acordo com as várias apropriações, como “calidoscópio de experiências”, onde os usuários demonstram o emprego de táticas para o seu desfrute.

Carlos também destaca que, através da rua pode-se ler “a vida cotidiana: seu ritmo, seus conflitos, os sentimentos de estranhamento, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência,... comandando os passos, os usos e as cores”. (CARLOS, 2001, p. 56). A rua é um importante espaço de experiência. Para Pesa-

vento (1997, p. 33), entretanto, “a rua, antes de ser um local público, é um habitat, uma interioridade”; é inclusive “espaço de um povo ‘habitué’ de tais locais”.

3.2 – Pelourinho como nova imagem para os turistas

As ruas e ladeiras do Pelourinho foram também o palco das entrevistas com os turistas. Nelas, focou-se o conhecimento das obras de Jorge Amado e comprovou-se sua importância para a vinda destes à cidade do Salvador, em especial, ao Pelourinho.

As duas primeiras perguntas apresentadas aos entrevistados visaram a identificá-los e caracterizar o grupo pesquisado.

Os dados e informações coletados são apresentados a seguir, com uma breve análise do seu significado para a pesquisa:

Tabela 1 – Divisão por sexo dos turistas entrevistados

Sexo	Incidência	Frequência (%)
Masculino	33	41,46
Feminino	47	58,54
Totais	80	100,00

Fonte: Dados Primários, 2006.

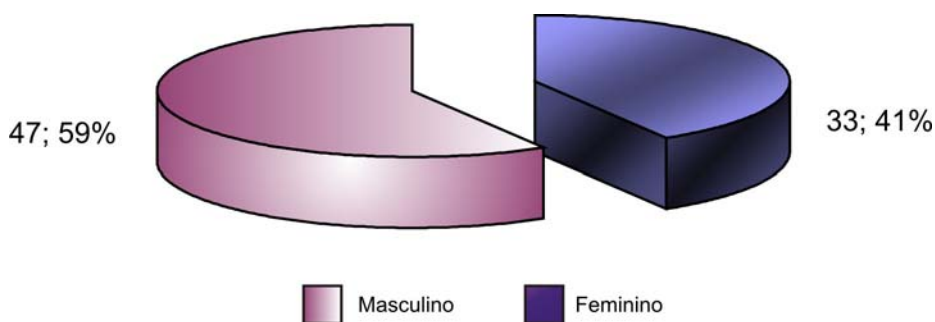


Gráfico 1 – Divisão por Sexo dos Turistas Entrevistados
Fonte: Dados Primários, 2006.

O grupo pesquisado, em termos do sexo, era equilibrado: 41,46% são homens e 58,54 %, mulheres. As mulheres mostraram-se mais solícitas a participar da pesquisa, sendo mais detalhistas nas respostas e considerações.

Tabela 2 – Faixa Etária dos Turistas Entrevistados

Faixa Etária	Incidência	Frequência %)
15 a 20 anos	6	7,50
21 a 30 anos	8	10,00
31 a 40 anos	11	13,75
41 a 50 anos	21	26,25
51 a 60 anos	19	23,75
Acima de 61 anos	15	18,75
Totais	80	100,00

Fonte: Dados Primários, 2006.

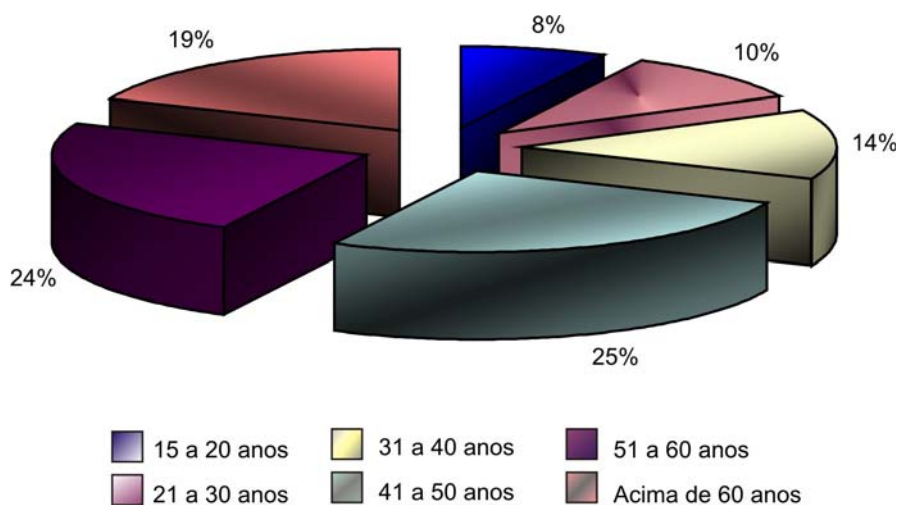


Gráfico 2 – Faixa Etária dos Turistas Entrevistados
Fonte: Dados Primários, 2006.

No que se refere à faixa etária, a grande concentração de turistas pesquisados, 26,25% tem de 41 a 50 anos, sendo que 23,75% estão na faixa de 51 a 60 anos, portanto correspondem ao grupo da melhor, ou terceira idade.

A grande parte dos entrevistados participava de pacotes turísticos para a chamada “melhor idade”. Por meio de dados colhidos, junto às agências de turismo, ficou evidenciado que a baixa temporada é a mais procurada pelo turista idoso. Como declara a Sra. Maria de Lourdes Sampaio¹⁸, de São Paulo, 62 anos: *“Utilizo meu tempo livre para atividades de pintura, estou me (re) educando, pensando em uma melhor qualidade de vida. Participar do clube da “melhor idade” foi importante na oportunidade, pois o custo dos pacotes são mais baixos.”*

O turismo é, ao mesmo tempo, um fenômeno de ordem social, econômica, geográfica e cultural. A imagem turística de Salvador é uma das principais referências na produção das imagens da cidade, tendo uma inegável influência no processo de reestruturação urbana da cidade. Essas abordagens turísticas podem ser constatadas nas figuras 18 e 19.



Figura 18 – Passeando e conhecendo o Pelô
Fonte: Salvador de Bahia, 458 anos.



Figura 19 – O carrinho do Pelô.
Fonte: Heloísa A. de Araújo, setembro, 2006.

A utilização de charretes, puxadas por animais, pretende oferecer uma “experiência mágica” nesses locais tão significativos para o turismo em Salvador, com conforto, segurança e qualidade de transporte de turistas e moradores da cidade. “Pensamos num meio de transporte para dar mais conforto ao turista e um charme a mais para a população mais jovem que não conhece esse tipo de transporte”, disse Everaldo Evaristo, presidente da Emtursa. (EMTURSA, 2007)

¹⁸ Entrevista concedida em maio de 2007.

Tabela 3 – Conhecimento da Obra de Jorge Amado dos Turistas Entrevistados

Conhecimento da Obra	Incidência	Frequência
SIM	76	95
NÃO	4	5
Total	80	100

Fonte: Dados primários, 2006

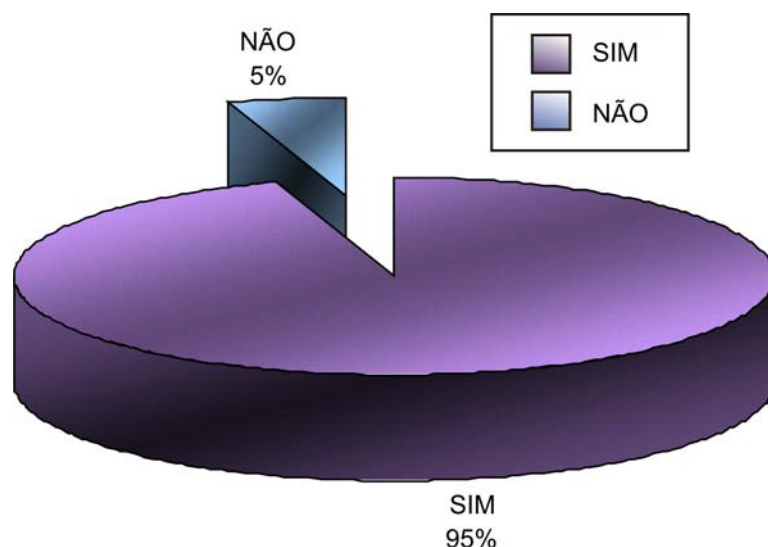


Gráfico 3 – Conhecimento dos Turistas Entrevistados sobre as Obras de Jorge Amado

Fonte: Dados Primários, 2006.

Com relação ao conhecimento das obras de Jorge Amado, a turista Sra. Graça Pinheiro,¹⁹ 50 anos, revela: *“Sem Jorge Amado, a literatura brasileira não seria a mesma, ou simplesmente estaria bem empobrecida. Me emociono todas as vezes que leio e releio o livro Suor. Simplesmente ele é maravilhoso!”*

Importância também destacada pelo turista carioca, Sr. Paulo Neves²⁰: *“O Pelourinho é conhecida pelos quatro cantos do mundo por ter sido cenário de muitos de seus romances, entre eles Suor, que teve como palco de ação o sobrado 68; Os Pastores da Noite onde Felício foi batizado aqui na Igreja do Rosário dos Pretos; aqui também foi lugar da encantadora e desejada Tereza Batista Cansada de Guerra, comandando a greve das prostitutas; a morte de Pedro Arcanjo e a inesquecível história de amor de Dona Flor e seus dois maridos.”*

¹⁹ Entrevista concedida em setembro de 2006.

²⁰ Entrevista concedida em setembro de 2006.

Na lista dos livros mais citados pelos turistas nacionais estão: *Dona Flor e Seus Dois Maridos*; *Gabriela Cravo e Canela*; *Mar Morto*; *Capitães de Areia* e *Suor*. Entre os turistas estrangeiros, destacam-se os livros: *Dona Flor e Seus Dois Maridos*; *Jubiabá*; *Mar Morto*; *Gabriela Cravo e Canela*; e *Suor*.

Observa-se a influência da mídia, em especial da TV, para a ficção e o conhecimento dos livros de Jorge Amado. *Dona Flor e Seus Dois Maridos* é um marco na história do cinema do Brasil. A adaptação do romance de Jorge Amado bateu recorde de bilheteria, em 1976, com 12 milhões de espectadores. E, como se pode comprovar pelo resultado das entrevistas, ainda está presente no imaginário das pessoas.

“O tempo e o espaço estão aqui sob o domínio da imagem”. (BACHELARD (1989, p.211). Não se deixando cristalizar no espaço, o devaneio é o elo entre o sonho e a realidade. A contemplação em devaneio propicia ultrapassar a concretude, lançando para além do repertório memorial. Antes de se ter consciência, sonha-se a paisagem.

Assim, a imagem cinematográfica tem o sentido de experimental, presente nas paisagens de um tempo especializado. A cidade está “aí, com suas milhares de imagens imprevisíveis, imagens pelas quais a imaginação criadora se instala nos seus próprios domínios” (BACHELARD, 1989, p.13).

Compreender o cinema é antes explorar o terreno em que ocorre uma ligação do pensamento filosófico com o cinema, que, para Monteiro (1993) necessita passar pela fenomenologia, visto que ela busca uma ligação privilegiada do filme com o real. Um mundo do cinema vivenciado, onde a imaginação tem que ser capaz de se redimir da realidade, estando atenta aos episódios do devir, sendo capaz de reabrir os caminhos para presenciar-se o cotidiano.

Na figura 20, vê-se o pôster do filme *Jubiabá*, citado entre os livros mais lidos entre os turistas estrangeiros.



O filme *Jubiabá* é um caldeirão de significados. Enfoca as relações raciais a partir da distinção de olhares de duas experiências sócio-culturais distintas. O confronto destes olhares distintos (olhar branco e olhar negro) são resolvidos, em várias partes do filme, pela violência (física e simbólica) da hegemonia da cultura branca. (PAVAN e OLIVEIRA, 2005)

Figura 20 – Poster do filme *Jubiabá*.

Fonte: Pavan e Oliveira, 2005.

Outro grande destaque é a obra *Gabriela, Cravo e Canela* também citada pelos turistas nacionais e estrangeiros. O livro representa o marco que dá início a uma nova fase na obra romanesca de Jorge Amado. Todas as obras da primeira fase (1931-1956) são romances de forte atuação política, de protesto e de denúncia, concentrados nos problemas sociais e de grande sensibilidade solidária à dor do outro.

A segunda fase é delimitada a partir de *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958, no qual o romancista trilhou novos caminhos, abordando com humor temas mais leves e retratando questões sexuais. Mesmo nessa última fase, segundo Santos (1993, p. 164), Jorge Amado não admite dizer “que o romance se tenha desvinculado do povo, de sua luta e de seus problemas, Serve à ação gente de todas as classes da sociedade, no tempo e no lugar, pobres e ricos, maus e bons caracteres, coronéis, fazendeiros de café, exportadores de cacau...”.

Glauber Rocha, cineasta baiano, em um artigo sobre *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1960, destaca que a obra de Jorge Amado é “antidiscursiva, pois apresenta largos painéis cinematográficos, desenhando um cenário particular de cada um de seus personagens.” (Diário de Notícias, 1960).

A obra *Dona Flor e seus Dois Maridos* revela grande humor e sensualidade. Foi escrita na casa do autor, à Rua Alagoinhas, nº. 33, Rio Vermelho, Salvador, na segunda metade de 1965 e terminado em abril de 1966. A personagem-título encontra o ideal do homem em dois maridos: um oferece a paixão ardente que ultrapassa a barreira física e continua intensa após sua morte e reaquece o amor da viúva; já o novo marido é amável, respeitoso e fiel. Seria ela apenas uma mulher em busca de tudo aquilo que todas sonham... além do poder de não deixar morrer o passado.

O cinema de arte contou com grande lançamento, escrito por Dias Gomes, dirigido por Anselmo Duarte, em 1962, o filme “O Pagador de Promessa”, primeiro filme brasileiro, detentor da Palma de Ouro, no Festival de Cannes, na França. Assim, as escadarias da Igreja do Passo ficaram conhecidas em todo o mundo.

A Igreja do Passo, construída na primeira metade do século XVIII, tem um interior neoclássico, onde se destaca a pintura do teto, em feição barroca, de origem italiana. A Igreja é realçada pela sua enorme escadaria de pedras e liga a Rua do Passo à Ladeira do Carmo. Foi o cenário principal do filme citado.

O filme conta o sofrimento de um homem simples do interior, Zé do Burro, personagem central que tenta cumprir uma promessa feita em um terreiro de candóblé: depositar uma pesada cruz no interior da Igreja do Passo, em Salvador, na Bahia, após carregá-la por muitos quilômetros. Entretanto, enfrenta a intransigência da igreja, do governo, da polícia e acaba levando um tiro no meio da praça, em direção à igreja, caindo morto. No final, o povo coloca o cadáver de Zé do Burro sobre a cruz e todos entram na igreja. Na figura 21 é apresentada a Igreja do Passo.

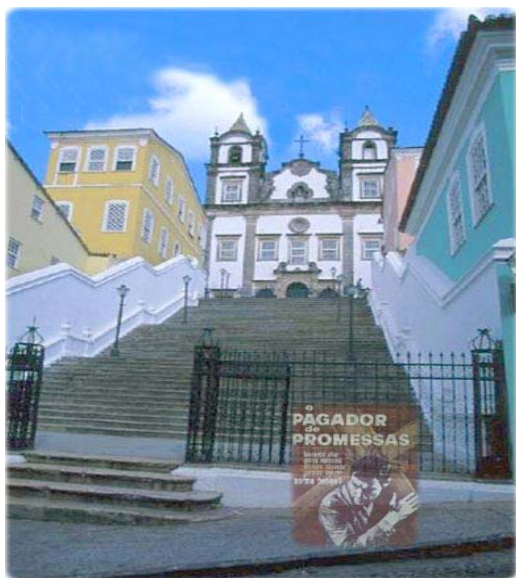


Figura 21 – Igreja do Passo.

Fonte: www.buscatematica.net/imagens/igreja.jpg

O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/1985, referente ao Processo Administrativo nº. 13/85/SPHAN. Um projeto de restauração e revitalização prevê a implantação do Memorial do filme "O pagador de promessa".

Os artistas plásticos mais citados pelos turistas, e que retrataram as obras de Jorge Amado mais citadas pelos turistas durante as entrevistas foram: Calasans Neto (1932 - 2006), Carybé (1911-1997), e Pierre Verger (1902-1996), Hansen Bahia (1915 -1978). Retrataram registros artísticos, com sentimento e percepção. Estes

artistas expuseram os seus olhares, como observadores privilegiados do entorno físico e emocional, para a contribuição da formação cultural.

Calazans Neto, um dos amigos mais chegados do romancista Jorge Amado, ilustrou vários de seus livros, dentre eles, Tereza Batista Cansada de Guerra e Tieta do Agreste. Alguns de seus temas mais presentes são o Bairro de Itapuã e a Lagoa do Abaeté, das lendárias baleias, das dunas, do sol, do mar.

Carybé se fixou na Bahia, em 1940, e levou para sua obra a representação do cotidiano baiano, reproduziu cenas populares, com baianas, mãe-de-santo, lavadeiras, prostitutas... Encantou-se com o universo miscigenado de Salvador. A exemplo de Jorge Amado e Dorival Caymmi, transformou-se em um obá. Na figura 22, Painéis de Carybé representando orixás da Bahia.



Ogun



Oxun



Exu

Figura 22 – Painéis de Carybé representando os Orixás da Bahia.

Fonte: www.ceao.ufba.br/mafro/carybe.htm

As cenas do Candomblé ocupam boa parte da vasta produção deixada por Carybé. Traduziu, com perfeição, o universo de Jorge Amado. Sua obra também possibilitou que a Bahia fosse conhecida fora do Brasil. Por isso, Jorge Amado fala de Carybé como exemplo notável em sua arte; assim, pintá-la com tamanho conhecimento e tão extremado amor não poderia fazê-lo por mais talento que possuísse, se não recriasse a realidade do país e da vida popular, que ele conhecia como poucos, por tê-la vivido como ninguém.

Inspirado pela cidade do Salvador e pelas obras de Jorge Amado, Caribé levou para sua obra a representação do cotidiano baiano, reproduzindo cenas

populares. Ao retratar o povo, o que ele queria era passar para a tela o testemunho da cultura rica em detalhes, e da qual ele fez questão de se aproximar. Visualiza-se, na figura 23, essa representação.



.. recriou a Bahia em sua verdade completa: a paisagem e o povo. As emoções, os sentimentos, os hábitos, a dor, a alegria, a miséria, a tristeza, a luta, a esperança, o drama, a solidão e a festa, a mistura imensa e decisiva... (AMADO, 1986).

Figura 23 – Capoeira Angola Zagrebe
Fonte: <http://www.capoeira.hr/angola/jgrande.html>

Outro destaque, citado pelos turistas, foi o artista Pierre Verger, que veio para Bahia depois de ter lido o livro de Jorge Amado, *Jubiabá*, publicado em 1935. Foi paixão à primeira vista. Do seu navio, vendo a Baía de Todos os Santos, Verger disse: "A alegria era tamanha a bordo que se mostrou inútil tentar dormir até o amanhecer", relatou em "Retratos da Bahia". (BONI, 2006, p. 2)

O olhar do artista francês Pierre Verger foi documentando, por meio de fotografias em preto e branco, a realidade, a diversidade cultural, os contrastes sociais e os cultos afro-brasileiros. Nas imagens de Verger, o passado entrelaça-se ao presente, embora muitas vezes belas, guardam também a memória da pobreza e das desigualdades sociais. Em 1953, em uma visita ao Daomé (atual Benin), foi iniciado no candomblé e ganhou o nome de "Fatumbi", que incorporou até sua morte.

Karl Heinz Hansen adotou a Bahia no coração e no nome, tornando-se conhecido internacionalmente como Hansen Bahia. Foi marinheiro, escultor, poeta, escritor, cineasta, pintor e xilógrafo. Ele e sua eterna companheira, Ilse Stromeier, consolidaram suas vidas e sua arte na cidade de São Felix, na Bahia. Retratou as ladeiras, as igrejas, o mar, os marinheiros, os pescadores, as prostitutas... Enfim, todo o mistério que envolve a Bahia.

Hansen Bahia, em vida, doou todo seu acervo à cidade baiana de Cachoeira. Hoje, na Rua 13 de Maio, no Centro Histórico de Cachoeira, fica a instituição que leva seu nome, fundada por ele em 1976. Ela e o Memorial de São Félix estão indicados como pontos turísticos. Reúne aproximadamente 13 mil peças, incluindo xilogravuras e matrizes, cópias assinadas e não assinadas do gravador alemão Karl Heinz Hansen.

Suas obras mais conhecidas são livros de xilogravuras, como Flor de São Miguel, que retrata um romantismo boêmio do velho Pelourinho e que foi o primeiro dos seus 36 livros publicados, sendo dois premiados na Alemanha. E Hansen revela que, com o livro Flor de São Miguel, fez sucesso em todo o mundo: “ele foi a chave que abriu todas as portas... É tudo puro ali. Meninas de 13 anos vivem na prostituição, têm filhos sem pai e continuam crianças... O bar Flor de São Miguel é o meu ponto preferido. Dali observo tudo, colho os motivos de minhas gravuras.” (AMADO, 2005, p.12)

Segundo Jorge Amado (AMADO, 2005, p. 3), “... ninguém pode desconhecer a fundamental e decisiva presença do grande artista que já aportou aqui senhor da sua arte, mestre comprovado”. E destaca ainda que “Feliz terra é a Bahia, feliz como uma dessas mulheres de beleza definitiva que tem imediatamente a seus pés os homens... essas gravuras me comoveram profundamente e é o poder de comover a marca do artista...” (AMADO, 2005, p. 53).

O elo existente entre as artes plásticas de Calasans Neto, Carybé, Pierre Verger, Hansen Bahia e a literatura de Jorge Amado, aqui mencionado, está fortemente inserido na história que produziram, através da realidade experienciada. Desta forma Merleau-Ponty observa que não se deve apenas olhar com os olhos, mas percebê-lo, fazê-la existir, apreendê-la, vivenciá-la.

3.3 – Pelourinho como nova imagem para os moradores

A casa não vive somente o dia-a-dia no fio de uma história. Pelos sonhos as diversas moradas de nossa vida se interpretam e guardam os tesouros de dias antigos. (Gaston Bachelard, *A poética do espaço*).

O trabalho investigou o espaço experienciado pelos moradores da 7ª Etapa da Requalificação do CHS, na qual a associação e leitura dos fenômenos afetivos e sociais permite perceber os espaços, como lugares, e desvendar novos olhares e análises do espaço urbano.

Yu-Fu Tuan (1983, p. 6) afirma que o lugar é formado por uma carga de valor e só pode ser totalmente apreendido por meio das experiências vividas no local; experimentação esta que engloba as relações íntimas, postas em confronto com o conhecimento experienciado no cotidiano, atribuindo carga emotiva e dotando-a de valor, carregando-a de memória, que se relaciona ao lugar de viver.

Portanto, o lugar se constitui nas experiências afetivas, “capazes de evocar sua presença, mesmo em sua ausência diante de nós...”. Tuan conclui que “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva”. (TUAN, 1983, p. 20).

Para Benjamin (1996), a experiência não é apresentada de uma forma determinista: a história, muitas vezes, não tem explicação razoável, nem mesmo uma máxima que dela se possa extrair imediatamente, daí a necessidade dos acontecimentos narrados.

Nesta perspectiva, Benjamin (1994, p.201) afirma que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Assim, os relatos de vida, e das vidas, são a reflexão do presente nas informações que levam a uma interpretação, mais próxima possível, da realidade do espaço vivido. O vivido então é permeado pelos sentimentos que comandam a vida do coletivo.

As mesmas ruas e ladeiras, das obras de Jorge Amado, além dos famosos becos, foram também utilizados para entrevistar os moradores. Sr. Augusto²¹, 24 anos, revela que vem ao Pelourinho quase toda semana. *“Morava aqui desde meus 10 anos. Minha mãe lutou muito para nos criar. Apesar de termos vizinhos bons e também lutadores, minha mãe sonhava com uma casa melhor e um lugar que não tivesse violência, droga e prostituição. Ela tinha medo que eu e meus irmãos entrássemos... Fomos morar na 3ª. etapa em Coutos... No início, foi muito difícil, principalmente para conseguir sobreviver (comer), mas, hoje já estou trabalhando e meus irmãos também. Mas, sinto muita falta da rua, da casa em que passei minha infância, minha adolescência”*.

²¹ Entrevista concedida em abril de 2007.

Não se concebe a intervenção do CHS, sem os moradores integrando, cotidianamente, este espaço. Afinal, como afirma o poeta Ferreira Gullar: “o homem está na cidade, assim como a cidade está no homem”.

Demonstra-se, desta maneira, e com estes olhares múltiplos, a nova fase pela qual passa o CHS, apontando as carências e necessidades, que motivam e impressionam a criação de políticas sócio-culturais e econômicas.

Os relatos dos moradores possibilitam, também, fornecer imagens para a análise das representações desse espaço. Não apenas ouvindo as narrativas, mas, igualmente, acompanhando algumas práticas cotidianas desses moradores que se materializam e se organizam, sensivelmente, expressando as vontades humanas com relação a esse espaço vivido. *“Morei minha vida toda aqui no Pelourinho... Já passei por muitas dificuldades... hoje, o Pelourinho está mais bonito... mas meus vizinhos aceitaram ser relocados para Coutos. Lá as dificuldades também são grandes... nós não temos estudo, mas ajudávamos uns aos outros. Criei meus filhos precisando, várias vezes, pegar comida com dona Dalva, ao lado da Igreja São Francisco e todos estudaram na escola aqui do Pelourinho. Hoje alguns já casaram, mas o que me faz mais feliz é que todos eles estão trabalhando e com carteira assinada. Eu continuo fazendo queimada e vendendo na rua. Vendo, converso e estou feliz aqui por não ter deixado a minha casa”*. (Sra. Conceição²², de 59 anos).

A relação que o morador mantém com o lugar onde vive determina seu olhar sobre ele. Tradutoras desses olhares, as palavras revelam o sentimento do morador em relação a esse lugar, atribuindo significados a seus espaços. A própria literatura se torna uma narrativa contra o esquecimento da cidade e revela as contradições e as transformações que se produzem pelo processo modernizador.

Cosgrove destaca a necessidade de mudanças nas perspectivas do “olhar” do geógrafo, quando revela:

... paixões inconvenientemente, às vezes assustadoramente poderosas, motivadoras da ação humana, entre elas as morais, patrióticas, religiosas, sexuais e políticas... Contudo na geografia humana parecemos intencionalmente ignorá-las ou negá-las... Conseqüentemente, nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas. (COSGROVE, 1998, p. 97)

²² Entrevista concedida em abril de 2007.

Assim, revela-se a importância da casa para esses moradores, enaltecendo um sentimento de continuidade e de pertencimento. São os olhares “de dentro” que se pretendeu trazer à tona ao se focar o homem como sujeito e atribuir sentido e vida ao lugar.

Merece destaque a verdadeira conquista desta “gente”, fruto da luta e organização comunitária: no dia 02 de junho de 2007, os moradores foram pela primeira vez conhecer as casas restauradas onde irão residir. Serão entregues aos moradores 2 dos 76 casarões em processo de restauração, que no conjunto abrigarão 337 apartamentos e 55 pontos comerciais no Pelourinho. E a Coordenadora da AMACH, conhecida e respeitada como “Pró Cida”, relata a emoção que sentiu ao ver os moradores da 7ª etapa da requalificação terem a certeza de continuar morando no CHS e de que, realmente, irão receber as casas restauradas. Chorando, e visivelmente emocionada, afirmou feliz: *“Depois de assistirmos muitos moradores serem expulsos do CHS, pois eram considerados invasores, ocorreu a difícil adaptação nos bairros da periferia, onde foram relocados. Depois, voltaram para o CHS para dormir em frente às casas onde moravam. Nós, moradores da 7ª etapa, dissemos não à saída do CHS. Nos unimos, resistimos contra a expulsão, contra a assepsia social e, depois de tantos anos de luta, finalmente, a garantia da moradia.”*²³

Disse ainda, a “Pro Cida”, uma das heroínas e exemplos desta Requalificação, que “antes tiveram que sofrer... dar valor, para depois, conquistar a cidadania”.

Sentimento também demonstrando pela moradora Elisangela N. Mendonça²⁴, há 27 anos no CHS, e que também resistiu brava e heroicamente à saída: *“Eu achava que a casa restaurada para morarmos não iria sair do papel, das plantas. Agora, depois que fomos conhecer, parece um sonho. Mas é real... Meus três filhos, eu e meu marido morávamos há 12 anos num quarto de menos de 10 metros quadrados, com geladeira, fogão, colchões e um banheiro que você não podia nem se mexer nele... Tudo dentro deste quarto. Estou muito feliz e com muita esperança... Trabalho com mais paz e tranquilidade... Voltei até a estudar. Hoje temos um teto e a certeza que poderemos pagá-lo e conservá-lo”.*

Partindo da abordagem teórica de Bourdieu, os instrumentos de poder simbólico são essencialmente instrumentos de conhecimento e comunicação. Se os símbolos ou sistemas simbólicos são “denunciadores” de uma relação de poder,

²³ Entrevista concedida em junho de 2007.

²⁴ Entrevista concedida em junho de 2007.

identificável na requalificação de Pelourinho, o poder simbólico pode dissimular relações deste poder que não lhe retira a capacidade de traduzir tanto a visão do dominado, quanto à do dominador:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim,... para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Nesse contexto, para esses moradores da 7^a. etapa, a nova casa significa novas esperanças, como nos depoimentos a seguir: *“Aqui, muitas pessoas não têm emprego, então elas se viram do jeito que elas podem, fazendo bico... A maioria dos moradores é analfabeto. A casa nova nos traz novas esperanças... temos muita fé e as coisas vão melhorar...”*, Sr. Rodolfo,²⁵ 49 anos. *“Depois de tanto tempo resistindo à saída, ficamos felizes em ver que vamos poder ficar morando aqui no Pelourinho. Agora seremos donos de nossas casas e de papel passado. Mas, os moradores que foram expulsos como ficam? Tenho muita revolta...”*, Sr. João,²⁶ 80 anos. *“Muitos moradores foram embora... Alguns ainda voltam e fazem buracos nas suas casas que estavam trancadas por cimentos e entravam a noite para dormir. Éramos todos pobres, mas, agora eles são miseráveis”*, Sra. Nivalda,²⁷ 35 anos.

A moradora Sra. Dalva,²⁸ 42 anos, que vive no Pelourinho há mais de 30, anos também declara como se sentiu ao visitar a casa onde irá morar no CHS: *“Nem acreditamos quando nos convidaram para visitarmos nossas casas... Parece um sonho... Estamos lutando há tantos anos, mas somos uma gente tão sofrida que nem tínhamos mais esperança. Quantas noites perdi o sono pensando no que iria acontecer conosco. Os moradores que ficaram e resistiram à saída foram poucos... meu coração dói quando penso que não estávamos preparados para resistir desde o início. Como sofremos com a saída dos moradores, não gosto nem de lembrar...”*

Segundo Bourdieu (2001), o capital aplicado no lugar e a distância física desses bens e equipamentos ditarão o valor dessa região. Segundo o mesmo autor, não se trata apenas do capital econômico, o dinheiro, mas também de duas outras

²⁵ Entrevista concedida em junho de 2007.

²⁶ Entrevista concedida em junho de 2007.

²⁷ Entrevista concedida em maio de 2007.

²⁸ Entrevista concedida em maio de 2007.

formas de capital, particularmente importantes: o capital simbólico, que se refere ao grau de prestígio, honra acumulada, e o capital cultural, que se relaciona às diversas formas de conhecimento e competências.

Portanto, é por intermédio das formas simbólicas que o lugar é capaz de expressar-se, de promover a resistência, que é necessária para a garantia das formas de existir. O lugar impetra uma energia, ou, nas palavras de Santos (2004, p. 334), uma “força identitária de preservação”, que se renova, obviamente, porém que também se pode guardar.

E a “Pró Cida” ressalta, ainda, a importância das conquistas e os futuros passos para novas conquistas, através de reuniões todas as segundas-feiras: “Após a certeza da conquista da moradia, nos sentimos fortalecidos. Agora temos auto-estima, somos reconhecidos como cidadãos. Após tantos anos morando no CHS, só hoje somos proprietários e não mais invasores. Sabemos que temos deveres para com cada imóvel, tanto no pagamento, como na manutenção e estamos trabalhando para a conscientização de todos os moradores”.²⁹

Sem a união dos moradores nada teria sido possível, finaliza ela, que hoje sonha com a volta ao estudo, a uma melhor capacitação. Tem olhos numa faculdade tão sonhada e, ao mesmo tempo, tão próxima e real.

É “um direito a ter direitos”. (ARENDR, 2000, p. 332). Assim, o Pelourinho descrito pelos moradores e o narrado pelo escritor Jorge Amado recriam, nos seus sonhos, a cidade desejada, mítica, onde história de vida e ficção convergem num espaço simultaneamente geográfico e imaginário. Como Jorge Amado, os moradores descrevem a cidade percebida, sentida e vivida. Entre a realidade e a ficção, mostram-se experiências como estas apresentadas que ajudam a entender e construir o percurso de uma cidade.

Entender as transformações do Pelourinho significa lidar com o processo de construção da sua memória e com os diferentes agentes sociais que nele atuam. Para Pesavento (2004, p.1), história e memória têm que andar juntas, pois “partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade”.

²⁹ Entrevista concedida em junho de 2007.

As entrevistas permitiram, também, um maior conhecimento sobre o lugar, reforçando a importância da participação dos moradores e o conhecimento do lugar vivido pelos vários interventores do processo de requalificação do CHS.

Os moradores ao relatarem suas experiências, projetam também seus desejos e esperanças. Esperanças depositadas hoje na AMACH com a conquista da permanência dos moradores no C.H.S.: *“Com a associação de moradores já podemos dar alguns passos... Incentivamos muito nossos filhos a estudar, só assim eles não passarão por tantas dificuldades. A falta de estudo e a falta de oportunidades é que fez os moradores do Pelourinho serem expulsos”*, Sr. Pereira,³⁰ 45 anos; *“A expulsão da maior parte dos moradores do Pelourinho foi muito triste. Tinha muita droga, muita prostituição, mas tinha muita família simples, trabalhadora. Foi muito sofrido, e ainda é, ver que esses moradores hoje passam fome nos subúrbios”*, Sr. Ivaldo,³¹ 61 anos; *“Penso que poderia ser tudo diferente... Tinham invasores, mas a maioria vivia aqui muitos anos... Pagava aluguel, água, luz. Por que esses moradores não foram preparados para trabalhar vendendo para esses turistas?”*, Sra. Aparecida,³² 38 anos; *A maioria dos trabalhadores aqui hoje são pedreiros, mecânico, vendedor, outras profissões assim, porém sem estudo ainda é muito difícil. Muito, muito difícil mesmo. Tenho esperança que tudo irá melhorar... “Uma prova foi uma maior união dos moradores através da associação”*, Sr. Ricardo,³³ 35 anos.

Vários depoimentos referentes à insegurança durante todo o processo de recuperação do C.H.S. foram ouvidos. Destacam-se: *“Inaugurou as primeiras etapas da recuperação do Pelourinho e a gente ficou sem saber o que fazer aqui dentro, a gente não tinha nem rumo. Aí, começamos a participar das reuniões num bar e, hoje, já temos até sede. Inclusive os próprios moradores daqui era gente que até quebrava aqui, e hoje eles tão participando, eles não quebra nada”*, Sra. Bernadete,³⁴ 55 anos; *“ Ficamos resistindo à saída, mas, tenho certeza que se não fosse nossa união e nossa força de vontade estaríamos morando em qualquer lugar. Mas, não era justo... somos muito despreparados, quase ninguém sabe ler ou escrever, por isso temos tanta dificuldade em resolver algo... Com a AMACH, estamos discutindo o que está acontecendo e tentando ajuda com pessoas que têm estudo e que possam*

³⁰ Entrevista concedida em maio de 2007.

³¹ Entrevista concedida em maio de 2007.

³² Entrevista concedida em abril de 2007.

³³ Entrevista concedida em maio de 2007.

³⁴ Entrevista concedida em maio de 2007.

nos ajudar a entender, aí sim, a gente concorda ou não com aquilo que eles estão falando que vai acontecer. Pena que tem moradores que ainda não participam e só ficam esperando as conquistas”, Sra. Gloria,³⁵ 50 anos.

Desta forma, mostram-se as diferentes lutas pela apropriação do espaço, os seus diversos usos, oposições como “novo”, “velho”, “tradicional”, “moderno”, que evocam todo um verdadeiro simbolismo de distinção. (BOURDIEU, 2001, p. 162).

A Sra. Tereza,³⁶ 31 anos, relata que a AMACH nos trouxe segurança: *“Vejo que as pessoas mais estudadas, como a Pró-Cida, vivem estudando para nos passar as novidades nas reuniões da AMACH, todas as segundas-feiras. Ela tem que entender de leis, às vezes, ela é advogada, às vezes engenheira, outras vezes ela tem que ser mãe, chamando atenção de todos pela falta de participação... Os moradores que têm estudo são poucos e fica mais difícil para você conquistar aquilo que já era seu”.*

A saúde mereceu destaque nas falas, olhares e percepções do público morador pesquisado.

“O Posto de Saúde, que existe no bairro, não atende a demanda e não é 24 horas. Só podemos ficar doentes nas 12 horas em que ele funciona. E quando funciona. Não é sempre”, Sr. Cícero Melo;³⁷ “O atendimento médico é precário. Existe também a dificuldade na marcação das consultas. A consulta leva quase 30 dias para acontecer. É de chorar... Quando o telefone não funciona, ou não atende, ficamos sem médico. Temos que marcar para adoecer... e rezar”, moradora Sra. Maria Nazaré Miranda;³⁸ “O que mais me aflige são quando meus filhos adoecem. Muitas vezes, não consigo consulta no posto de saúde e tenho que tirar da comida dinheiro para os remédios... que, na maioria das vezes, compro na farmácia, o remédio é indicado pelas pessoas que trabalham lá. Todos nós passamos por muitas dificuldades. Mas, o que mais me marcou ultimamente foi de precisar levar mainha ao médico e não ter vaga. Procuramos o médico quando já estávamos nas últimas, e ter vaga para daqui a um mês não adianta... Com a demora, ela piorou e, hoje, está internada pelo SUS, depois de muita espera. Será que se mainha tivesse sido atendida antes não precisaria nem ser internada?”, Sra. Rose,³⁹ 36 anos.

³⁵ Entrevista concedida em abril de 2007.

³⁶ Entrevista concedida em abril de 2007.

³⁷ Entrevista concedida em abril de 2007.

³⁸ Entrevista concedida em maio de 2007.

³⁹ Entrevista concedida em maio de 2007.

Na figura 24 observa-se a necessidade urgente quanto à reforma do Centro de Saúde do Pelourinho.



Figura 24 – Centro de Saúde do Pelourinho.

Fonte: Heloísa A. de Araújo, maio, 2007.

Muitos são os sentimentos experimentados pelos moradores em relação ao lugar onde vivem e sentem. Ainda sob a saúde, esse lugar tão precioso é descrito sob vários pontos de vista: *“Depois de conquistarmos nosso teto, após muita luta e muito sofrimento... Meu maior desejo é que nossa próxima conquista seja um posto de saúde que possa realmente atender a nós moradores. Começamos a entender tantas coisas... e uma delas é que a saúde também é um direito”,* Sr. Miranda,⁴⁰ 39 anos; *“Temos muitos moradores com problemas de droga, alcoolismo... e precisamos, com muita urgência, de um posto de saúde que possa atender essas pessoas. Se não cuidar desses moradores, o Pelourinho vai voltar a ser o que era ou mesmo pior...”,* Sr. Felício,⁴¹ 71 anos. *“Minha casa sempre foi muito pequena e tinha também muita umidade. Meus filhos dormiam em colchões finos no chão e estavam sempre com pneumonia. O banheiro era coletivo e o chuveiro estava sempre queimado, por isso o banho era frio, o que contribuía para eles griparem. Não tinha nun-*

⁴⁰ Entrevista concedida em abril de 2007.

⁴¹ Entrevista concedida em abril de 2007.

ca vaga no posto de saúde, então o jeito era esperar a pneumonia e aí eles eram atendidos nos hospitais maiores... na emergência e internados para tratá-la. Por isso, agora, com a nova casa isso tudo vai melhorar... Mas, o posto de saúde seria muito importante para que quando eles gripassem, eu pudesse tratá-los e não deixar chegar numa pneumonia”, Sra. Rosa,⁴² 53 anos.

No tocante ao lazer, os moradores da 7ª etapa revelaram que a Bênção, que acontece no Centro Histórico, às terças-feiras, e na Igreja Nossa Senhora do Rosário, se constituía no mais importante evento do lugar. Todas as outras programações culturais que acontecem no CHS foram citadas apenas como fontes de sobrevivência. A missa é promovida pela Irmandade dos Homens Pretos e é uma das mais frequentadas, inclusive por baianos não devotos e por turistas.

A Bênção dada na Igreja de São Francisco, localizada no Terreiro de Jesus, se tornou uma tradição especial na Cidade do Salvador. Nas escadarias da Igreja, frades dão pães aos pobres. No dia de Santo Antonio, 13 de junho, e em 04 de outubro, dia de São Francisco, chegam a distribuir cerca de 15 mil pães.

Na Bênção, que acontece no Centro Histórico, encontram-se muitos devotos de Ogun, Orixá guerreiro, que no candomblé é identificado como Santo Antônio, sobretudo entre os anos de 1930 e 1940, quando o culto afro ainda era marginalizado. Neste período, como indica Clarindo Silva⁴³, um dos moradores mais ilustres e conhecidos do Pelourinho, “enquanto os brancos vestiam suas melhores roupas para passear na Rua Chile, onde estavam localizadas as principais lojas e pontos de encontro da cidade, a comunidade negra vestia também sua melhor roupa para vir ao Centro Histórico”. (*apud* GOTTSCHALL; SANTANA, 206, p. 190).

Todavia, a partir de 1970, é que a Terça da Bênção se transfigura como um grande evento realizado nas ruas do Centro Histórico. Além da Terça da Bênção, citada pelos moradores, observa-se que a prática mais frequente é o encontro dos moradores em frente aos casarões, onde moram ou trabalham, conversando, com música dos bares e o jogo de dominó. Para Le Goff (1994, p. 35), “uma sociedade cria história e cultura em sua direta e intensa relação com a Natureza”.

Pesavento (2002) acrescenta que houve a criação de novas representações da cidade e da vida urbana, na qual a identidade urbana conjugava a cidade real e a ideal, entre uma "cidade do possível" e uma "cidade do desejo”.

⁴² Entrevista concedida em abril de 2007.

⁴³ GOTTSCHALL; SANTANA, 2006.

É no âmbito desta noção de cultura que são formadas as imagens mentais sobre o grupo a que se pertence e acerca de cada um. Estas imagens mentais são representações. Para Pesavento (2004, p. 40), representar é “estar no lugar de”, é “presentificação de um ausente”, é um “apresentar de novo que dá a ver uma ausência”. E ela ainda destaca, criticamente, que:

...a representação é um conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO, 2004, p. 40)

Ao se analisar o duplo aspecto vigente na representação social da cidade, a autora ressalva que estas formas sociais de construção de imagens antagônicas atribuem à cidade uma existência de "celebração e combate, de atração e repúdio (...), onde o sonho e o pesadelo, sobre ela, os homens depositam angústias e esperanças". (PESAVENTO, 1997, p. 26).

Assim, deixa explícita a ação que a produção de representações demanda, pois é algo construído pelo grupo. A construção identitária do ser individual encontra seu reforço, seu paralelo, na construção da identidade do grupo social, no qual ele está inserido. Há uma interação, embora não determinante, entre grupo e indivíduo.

No caso específico do CHS, observa-se ocultação da memória local. Esta constatação fica clarificada quando se nota a omissão do poder público, durante boa parte da história da cidade, na produção de registros para este tipo de memória.

Segundo Pierre Nora (1993, p.14), a memória existente é então história, "tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história". A autora definiu a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. (NORA, 1978, p. 466).

A memória, como define Le Goff (2003), está intrinsecamente relacionada à identidade individual ou coletiva e, portanto, à existência simbólica de determinada experiência constituída ao longo do tempo. O autor ainda destaca que “nas sociedades desenvolvidas, os novos arquivos (orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes,... nomeadamente (a do) rádio e (a da) televisão”. (LE GOFF, 2003, p. 477).

O perigo desta perspectiva é a perda das referências compartilhadas coletivamente que leva ao enfraquecimento das identidades (LE GOFF, 1996, p.15). A memória não tem a faculdade de reconstruir o tempo, mas também ela não o anula.

Ela o evoca e o ordena no exercício da rememoração. Dessa forma, memória e imaginação estão intimamente ligadas.

Assim sendo, além da segregação espacial-econômica que se efetivou no CHS, houve também uma espécie de segregação espacial em termos de representação, isto é, com os espaços advindos do turismo.

Segundo Barreto (2000, p.15), o planejamento é importante para que os benefícios aos moradores do local sejam priorizados e que para o “patrimônio e o turismo possam ter uma convivência saudável”.

Para o diretor da IPAC, Frederico Mendonça, é essencial pensar o Centro Histórico como:

Parte da cidade e uma parte em que a ocupação das encostas da Vila Nova Esperança, do Pilar e de Santo Antonio mostram contradições sociais muito fortes numa área de patrimônio da humanidade, o que induz a uma ação articulada com as três esferas de poder público e a participação indispensável das ONGS e organizações comunitárias. Segundo ele, a prioridade agora é discutir e traçar estratégias de ação considerando o patrimônio, a conservação e a inclusão social. (AGECON, 2007).

Souza discute a relação entre os espaços e o cidadão na ótica de reorientação das cidades. Diz ela que:

Nesses espaços, o cidadão sempre assumiu a sua característica de parte do coletivo social. A morfologia urbana, as tipologias arquitetônicas e as práticas sociais desenvolvidas nas ruas e praças também sempre serviram como elementos de orientação e leitura. Entretanto, a desagregação da ordem, a confusão das atividades e fluxos de circulação, a falta de identidade, a insegurança social têm tirado das ruas centrais da cidade o seu papel didático-referencial. (SOUZA, 1997, p.117-118).

Foram também apontadas pelos moradores como impedimento às práticas de lazer, as limitações de espaço e dos equipamentos. O bairro é carente de uma estrutura física adequada ao desenvolvimento de atividades de lazer, principalmente, aquelas relacionadas à prática esportiva, já que não possui quadra, nem praças com equipamentos esportivos para a população moradora.

O dinheiro, destinado às despesas com o lazer, surge depois dos desembolsos de primeira necessidade, ou de necessidade básica, como alimentação, saúde, habitação e vestuário. O baixo poder aquisitivo desses moradores limita a prática de algumas atividades, cujos gastos são incompatíveis com a renda daquela população.

Os espaços de lazer, que representavam a própria expressão do viver em sociedade, em seu aspecto gregário e lúdico, estão cada vez mais sitiados. (AN-

DRADE, 1997). Com isto, a cidade e sua paisagem tornaram-se algo inseguro, algo que o olhar deve desviar e fugir, diante da violência dos espaços de contato público.

No tocante à cultura e ao lazer, destaca-se ainda a Festa de São João, que, em Salvador, acontece entre os dias 23 e 24 de junho, no CHS, no Largo do Pelourinho, Terreiro de Jesus e nas praças, com bandeiras coloridas, além das barraquinhas de comidas e bebidas típicas, como milho, amendoim, pamonha, mugunzá, licor... Grupos culturais do centro antigo, como Boiada Multicor, o Teatro de Bonecos e Mamulengos do mestre Elias, a Quadrilha Junina Infantil e os Trios Nordestinos também animam a festa nas ladeiras do Pelourinho. Os Meninos do Pelô se apresentaram em 2007 no palco principal, no Largo do Pelourinho.

Em 2007, a comunidade local e adjacências participaram das reuniões para organização do São João, com o apoio cultural do Governo da Bahia, através da Secretaria de Cultura e do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC). A logomarca da festa, “Arraiá da Comunidade do Pelourinho”, foi criada pelo artista plástico, morador do Maciel/Pelourinho, Lázaro Duarte.

Em entrevista à Revista Museu (2007), Mônica Kalile revela que: “Este será o melhor São João dos últimos 12 anos”. Para o Diretor Geral do IPAC, Frederico Mendonça, o diferencial deste ano é que, pela primeira vez, a festa foi planejada por uma comissão das comunidades residentes no centro antigo, em conjunto com a Diretoria de Ações Culturais (Dirac) do IPAC, através do seu projeto Pelourinho Cultural, antigo Pelourinho Dia e Noite. Segundo Ivanna Soutto, Diretora do Programa Pelourinho Cultural, “as diretrizes previstas para esta atuação deverão buscar o desenvolvimento sócio-cultural, a valorização do espaço cotidiano, onde o homem ocupe um lugar central”. (AGECOM, 2007).

A música dos Titãs, “A gente não quer só comida / A gente quer comida, diversão e arte”, parece revelar alguns dos direitos citados pelos moradores durante os festejos do São João. O direito à vida significa e representa que ter direito à cidadania. É querer e lutar por casa, comida, trabalho, lazer... Coisas comuns, nada, além disso.

CONCLUSÃO

“É impossível existir sem sonhos”. (Paulo Freire, 2001).

Este capítulo apresenta uma conclusão da dissertação e uma breve recapitulação dos seus objetivos para, em seguida, oferecer sugestões de novos estudos que possam ampliar e complementar o aqui apresentado.

A presente pesquisa mostrou a importância do espaço do Pelourinho, como lugar de memória, nas obras *Suor* e *Jubiabá*, do escritor baiano Jorge Amado, na década de 1930 e, hoje, durante o processo de requalificação, na história de vida dos seus atuais moradores.

A análise das obras *Suor* e *Jubiabá*, de Jorge Amado, e da 7ª etapa da requalificação do Centro Histórico de Salvador revelaram que não há uma só cidade, mas múltiplas. Viu-se que uma cidade comporta muitas e tantas outras, e, ao se estudar e refletir sobre uma cidade, mediante o que ela se tornou, é possível rememorar aquilo que ela foi um dia.

Os resultados obtidos demonstram que todos os objetivos específicos propostos, e conseqüentemente o geral, foram atingidos, posto que permitiram relacionar as principais alterações no uso do solo do Pelourinho, sintetizar o Programa de Recuperação do CHS, descrever a situação atual dos seus moradores, além de distinguir os personagens e os caminhos por eles percorridos e relatados, nos romances *Suor* e *Jubiabá*, de Jorge Amado, na década de 1930.

O conteúdo geográfico nos espaços romanescos sempre gera um novo foco, um outro pensar sobre o real e busca reconhecê-lo como um meio de compreensão e de enriquecimento.

Com a literatura, apreende-se que não existe um único significado para as coisas e que tudo pode e deve ser visto de inúmeras formas e ângulos. O escritor, assim, sente o que vê. Compreende-se, desta forma, melhor e mais nitidamente, a realidade e a condição humana.

E Salvador foi sabiamente descrita por Jorge Amado: os personagens experienciaram a cidade e o seu cotidiano, construindo um retrato da cidade real que serviu à ficção. Nas obras de Jorge Amado, aqui analisadas, verifica-se a preocupação do autor com a vida, mediante a efetivação de um pensamento capaz de (re)

inventar universos imaginários. São os olhares “de dentro” que se pretendeu trazer à tona nesta dissertação.

A pesquisadora também manifesta inquietação diante do mundo e o anseio constante em reaprender a ver este mundo. Este é o grande e sempre desafio da conjugação da Geografia com a Literatura.

Ampliar o campo de diálogo da Geografia com a Literatura, em especial, como recurso da leitura e da interpretação do espaço geográfico, é trilhar novos caminhos que levam à memória e aos sonhos vividos, pulsantes naquele espaço experienciado.

Certamente, está-se acostumado com o objetivo que impregnou o mundo da ciência. Talvez resida aí a dificuldade que tem o geógrafo de ver, sentir e perceber as mudanças na cidade, pelos olhos da arte.

Assim, por mediação de caminhos diferenciados, a geografia e a história, como a literatura, constroem “verdades” e se propõem a dar visibilidade ao “real”, além de revelarem uma riqueza de informações. E, sempre, novas reflexões poderão imprimir o início de uma nova história. Nunca é demais citar que olhar é sentir o que se vê.

Ao percorrer os caminhos da interdisciplinaridade, visou-se contribuir com o desenvolvimento da pesquisa na linha da Geografia Humanística e da Fenomenologia, bem como convidar os planejadores urbanos a vivenciarem o cotidiano, a realidade e os desejos dos moradores inseridos no programa de requalificação. A experiência dos lugares tem como cenário o vivido. Assim, envolve a compreensão da experiência, enquanto um fenômeno completo.

É olhar o urbano, pensar, sentir e ver o homem, como parte integrante daquele espaço, com valores culturais, sociais e afetivos por aquele lugar. Valores e ideais estes que devem ser considerados nos processos de intervenção urbana e humana.

A história da preservação do patrimônio histórico brasileiro reveste-se, desde o seu início, de interesses políticos de uma classe dominante. Mas, o corpo urbano, tal qual um corpo humano, é dinâmico e complexo, além de vivo.

As intervenções deveriam gerar a defesa da preservação da história e da memória desses espaços urbanos e promover ações que possam tornar mais democráticos os usos da cidade. O planejar, por si só, não possui autonomia de criar

realidades próprias para os moradores do CHS, onde prevalece a pobreza, o analfabetismo, a droga, a prostituição, a violência... e onde dormem seus sonhos.

Repensar as práticas de requalificação, nas quais os desejos e os sonhos dos moradores são conhecidos, elevaria o homem à condição de sujeito nesse processo. Os moradores são o componente basilar para a valorização de seu patrimônio cultural. O conhecimento e a apropriação dos valores e tradições irão contribuir para a conscientização sobre a importância de sua proteção, ou seja, são fatores indispensáveis no processo de preservação desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

Infelizmente, ao manter-se à distância pessoas e coisas indesejáveis, para uns, tentou-se mascarar, de forma sutil, a realidade do CHS, dos seus moradores.

Assim, isso se reflete num caminhar... numa trilha, não num trilho. A cidade real e a cidade imaginada se misturam nos movimentos das mudanças nelas provocadas. Ressalta-se que os acontecimentos vividos e lembrados não têm limites.

A dissertação buscou apresentar uma reflexão sobre a importância do lugar e do modo como ele é percebido pelos moradores, turistas e órgãos públicos. A experiência da invisibilidade, afirma-se, deixa marcas no sujeito e seus efeitos são sentidos e vivenciados no seu cotidiano. A discussão teórica, até aqui, tentou enfatizar o espaço como lugar de memória e de identidade.

Ao se resgatar a identidade urbana de um lugar, interiorizando-se no espaço particularmente vivido e sentido, desvenda-se espaços de linguagens, evocações, sonhos e imagens.

Experiência, percepção e interpretação tornam-se, deste modo, chaves para o conhecimento do Pelourinho e entorno, levando às formas de hierarquização e estruturação da paisagem, enquanto mundo vivido, lugar onde se traçam caminhos interiores e exteriores.

A potência criativa que dá ao ser humano a capacidade de poetizar o mundo foi tratada com base na poética de Bachelard. Sob o olhar bachelardiano, a imaginação está vinculada à vontade, o desejo e o querer não se dissociam da capacidade de imaginar, e desvela-se como atividade potencialmente transformadora do mundo.

No diálogo entre o passado e o presente, as memórias coletivas e as individuais estão impregnadas de historicidade. Entre a lembrança e a memória, os sujeitos históricos estabelecem elos com o passado, através de suas falas no presente. Foram esses ecos do passado que se procurou ouvir ao se estabelecer um diálogo,

no presente, com os fatos vivenciados e transformados em lembranças, buscados nas narrativas dos personagens de Jorge Amado e na história dos moradores do Pelourinho.

A memória dos moradores, que fazem parte da história do CHS analisada, transformou-se em fonte, à medida que o universo vivido se fazia representar através dos seus depoimentos. E, ao se considerar que a representação é mais do que uma mera duplicação “mimética do real”, nela o pensamento tem lugar privilegiado para formular o sentido do representado e indagar os propósitos de sua existência.

Representar é, portanto, tornar o mundo conhecido e “cognoscível”. Isto se procurou fazer ao se representar, nesta pesquisa, os caminhos percorridos pelos personagens de Jorge Amado, nos livros estudados, e os vivenciados pelos moradores no processo da requalificação do CHS, na sua 7ª. Etapa.

Pode-se melhor entender que a construção da memória histórica é um trabalho do presente, feito em função deste, como uma maneira de dar inteligibilidade e sentido a ele. A história dos personagens e dos moradores do Pelourinho é construída, ou fundamentada, com as escolhas ou com as indagações do presente.

Essa aproximação, mediada pela oralidade, foi capaz de trazer uma dimensão multifacetada do Pelourinho e dos sujeitos que o freqüentavam. É interessante notar que, em meio às narrativas, foi possível pontuar elementos necessários para entender as tramas, os traumas e as alternativas promovidas nas trajetórias de homens e mulheres, cujos relatos aparecem de forma incessante, nas experiências vividas.

A preservação de uma Cidade Histórica, mediante o reconhecimento de um tombamento mundial, guarda inúmeras particularidades e gera conflitos. A partir da intensificação da atividade turística, cresce a necessidade interna de uma afirmação identitária, que é alcançada num constante reconhecimento da diferença. A concepção do imaginário turístico deve abranger a perspectiva de identidade do lugar. Identidade, conforme aquilo que faz um lugar diferente, único, fruto da interação entre indivíduos e natureza ali existentes. Assim destaca-se a importância dos imaginários locais na requalificação do CHS.

Decifrar as cidades é talvez uma forma de fazer frente aos novos desafios que são lançados a elas. Mas, a cidade precisa seduzir a todos, moradores, turistas e órgãos públicos, através dos seus dirigentes.

As diferenças reveladas pela cidade constituem-se na essência das relações sociais, nas percepções, experiências e memórias dos indivíduos. Conhece-se a cidade ao elaborar sobre, e a partir dela, fortemente influenciadas por suas experiências, constatações e observações cotidianas. Compreender os desejos e lembranças dos cidadãos pode auxiliar na identificação e ser uma das propostas e alternativas para a solução de seus problemas. E por que não considerar estas diversidades, desejos, necessidades e lembranças nas próximas etapas da Requalificação do CHS?

As recomendações que se apresentam, a seguir, caminham no sentido de ampliar, com novas pesquisas, o estudo feito:

- Novos olhares através da Geografia e da Literatura;
- Participação, permanência e benefícios aos moradores nas próximas etapas da requalificação do CHS;
- Subsídio às práticas de planejamento urbano, com a Geografia Humanística e a Fenomenologia, visto que investigam o mundo vivido e experienciado pelos moradores do CHS.

Em resumo, esta dissertação representa apenas o início de um instigante e apaixonante campo de investigação entre a Geografia e a Literatura, rumo sempre a novos desafios...

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, A. **Adaptação estratégica na empresa pública do setor bancário: o caso do Banco do Estado de Santa Catarina**. 2000. 266 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 410 p.

_____. _____. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **O capeta Carybe**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1986. 1 v.

AMADO, Jorge. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. In: CURRAN, M. J. **Jorge Amado e a literatura de cordel**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981. p. 32

_____. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 1987. 266 p.

_____. Um pensamento que é respeitado. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 ago. 1992.

_____. **Suor**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983. 164 p.

_____. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 321 p.

AMADO, Jorge. In: **90 anos de Hansen Bahia**. Centro Cultural dos Correios. Salvador: outubro de 2005.

ANDRADE, C. R. M. Confinamento a deriva: sobre o eclipse do lugar público na cidade moderna. In: SOUZA, C. F.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p.52-53.

ANDRÉS, M. H. **Os caminhos da arte**. 2. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2000. 192 p.

ARANTES, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 190 p.

_____. **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 255 p.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura na gestão das cidades. In: _____. et al. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 18-20

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000. 3 v.

ATLAS das representações literárias de regiões brasileiras. Rio de Janeiro: IBGE, 2006

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003. 111 p.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 202 p.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000. 96 p.

BARROS, J. N.; PUGLIESE, V. S. **Desapropriação das memórias indesejáveis**: opressão e resistência no Centro Histórico de Salvador. Salvador, 2006. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewArticle/7022>>. Acesso em: 29 set. 2006.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 253 p.

_____. O Narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 70-78.

_____. **Rua de mão única**: obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1995. 277 p.

BONI, A. P. Livro de Jorge Amado levou francês a Salvador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2006. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not01_0306/ne_not_20060218c.htm>. Acesso em: 20 jun.2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

_____. **Tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. 219 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. 311 p.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 361 p.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 150 p.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 141 p.

CANANI, A. S. K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 163-175, jan./jun. 2005.

CANDIDO, Antonio apud. Ana Paula Palamarctchuk. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. (Orgs.). Jorge Amado: um escritor de Putas e vagabundos? A história

contada: capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985. 193 p.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Lisboa: Stampa, 1999.

CARLOS, A. F. A. O consumo do espaço. In: _____. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 173-196.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004. 154 p.

_____. **A (Re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. 270 p.

CASTRO, J. De morador a mendigo do Pelô. **A Tarde**, Salvador, 29 jan. 2004.

CAYMMI, D. **Cancioneiro da Bahia**. São Paulo: Martins, 1947. 156 p.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1990. 351 p.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250 p.

CONDER (Bahia). **Dinâmica urbana para oportunidade de investimentos no Centro His-tórico de Salvador**. Salvador, 1995.

_____. _____. Salvador, 2007.

CORDEIRO, T. Pesquisador reconstitui o traçado urbanístico original de Salvador, marcado por conceitos renascentistas. **Época**, São Paulo, v. 257, abr. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT524049-1661,00.html>>. Acesso em: 10 set. 2006.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 48-52

COTRIM, G. **História do Brasil**: do século XIX ao século XXI. São Paulo: Saraiva, 2001.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2000. 177 p.

DIMAS, A. Espaço e romance. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. 77 p.

DUARTE, E. de A. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996. 277 p.

_____. Jorge Amado e o “Bildungsroman” proletário. In: ROL-LEMBERG, V. (Org.). **Um grapiúna no país do carnaval**: atas do I Simpósio Internacional de Estudos sobre Jorge Amado. Salvador: EDUFBA, 2000.

ECO, H. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia da Letras, 1994. 158 p.

ESPINHEIRA, G. **Divergência e prostituição**: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1974. 162 p.

_____. Pelourinho: a hora e a vez do centro histórico. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 119, 1989.

_____. Salvador: a cidade das desigualdades. **Cadernos do CEAS**, Salvador, 2000.

FERREIRA, S. T. de L. **A percepção da paisagem das Gerais no “Grande Sertão Veredas”**. 1990. 310 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

FRAGA, M. Anos 30: depoimento. O documento e a ficção. In: Colloque Jorge Amado. Paris: Université, 2001.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FUNDAÇÃO CASA JORGE AMADO. Salvador, 2007.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 107 p.

GOTTSCHALL, C. de S.; SANTANA, M. (Orgs.). **Centro de Cultura de Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006.

GROSSMAN, J. A ficcionalização do espaço geográfico em “Suor” de Jorge Amado. In: O ESPAÇO geográfico no romance brasileiro. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p. 39-40

GULLAR, F. **Cidades inventadas**. São Paulo: Nacional, 1987. 107 p.

HONÓRIO, L. C. A pesquisa qualitativa. UFMG: Disciplina Métodos e Pesquisa em Administração I, 1997.

HUSSERL, E. **Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica**. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. 529 p.

INSTITUTO DO PATRIMONIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA. **Programa de recuperação do Centro Histórico de Salvador**. Salvador, 1995.

JUREMA, A. O novo livro de Jorge Amado. In: AMADO, J. **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 54.

KLINKE, A. Mancha de dendê não sai. **Isto É**, São Paulo, n. 1539, 31 mar. 1999. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/especial/153912.htm>>. Acesso em: 22 set. 2006.

LA BANCA, A. M. **As estratégias de segmentação do mercado de clientes pessoas físicas no Banco do Brasil no período de 1997 a 2001**. 2001. 123 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LE GOFF, J. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 238 p.

_____. **História e memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. 553 p.

_____. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. 553 p.

_____. Memória. In: ROMANO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1997. p. 28.

_____. **Para um novo conceito da idade média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1977. 392 p.

_____. SEMINÁRIO: “A história política continua a ser a espinha dorsal da história?”. In: _____. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994. p. 49.

LEAL, G. da C. **Perfis urbanos da Bahia: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os galegos**. Salvador: [s. n.], 2002. 234 p.

LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976. 154 p.

LIVINGSTONE, J. M. **Pesquisa de mercado: uma abordagem operacional**. São Paulo: Atlas, 1982. 126 p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 227 p.

MALLORY, W. E.; SIMPSON-HOUSLEY, P. (Eds.). **Geography and literature: a meeting of the disciplines**. 6th ed. Syracuse, N.Y.: Syracuse University, 1999.

MÁRQUEZ, G. G. **Viver para contar**. São Paulo: Record, 2003. 474 p.

MARTINS, M. **Revitalização do Pelourinho gera polêmica na Bahia**. Agência Nordeste de Notícias. Salvador, 31 ago. 2004. Disponível em <<http://www.agne.com.br/private/230104/2301040847.html>>. Acesso em: 20 mai 2007.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1999. nv.

MATTOSO, K. M. de Q. **Bahia, século XIX**: uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 747 p.

MENEGUELLE, C. Preservação do patrimônio: uma análise das práticas adotadas no centro do Rio de Janeiro. **Patrimônio**: Revista Eletrônica do Iphan, Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=120>>. Acesso em: 14 dez 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

_____. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 271 p.

MIRANDA, L. B.; SANTOS, M. A. D. C. dos. **Pelourinho**: desenvolvimento sócioeconômico. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002. 172 p.

MONBEIG, P. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957. 236 p.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242 p.

MORAES, A.C. R.; COSTA, W. M. da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. 2. ed. São Paulo: Huitec, 1987. 196 p.

MORAIS, K. L. Lima Barreto e Charles Baudelaire: uma concepção sociológica da literatura na modernidade. **Revista Plurais**, São Paulo, v. 5, n. 10, jul./dez. 2004.

MOREIRA, R. "Grande Sertão Veredas, na trilha de uma geografia roseana". **Revista Fluminense de Geografia I**, Niterói, p. 41-48, 1996.

MORETTI, F. **Atlas do romance europeu**: (1800-1900). São Paulo: Boitempo, 2003. 215 p.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MOTA, M. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 193 p.

NICKELS, W. G.; WOOD, M. B. **Marketing**: relacionamentos, qualidade, valor. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999. 468 p.

NORA, P. Memoire collective. In: LE GOFF, J. et al. (Org.). **La mouvele histoire**. Paris: Retz, 1978. p. 12-15.

NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: PROJETO História. São Paulo: PUC, 1993. p. 7-8.

OBA, L. T. **Os marcos urbanos e a construção da cidade**: a identidade de Curitiba. 1999. 327 f. Tese (Doutorado em estruturas ambientais urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, A. F. B. de. **Memória, história e patrimônio histórico**: políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico. 2002. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

OLIVEIRA, L. de. Percepção do meio e geografia. **Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28. 2002.

PAVAN, M. A.; OLIVEIRA, D. A construção da identidade negra no filme “Jubiabá”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. 1 CD-ROM.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. 292 p.

_____. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 393 p.

_____. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil: século XIX e XX. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995.

_____. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Nacional, 2001.

PINHEIRO, E. P. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2002. 342 p.

PINTO, J. M. “Intervenção cultural em espaços públicos”. In: SANTOS, M. de L. L. dos. (Org.). **Cultura e economia**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1995. p. 49.

PROST, A. **Histoire, vérités, méthodes**. Paris: Le Débat, 1997.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. São Paulo: Zahar. 1995.

RAILLARD, A. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990. 317 p.

REGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 322 p.

- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25. 1976.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985. 287 p.
- ROCHA, C. E. da. **Roteiro do Pelourinho**. Salvador; Oficina do Livro, 1994. 104 p.
- ROSENDHAL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999. 89 p.
- ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. 3. ed. Brasília: Editora da UNB, 1986. 135 p.
- SÁ, T. R. B. T. **O Centro Histórico da cidade do Salvador e os discursos para montagem dos cenários**. 2000. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- SÂMARA, B. S. **Pesquisa de marketing: conceitos e metodologia**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1997. 219 p.
- SANTOS, I. B. **Jorge Amado: retrato incompleto**. Rio de Janeiro: Record, 1993. 207 p.
- SANTOS, M. **O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.
- _____. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997a. 84 p.
- _____. **O espaço do cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997b. 142 p.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1995. 308 p.
- _____. **A natureza do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **A natureza do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geo-grafia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978. 236 p.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000. 174 p.
- SAULE JÚNIOR, N.; CARDOSO, P. de M. **O direito à moradia no Brasil**. São Paulo: Instituto Pólis, 2005.
- SEGISMUNDO, F. Mestres do passado: Fernando Antônio Raja Gabaglia. **Revista Studia**, Rio de Janeiro, dez. 1949.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 205 p.

SCHWARCZ, L. M. O antropólogo da terra da mestiçagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.10, 7 ago. 2001.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E. W. C. (Orgs.). **A cidade e o urbano: temas para debates**. Fortaleza: EUFC, 1998.

SILVA, M. A. da. **Restauração empobreceu Pelourinho de baianidade**. 1995. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/cienciapress/press139/pelourinho.html>>. Acesso em: 04 jun. 2006

_____.; BRAGA, T. Le Pelourinho de Salvador de Bahia: du pilori éponyme à la restauration d'un quartier ancien. **Revue Espace Latins**, Paris, v. I, n. I, p. 1-1. 2000.

_____.; PINHEIRO, D. J. F. De picota a agora: la transformaciones del Pelourinho (Salvador, Bahia, Brasil). **Anales de Geografia de la Universidad Complutense de Madrid**, Madrid, n. 17, p. 23-42. 1997.

_____. **Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura**. Salvador: UFBA, 2004. 184 p.

SOUZA, C. F. de. Construindo o espaço da representação ou o urbanismo de representação. In: _____.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 52.

SOUZA, C. M. C. de. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade, bicos e cortiços. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan. 2005.

TÁTI, M. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. 180 p.

TAVARES, O. **Bahia: imagens da terra e do povo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. 298 p.

TEIXEIRA, C. **Mancha de dendê não sai**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/especial/153912.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel. 1983. 250 p.

_____. Literature and geography: implications for geographical research. In: LEY, D.; SAMUELS, M. S. (Eds.). **Humanistic geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa, c1978. p. 194-206.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

VIEIRA, C. Descendo a ladeira: Conder desiste de reformar casarões antigos da Montanha depois que Defesa Civil condenou a maioria dos imóveis. **Correio da Bahia**, Salvador, p. 6, 25 maio 2006.

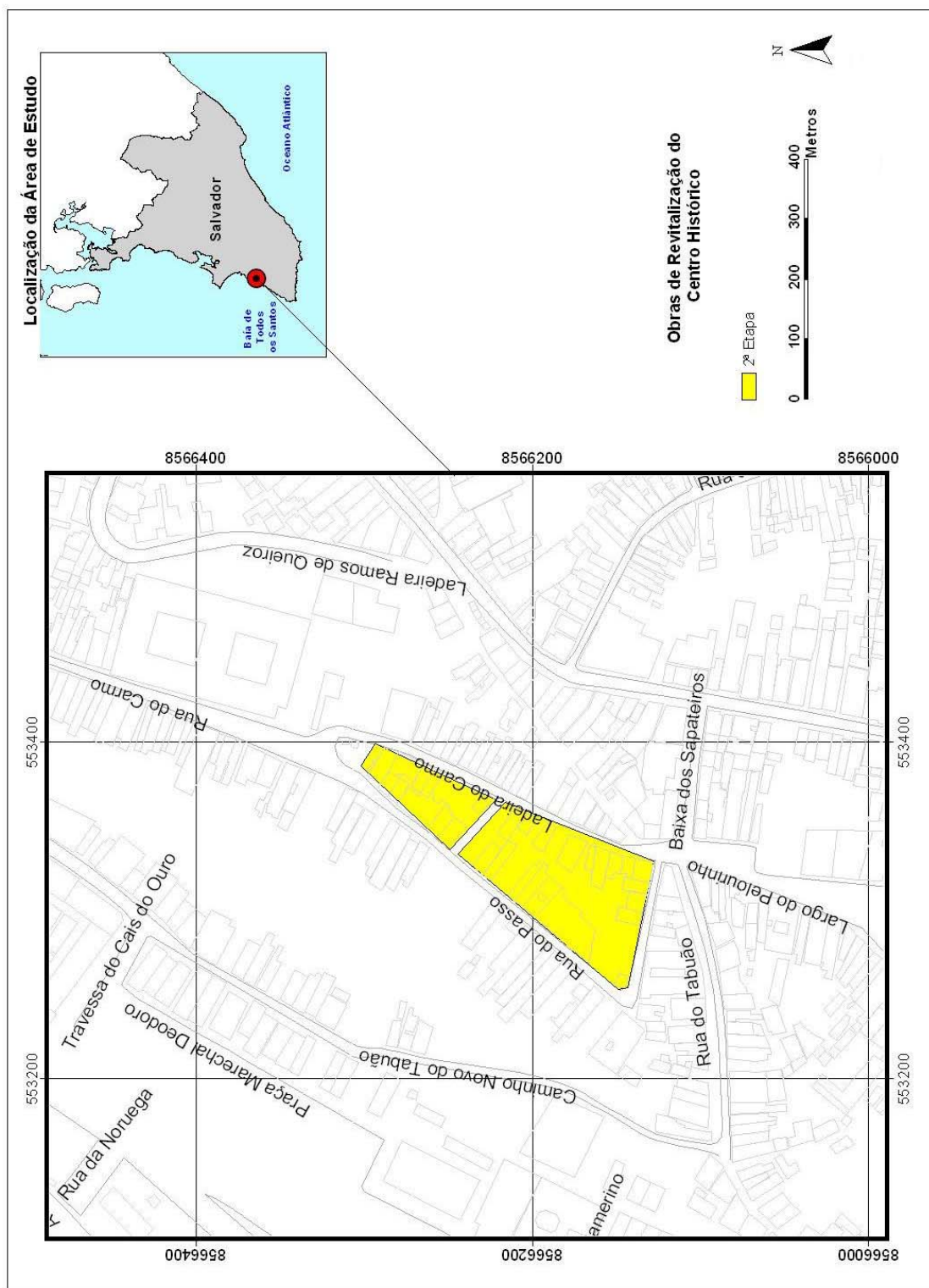
VIEIRA, N. M. **O Lugar da história na cidade contemporânea**: revitalização do Bairro Recife X recuperação do Pelourinho. 2000. 260 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

WANDERLEY, V. de M. **A Pedra do Reino**: sertão vivido de Ariano Suassuna. 1997. 283 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

ZANIRATO, S. H. A restauração do Largo do Pelourinho: edificação tão bonita de se ver, histórias não tão bonitas de se contar. **Dimensões**, Revista de História da UFES, Vitória, n.16, 2004.

A N E X O S

ANEXO A

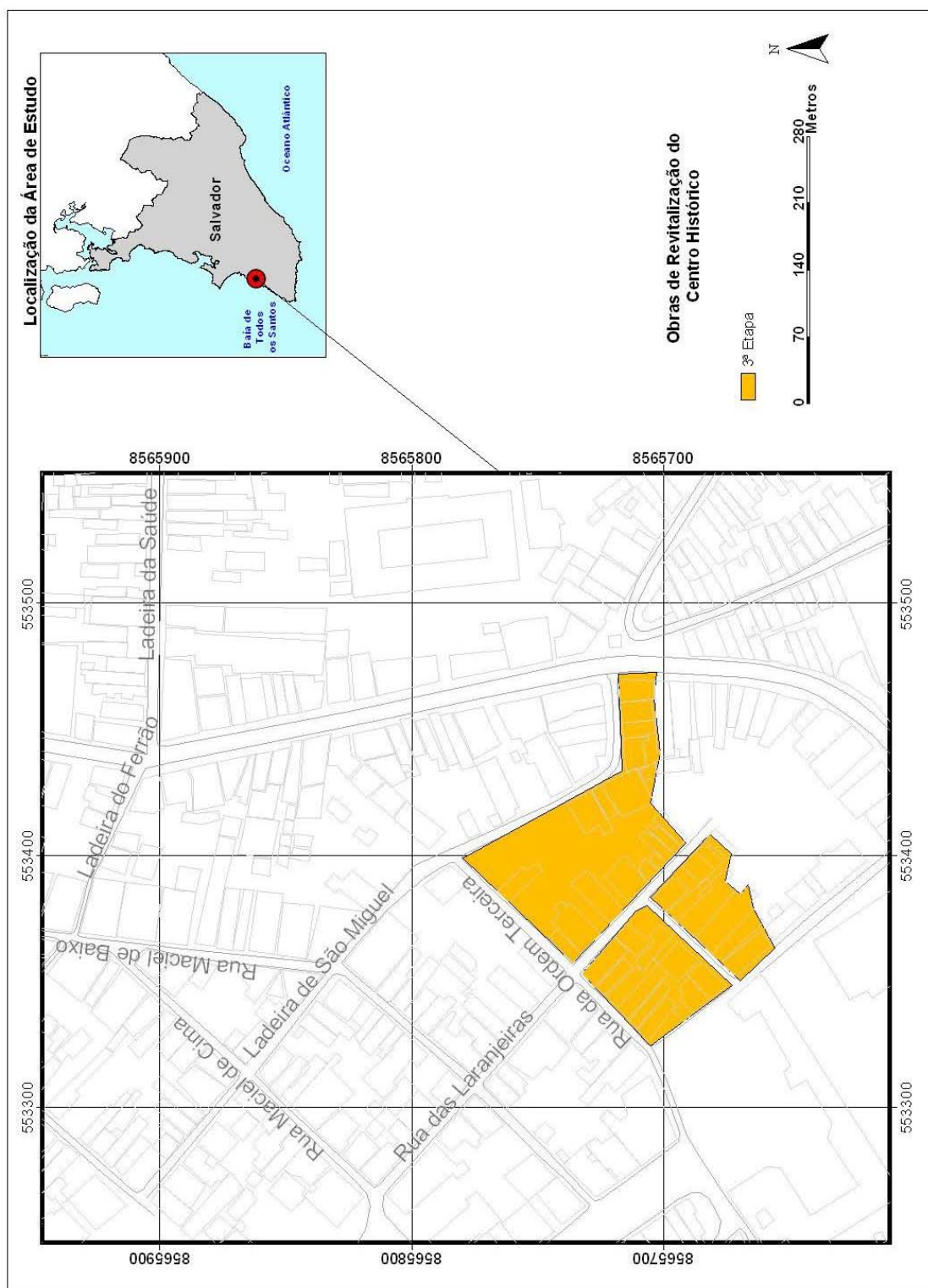


Mapa da 2ª Etapa da Requalificação

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

ANEXO B

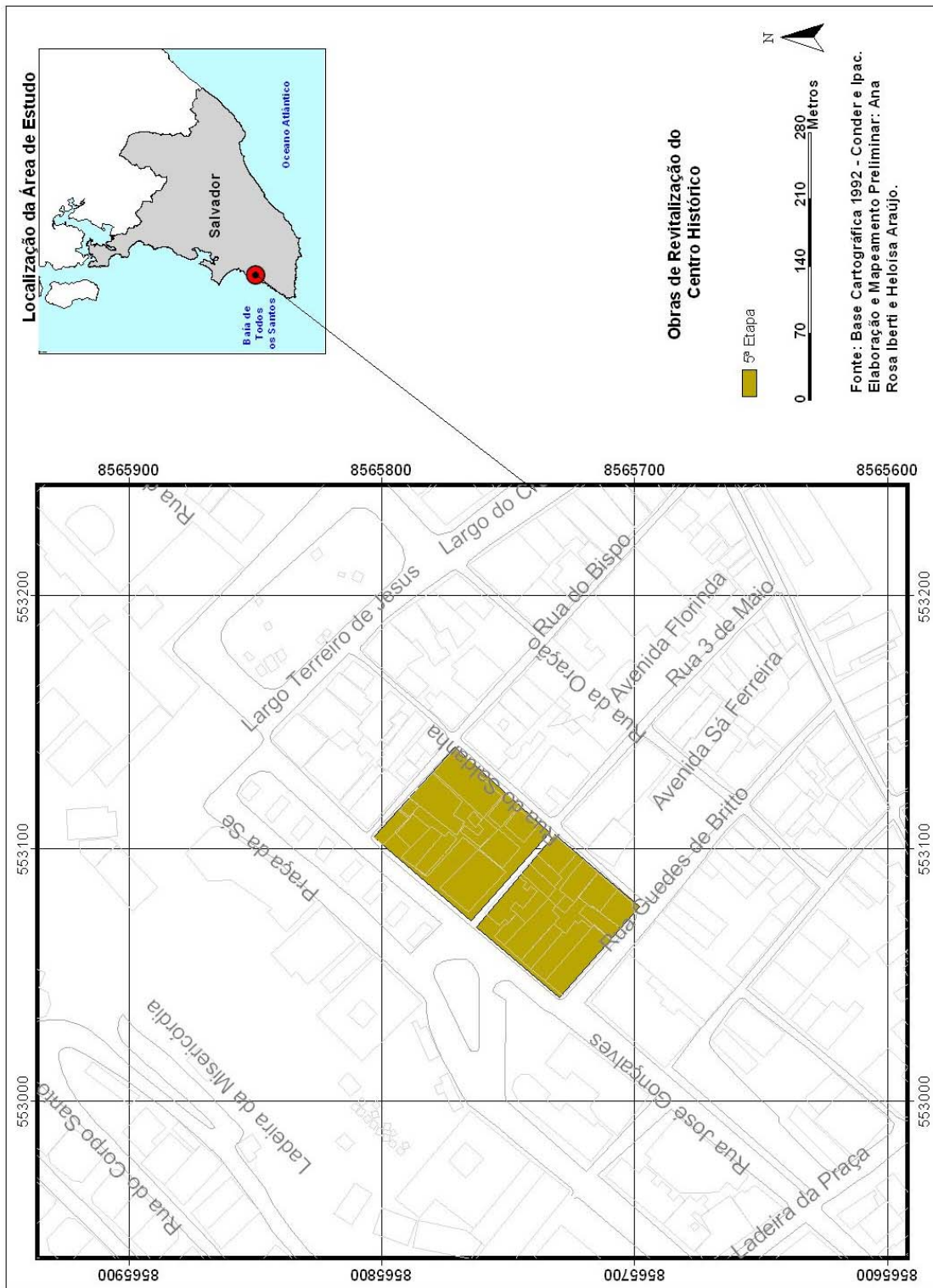


Mapa da 3ª Etapa de Requalificação do CHS

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

ANEXO C

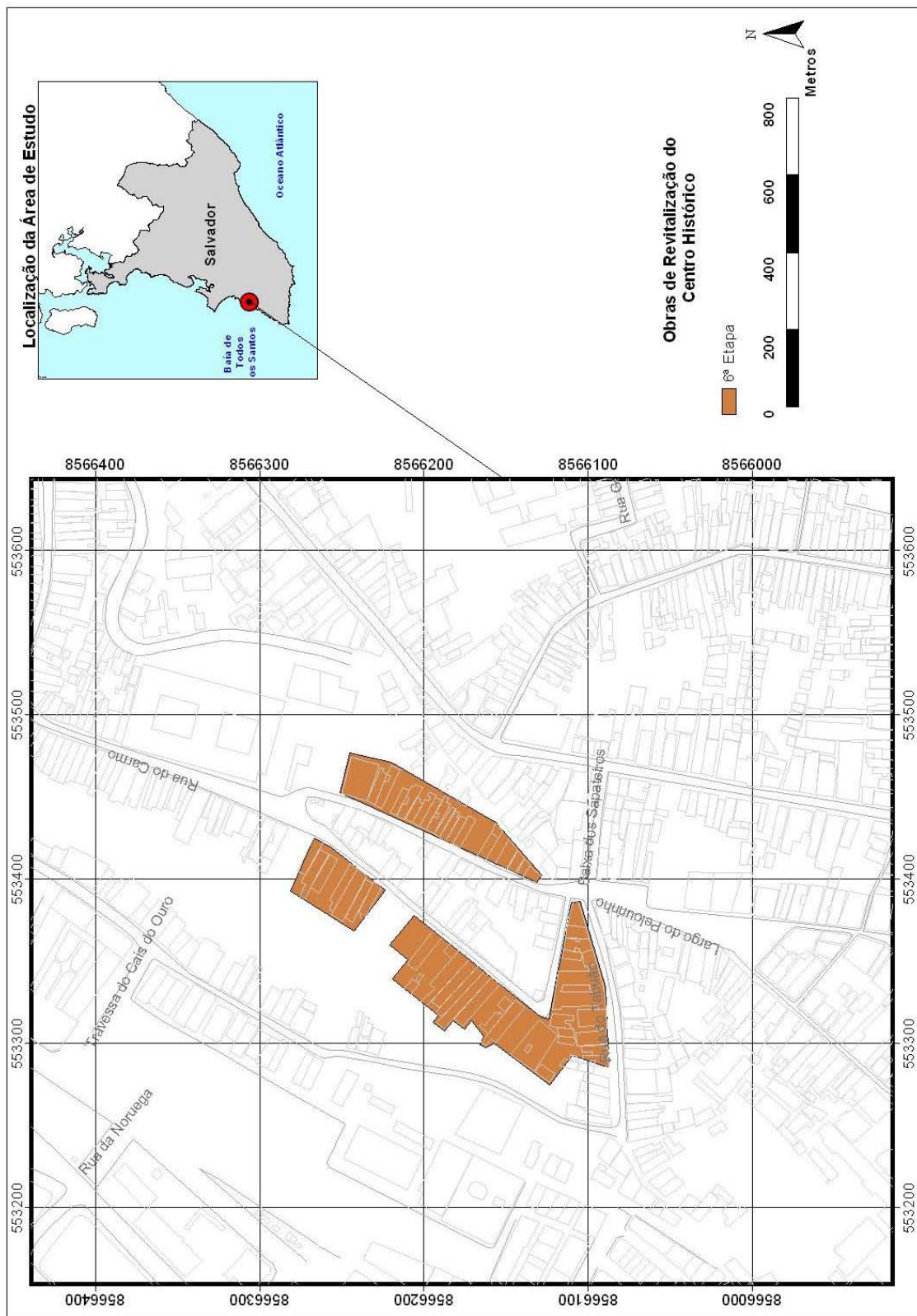


Mapa da 5ª Etapa de Requalificação do CHS

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

ANEXO D



Mapa da 6ª Etapa da Requalificação do CHS

Fonte: Base Cartográfica 1992 – CONDER.

Elaboração e mapeamento preliminar: Ana Rosa Iberti e Heloísa Araújo.

APÊNDICES

APÊNDICE A
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO: MORADORES DO PELOURINHO

1. LOCAL DE RESIDÊNCIA _____
2. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
3. FAIXA ETÁRIA: () 15 A 20 () 21 A 30 () 31 A 40 () 41 A 50 () 51 A 60 () ACIMA DE 61
4. HÁ QUANTO TEMPO MORA NO LOCAL? () 1 A 2 ANOS () 3 A 4 ANOS
() 5 A 6 ANOS () 7 A 8 ANOS () 9 A 10 ANOS () + DE 11 ANOS
5. ESCOLARIDADE: () NÃO ALFABETIZADO () ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO
() ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO () ENSINO MÉDIO COMPLETO
() ENSINO MÉDIO INCOMPLETO () ENSINO SUPERIOR
6. ESTÁ TRABALHANDO? () SIM () NÃO () DESEMPREGADO HÁ QUANTO TEMPO? _____
7. ATIVIDADE QUE EXERCE: _____ HÁ QUANTO TEMPO? _____
ONDE? _____
8. TEM FILHOS? () SIM () NÃO QUANTOS? _____
9. PARA VOCÊ, DEPOIS DA REQUALIFICAÇÃO, O PELOURINHO MUDOU PARA MELHOR ?
() SIM () NÃO POR QUE ? _____
10. E QUANTO À SEGURANÇA? _____
11. O QUE VOCÊ E SUA FAMÍLIA FAZEM COMO LAZER? _____
_____ ONDE? _____
12. QUAL(IS) A(S) ATIVIDADE(ES) DO PELOURINHO QUE MAIS LHE CHAMA(M) ATENÇÃO?
POR QUÊ? _____
13. SUA OPINIÃO SOBRE O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO E SOBRE A SAÍDA
FORÇADA DA POPULAÇÃO QUE VIVIA AQUI? _____
14. VOCÊ É MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CENTRO HISTÓRICO DE
SALVADOR? () SIM () NÃO POR QUÊ?

15. SUGESTÕES PARA MELHORAMENTOS NO PELOURINHO:
A) COMÉRCIO: _____
B) EDUCAÇÃO: _____
C) SAÚDE: _____
D) LAZER: _____
E) SEGURANÇA: _____
F) INFRA-ESTRUTURA (água, luz, esgoto): _____

APÊNDICE B
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO: TURISTA DO PELOURINHO

1. LUGAR DE ORIGEM/RESIDÊNCIA: _____
2. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
3. FAIXA ETÁRIA: () 15 A 20 () 21 A 30 () 31 A 40 () 41 A 50 () 51 A 60 () ACIMA DE 61
4. ESCOLARIDADE: _____
5. ATIVIDADE QUE EXERCE: _____
6. É A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ VEM A SALVADOR? () SIM () NÃO
7. ONDE FICA HOSPEDADO? _____
8. QUAL O MAIOR INTERESSE POR SALVADOR? _____
9. O QUE O (A) ATRAIU AO PELOURINHO? _____
10. JÁ LEU ALGUMA OBRA DE JORGE AMADO REFERENTE AO PELOURINHO?
() SIM () NÃO QUAL (IS)? _____
11. A PARTIR DAS LEITURAS DA OBRA DE JORGE AMADO, ANTES DE CONHECER O PELOURINHO, QUAL A IMAGEM QUE VOCÊ FAZIA DO PELOURINHO? COINCIDE COM A IMAGEM QUE TEVE? O QUE E COMO DIFERE ? _____

12. QUAL O PERSONAGEM DA OBRA DE JORGE AMADO QUE MAIS LHE MARCOU. PORQUE? _____
13. E AGORA, QUAL A IMAGEM QUE VOCÊ FAZ DO PELOURINHO? _____

14. VÊ ALGUMA RELAÇÃO COM O PELOURINHO DE HOJE E AQUELE DOS PERSONAGENS DE JORGE AMADO? _____
15. O QUE ACHA DO PELOURINHO?
 - A) TEM UM BOM COMÉRCIO? () SIM () NÃO
 - B) BONS RESTAURANTES? () SIM () NÃO
 - C) SEGURANÇA AO TURISTA? () SIM () NÃO
 - D) O POVO É AMÁVEL? () SIM () NÃO
 - E) TEM BOA INFRA-ESTRUTURA ? _____
 - F) O QUE PODERIA SER MELHORADO ? _____
 - G) O QUE O PELOURINHO REPRESENTA PARA VOCÊ? _____

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – CLASSE: ÓRGÃOS PÚBLICOS

1. Por que se pensou e se realizou a Requalificação do Centro Histórico? Quais seus focos ou objetivos?

2. De que modo pode ser avaliado a atuação da CONDER e do IPAC até está 7ª etapa da Requalificação do Centro Histórico? Foram alcançados os objetivos iniciais do projeto?

3. A ONU fez, em junho de 2004, um relatório apresentando dez recomendações ao Governo Brasileiro sobre a situação do Pelourinho. Qual a situação hoje em relação a estas recomendações?

4. Qual a participação da população nesta atual 7ª etapa da requalificação?

5. Com relação aos remanejamentos das famílias que já residem no local para dentro desse limites da 7ª etapa de requalificação: o que foi feito? Verdadeiramente, isso saiu do papel? Por que?

6. Quais as responsabilidades diretas e efetivas do Estado em relação à manutenção do Centro Histórico de Salvador?

7. A requalificação priorizou o turismo. Qual a participação destes turistas e a reação deles quanto à requalificação do Centro Histórico? Algo foi medido ou pesquisado neste sentido?

8. Quais as perspectivas do término desta 7ª etapa? Existe alguma previsão para outras etapas acontecerem?
